EDMUNDO O'GORMAN

A INVENÇÃO DA AMÉRICA

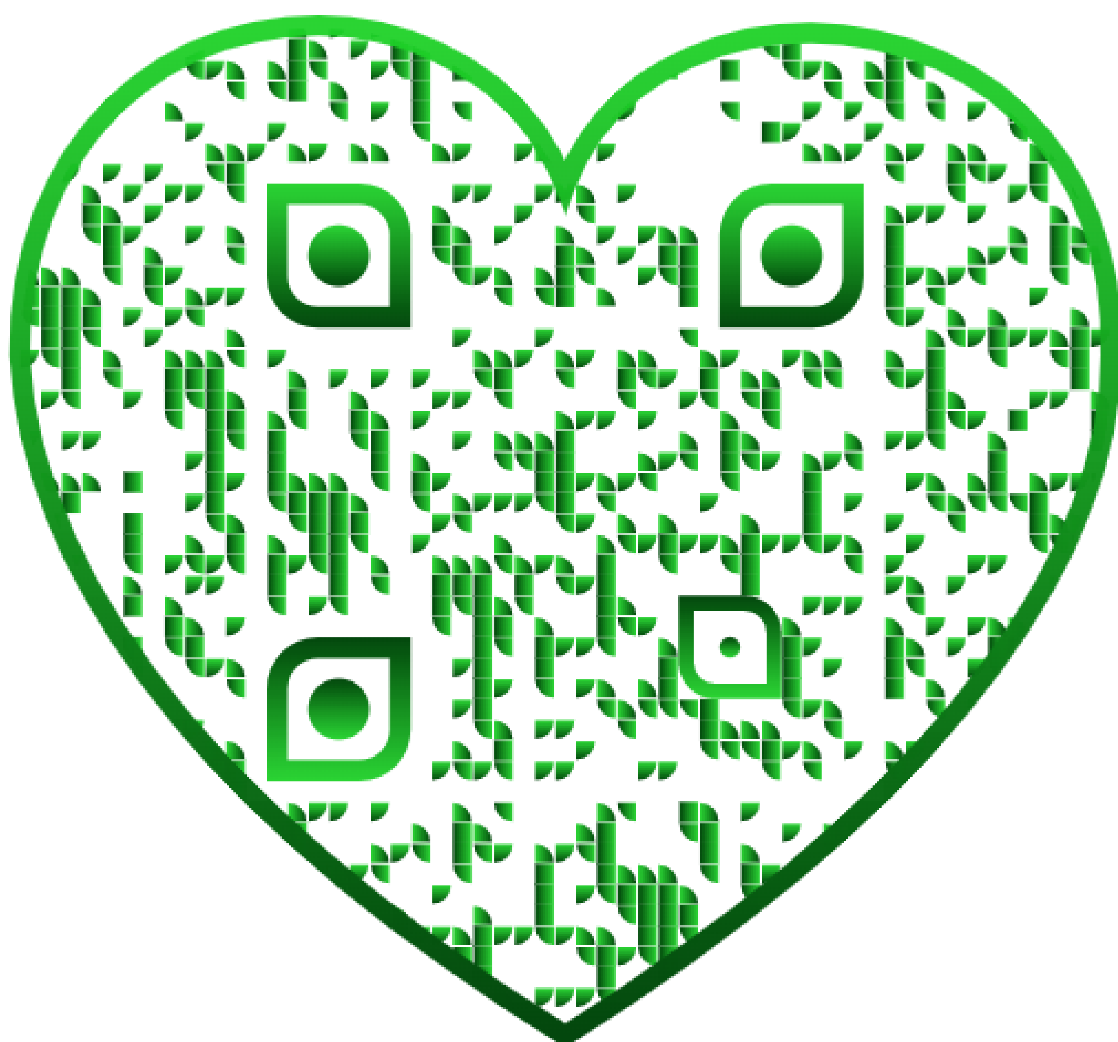
A opção pelo termo "invenção" é sugestiva pela ambiguidade que possibilita. De um lado, o termo vem acompanhado de toda uma visão de América, na qual predomina o fantástico, o fabuloso, o legendário, o mítico; de outro lado, o termo pode lembrar algo que é construído racionalmente.

A INVENÇÃO DA AMÉRICA



EDMUNDO O'GORMAN

Editora UNESP



2,20

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

Presidente do Conselho Curador
Herman Jacobus Cornelis Voorwald

Diretor-Presidente
José Castilho Marques Neto

Editor-Executivo
Jézio Hernani Bomfim Gutierre

Conselho Editorial Acadêmico
Alberto Tsuyoshi Ikeda
Célia Aparecida Ferreira Tolentino
Eda Maria Góes
Elisabeth Criscuolo Urbinati
Ildeberto Muniz de Almeida
Luiz Gonzaga Marchezan
Nilson Ghirardello
Paulo César Corrêa Borges
Sérgio Vicente Motta
Vicente Pleitez

Editores-Assistentes
Anderson Nobara
Henrique Zanardi
Jorge Pereira Filho

EDMUNDO O'GORMAN

A INVENÇÃO DA AMÉRICA

REFLEXÃO A RESPEITO DA ESTRUTURA HISTÓRICA DO NOVO MUNDO E DO SENTIDO DO SEU DEVIR

Tradução de

Ana Maria Martinez Corrêa

Manoel Lelo Bellotto

Editora UNESP
Fundação para o Desenvolvimento da UNESP

Copyright © 1986 by Fondo de Cultura Económica, S. A. de C. V.
Título original em espanhol: La Invención de América.
Copyright © 1992 da tradução brasileira:
Editora Unesp, da Fundação para o Desenvolvimento
da Universidade Estadual Paulista (FUNDUNESP)
Av. Rio Branco, 1210
01206 - São Paulo - SP
Fone/Fax.: (011) 223-9560

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

O'Gorman, Edmundo, 1906-
A invenção da América: reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido do seu devir / Edmundo O'Gorman; tradução de Ana Maria Martinez Corrêa, Manoel Lelo Bellotto. - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. - (Biblioteca Básica)

Bibliografia.
ISBN 85-7139-025-8

1. América - Descobrimento e exploração 2. América - Histórica I. Título. II. Título: Reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido do seu devir. III. Série.

92-1977 CDD-970.01

Índices para catálogo sistemático:
1. América: Descobrimento e explorações: História 970.01

TOMBO C140837
FA C DATA
NF
VALOR
PROCED.

970.015
O34i
Ex. 2

À
Universidade Nacional Autônoma do México
com gratidão e amor



SUMÁRIO

9 Apresentação
15 Advertência
17 Prólogo
23 Primeira Parte
História e crítica da idéia do descobrimento da América
69 Segunda Parte
O horizonte cultural
97 Terceira Parte
O processo de invenção da América
181 Quarta Parte
A estrutura do ser da América e o sentido da história americana
209 Fontes
211 Índice remissivo

PRIMEIRA PARTE

HISTÓRIA E CRÍTICA DA IDÉIA DO DESCOBRIMENTO DA AMÉRICA

Até que enfim alguém veio me descobrir!
Epígrafe do dia 12 de outubro de 1492
num imaginário *Diário íntimo da América.*

I

Não será difícil convir que o problema fundamental da história americana consiste em explicar satisfatoriamente o aparecimento da América no seio da Cultura Ocidental, porque essa questão envolve, a maneira de se conceber o ser da América e o sentido que se há de atribuir à sua história. Pois bem, todos sabemos que a resposta tradicional consiste na afirmação de que a América resultou do seu descobrimento, idéia que tem sido aceita como algo por si só evidente e constitui, nos dias de hoje, um dos dogmas da historiografia universal. Mas é possível realmente afirmar-se que a América foi descoberta sem que se incorra em um absurdo? Esta é a dúvida com que queremos iniciar estas reflexões.

Comecemos por justificar nosso ceticismo, mostrando por que motivo é lícito suscitar uma dúvida, ao que parece tão extravagante. A tese é esta: que Colombo, ao chegar no dia 12 de outubro de 1492 a uma pequena ilha que acreditou pertencer a um arquipélago adjacente ao Japão, descobriu a América. Mas perguntamos se isso foi em verdade o que ele, Colombo, fez ou se isso é o que agora se diz que ele fez. É óbvio que se trata da segunda e não da primeira afirmação. Esta colocação é decisiva, porque revela, de imediato,

que quando os historiadores afirmam que a América foi descoberta por Colombo, não descrevem um fato em si evidente, mas sim nos oferecem a maneira pela qual, segundo eles, deve-se entender um fato evidentemente muito diferente: é claro que chegar a uma ilha que se acredita próxima do Japão não é a mesma coisa que revelar a existência de um continente que, até então, ninguém suspeitava que existisse. Em suma, vê-se que não se trata daquilo que, por documentos, sabe-se que aconteceu, mas de *uma idéia* a respeito daquilo que se sabe que aconteceu. Dito de outro modo, quando se assegura que Colombo descobriu a América, não se trata de um fato, mas meramente da interpretação de um fato. Mas se isto é assim, será necessário admitir que nada impede, salvo a preguiça ou a rotina, que se ponha em dúvida a validade dessa maneira peculiar de entender o que fez Colombo naquela memorável data, embora seja apenas mais uma maneira, entre outras possíveis, de entender o ocorrido. É, lícito, pois, levantar a dúvida que temos suscitado.

Levantada a dúvida, é muito importante compreender convenientemente o seu alcance, porque há o risco de se incorrer num equívoco que conduziria a uma lamentável confusão. Entenda-se bem e de uma vez por todas: o problema que colocamos não consiste em pôr em dúvida se foi ou não Colombo quem descobriu a América, já que essa dúvida supõe admitir a idéia de que a América foi descoberta. Não, nosso problema é logicamente anterior e mais radical e profundo: consiste em pôr em dúvida se os acontecimentos que até agora têm sido vistos como o descobrimento da América devem ou não continuar entendendo-se como tal. Portanto, o que vamos examinar não é como, quando e quem descobriu a América, mas se a própria idéia de que a América foi descoberta é uma maneira adequada de entender os acontecimentos, isto é, se com essa idéia se consegue ou não explicar, sem objeção lógica, a totalidade do fenômeno histórico em questão. Nada, pois, tem de extravagante nossa atitude. É a atitude de um homem de ciência que, frente a uma hipótese, sujeita-a à revisão, seja para concordar com ela se não encontra uma explicação

melhor, seja para repudiá-la e substituí-la por outra, em caso contrário. Tem sido sempre esta a marcha no progresso do conhecimento.

Estamos convencidos de que as considerações anteriores são suficientes para que se nos conceda o benefício da dúvida. Quem não pensa assim, deve suspender esta leitura e continuar encastelado em suas opiniões tradicionais. Quem, ao contrário, entender que estamos diante de um verdadeiro problema, já deu o passo decisivo: despertou, como dizia Kant, do seu sono dogmático.

Uma vez colocada em dúvida a validade da idéia que explica o aparecimento da América como o resultado do seu descobrimento, devemos pensar de que modo se pode prová-la. Em princípio, isto não oferece maior dificuldade. Com efeito, como toda interpretação é resposta a uma exigência prévia, que é de onde deriva a sua verdade, o problema se reduz a examinar se referida exigência conduz ou não a um absurdo, porque é evidente que, se for assim, deve-se recusar a interpretação para substituí-la por outra mais satisfatória. Mas então, como comprovar se isso acontece em nosso caso? Eis aqui a questão.

Pois bem, como a idéia de que Colombo descobriu a América, quando aportou a uma ilha que acreditava próxima ao Japão, não descreve o acontecimento histórico segundo aparece nos testemunhos, é óbvio que a exigência que deu origem àquela interpretação não procede do fundamento empírico do fato interpretado, isto é, é óbvio que não se trata de uma interpretação apoiada nos fatos (*a posteriori*), mas de uma interpretação fundada numa idéia prévia a respeito dos fatos (*a priori*). Se é assim, o que é que devemos examinar para averiguar em que consiste essa idéia prévia, para poder comprovar se conduz ou não a um absurdo? A resposta não permite dúvida: já que é inútil examinar o fato interpretado, porque a idéia não depende dele, é claro que devemos examinar o fato próprio da interpretação, que é um fato tão histórico como o outro. Numa palavra, para saber a que se deve a idéia de que Colombo descobriu a América, apesar de saber que ele executou um ato

muito diferente, é necessário averiguar quando, como e por que se pensou assim uma primeira vez e por que se continua a aceitar. Vale dizer, será necessário reconstruir a história, *não a do descobrimento da América, mas a da idéia de que a América foi descoberta*, o que não é o mesmo. Isso é o que vamos fazer.[1]

II

Já que nossa tarefa consiste em contar a história da idéia do descobrimento da América, nossa primeira preocupação deve ser a averiguação da origem dessa idéia. Sabemos que Colombo não é responsável por ela. Quando, então, concebeu-se pela primeira vez a viagem de 1492 como uma empresa de descobrimento?

Uma pesquisa documental realizada em outra obra[2] demonstrou que a idéia foi gerada num relato popular, que os eruditos chamam de "lenda do piloto anônimo". Vamos recordá-la brevemente, de acordo com as informações do padre Bartolomeu de las Casas, testemunho mais direto que temos desse assunto. Diz que os primitivos colonos da ilha Espanhola (Haiti começou a ser povoado por espanhóis em 1494), entre os quais havia alguns que acompanharam Colombo na sua primeira viagem, estavam convencidos de que o motivo que levou o almirante a fazer a travessia foi o desejo de mostrar a existência de umas terras desconhecidas, das quais tinha notícia por informações que lhe dera um piloto, cuja embarcação havia sido lançada às praias por uma tempestade.[3]

Considerando a distante data e o conteúdo do relato, é forçoso concluir que nele se concebe, pela primeira vez, a viagem de 1492

1. Este tema foi amplamente desenvolvido por mim no meu livro *La idea del descubrimiento de América*. No presente trabalho aproveito as pesquisas então realizadas e a elas remeto o leitor que se interessa por detalhes polêmicos e documentais. Devo advertir, no entanto, que modifiquei algumas idéias; assim, a atual exposição representa melhor o que agora penso sobre o tema.
2. O'Gorman, *La idea del descubrimiento*, Primera Parte, I, 2.
3. Las Casas, *Historia de las Indias* I, XIV. Também Oviedo, *Historia*, Primera Parte, II, ii, e Gómara, *Historia General*, XIII.

como uma empresa de descobrimento, pois em lugar de admitir o verdadeiro objetivo que incentivou Colombo – chegar ao extremo oriental da Ásia – , afirma-se que sua finalidade era revelar terras desconhecidas.

Esta maneira de entender a "lenda" foi objetada por dois motivos. Alega-se que é indevido atribuir-lhe o sentido de uma interpretação da viagem colombina, primeiro, porque o acontecimento que se relata é falso e, segundo, porque a "lenda" não teve esse objetivo, mas foi forjada como uma arma polêmica para ser empregada contra os interesses e o prestígio de Colombo.[4] Pois bem, admitindo a verdade destas duas circunstâncias, não é difícil constatar que nenhuma constitui uma objeção à nossa tese. Com efeito, a respeito da primeira, é óbvio que a inverdade explícita do relato não impede que contenha uma interpretação do acontecimento a que se refere. Se levássemos em conta esse argumento, a maioria dos historiadores modernos afirmaria por exemplo, que *A Cidade de Deus* de Santo Agostinho não contém uma interpretação da história universal, pois é falso que exista uma providência divina que regule e governe os destinos humanos. A segunda objeção é igualmente ineficaz, pois, a ser correto que a "lenda" teve por objetivo criar uma arma polêmica contra os interesses e o prestígio de Colombo, ela poderia servir para tal fim somente se desse significado a uma interpretação da viagem. É como se, para continuar com o mesmo exemplo, se alegasse não ser possível aceitar *A Cidade de Deus* como uma interpretação da história universal, porque o objetivo de Santo Agostinho ao escrevê-la era, como de fato foi, oferecer ao Cristianismo uma arma polêmica contra os pagãos. Deixemos de lado, pois, essas supostas objeções e passemos a considerar a verdadeira dificuldade que apresenta o fato mesmo da existência da "lenda" e do amplo crédito que, como é sabido, se lhe deu de imediato.[5]

4. Veja-se Marcel Bataillon e Edmundo O'Gorman, *Dos concepciones de la tarea histórica con motivo de la idea del descubrimiento de América*, Imprenta Universitaria, México, 1955.
5. Para um inventário, veja-se Jean Henry Vignaud, *Histoire Critique de la Grande*

Não é fácil entender, num primeiro momento, como pôde surgir a "lenda" e porque foi aceita, a despeito e apesar da crença de que Colombo chegara à Ásia, versão que se divulgou como coisa pública e notória ao retorno da sua primeira viagem. A solução para este pequeno enigma tem preocupado a muitos escritores modernos, sem que, para dizer a verdade, o tenham resolvido satisfatoriamente, pois ou se limitam a mostrar sua indignação contra o anônimo "invejoso" que criou calúnia tão desairosa,[6] ou então negam o problema em lugar de resolvê-lo, alegando, contra toda a evidência, que a crença de Colombo era um segredo do qual não estavam inteirados os historiadores.[7] Parece-me que a solução se encontra no geral ceticismo com que foi recebida a crença de Colombo,[8] pois só assim se compreende que, fora dos círculos oficiais bem inteirados, se duvidara da sinceridade desse "italiano burlador" como diziam alguns,[9] e que, portanto, se tenha buscado uma explicação para a sua viagem, apoiada em alguma circunstância mais ou menos plausível. É possível imaginar muitos possíveis pretextos, inclusive alguns eruditos acreditaram poder ressaltar o que consideram o "núcleo histórico" da "lenda",[10] e até se poderia

Entreprise de Christophe Colomb, Paris, 1917. Com o objetivo de mostrar que a crença na lenda do piloto anônimo não foi tão generalizada, foram invocados os testemunhos de Oviedo e de Las Casas, mas a verdade é que estes autores não negam a possível veracidade dessa "lenda" embora tenham se inclinado a considerá-la duvidosa. Oviedo, *Historia*, Primera Parte, I, ii e iv e Las Casas, *Historia*, I, XIV.

6. Entre os mais destacados historiadores que adotam esta atitude, encontram-se Gaffarel, Gallois, Humboldt, Haebler,Morison, Roselly de Lorgues, Ruge e Tarducci.
7. Enrique de Gandia, "Descubrimiento de América" em *Historia de América*, publicada sob a direção de Ricardo Levene, Buenos Aires, 1940, v. III, p. 8.
8. Veja-se mais adiante. Terceira Parte, V.
9. Gómara, *Historia General*, XV.
10. Enrique de Gandia, "Descubrimiento de América", *op.cit.*, na nota 7 e Luis de Ulloa, *El pre-descubrimiento hispano-catalán de América em 1477*, Paris, 1928. Gandia, aproveitando traballios de Jaime Cortesão, "El marino Pedro Vázquez de la Frontera y el descubrimiento de América"' no *Boletín del Instituto de Investigaciones Históricas*, Buenos Aires, 1933, que identifica Vázquez de la Frontera com Pedro Velasco citado por Fernando Colombo, *Vida del Almirante*, IX e por Las Casas, *Historia*, I, xiii, e sugere que se trata do personagem cujas viagens inspiraram a lenda do piloto anônimo. Veja-se Gandia, *Historia de Cristóbal Colón análisis crítico de las fuentes documentales y de los problemas colombinos*, Buenos Aires, 1942.

pensar que alguma frase do próprio Colombo tenha dado sentido ao relato ou, pelo menos, que o tenha sugerido.[11]

Estas especulações têm, no entanto, um interesse muito secundário para os nossos objetivos, pois o importante é que, ao surgir a "lenda" como explicação histórica da viagem, iniciou-se o processo do desconhecimento da finalidade que realmente a incentivou e esta circunstância, que chamaremos "a ocultação do objetivo asiático da empresa" é, nem mais nem menos, a condição que tornou possível a idéia de que Colombo descobriu a América, segundo haveremos de comprovar mais adiante.

Mas, se é certo que na "lenda" está o germe dessa interpretação, não devemos superestimar seu alcance. É óbvio que não se trata ainda do descobrimento da América, pois a "lenda" apenas se refere a umas terras indeterminadas no seu ser específico, e não é menos óbvio que, de acordo com ela, o verdadeiro descobridor seria o piloto anônimo, por haver sido o primeiro que realizou o achado. Destas conclusões, infere-se que o próximo passo consistirá em verificar de que maneira a viagem de 1492, já interpretada como uma empresa descobridora de terras ignoradas, será referida especificamente à América e como se pode atribuir o descobrimento a Colombo, em lugar de atribuí-lo ao seu rival, o piloto anônimo.

III

O texto mais antigo em que Colombo aparece como descobridor da América é o *Sumario de la natural historia de las Indias*, de Gonzalo Fernández de Oviedo, livro publicado uns trinta anos após a época em que deve ter surgido a "lenda do piloto anônimo".[12] Este pequeno livro é apenas uma espécie de

11. Algo assim parece indicar uma frase de Oviedo, *Historia*, Primeira Parte, II, vi. Diz: "*Y de ver salido tan verdadero el Almirante, en ver la tierra en el tiempo que había dicho, se tuvo más sospecha que él estaba certificado del piloto que se dijo que murió en su casa, según se tocó de suso.*"
12. Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés. *Sumario de la Natural historia de las Indias*, publicado pela primeira vez em Toledo, em 15 de fevereiro de 1526.

súmula prévia da *Historia General* que já escrevia então o autor e nele limita-se a registrar as informações acerca da natureza da América que, a seu ver, podiam interessar mais intensamente ao imperador Dom Carlos, a quem foi dedicado. Não surpreende que no *Sumario* só se encontre uma alusão ao nosso tema, mas uma alusão muito significativa.

Remetendo o leitor à *Historia General*, onde, conforme diz, tratará exaustivamente do assunto, Oviedo afirma que, "como é notório"' Colombo descobriu as Índias (isto é, a América) em sua viagem de 1492.[13] Isso é tudo, mas não é pouco se considerarmos que aqui teremos afirmada, pela primeira vez de modo inequívoco, a idéia cuja história estamos reconstruindo.

Se não estivéssemos nas considerações preliminares, a opinião de Oviedo seria muito desconcertante, porque, sem ter conhecimento da interpretação prévia contida na lenda do piloto anônimo e da ocultação que nela se faz dos motivos que animaram Colombo e de sua crença de ter chegado na Ásia, seria muito difícil explicá-la. Com efeito, está claro que se a Oviedo parecia "notório" que o feito de Colombo foi descobrir terras desconhecidas, isto é, se lhe parecia que esta maneira de entender a viagem de 1492 era algo que não requeria prova nem justificação,teria de ser assim, pois era assim que se vinha entendendo há tempos. Tratava-se, pois, de uma opinião recebida que ele simplesmente recolheu e repetiu.

Mas se isto parece indiscutível, não se vê tão facilmente por que Oviedo não se refere apenas ao descobrimento de regiões indeterminadas como acontece na lenda, mas especificamente às Índias, ou seja, à América. A razão de tão decisiva mudança é que, durante os trinta anos que haviam transcorrido desde o aparecimento da "lenda" havia se desenvolvido um processo ideológico

13. Eis aqui a frase: "*Que, como es notorio, don Cristóbal Colón, primero almirante de estas Índias, las descubrió en tiempo de los católicos reyes don Fernando y doña Isabel, abuelos de vuestra majestad, en el año de 1491 y vino a Barcelona em 1492...*" O erro nos anos, que devem ser, respectivamente, 1492 e 1493, deve-se, com toda a probabilidade, a uma falha de memória.

que culminou, como veremos na Segunda Parte deste trabalho, com a convicção de que as terras visitadas pelo almirante em 1492 faziam parte de uma massa continental separada da Ásia e concebida, portanto, como uma entidade geográfica distinta, chamada de América por uns e de Índias pelos espanhóis.[14]

Assim, Oviedo, ao dar como verdade indiscutível a interpretação da viagem de 1492 como empresa descobridora, também considerou, que tal descobrimento foi das Índias (América), uma vez que somente por essa identidade se conheciam as regiões encontradas por Colombo.

Esta nova maneira de entender a façanha colombiana que consiste, conforme acabamos de explicar, em interpretar um ato de acordo com os resultados de um processo de data muito posterior à do ato interpretado, suscitou um grave problema que convém destacar, porque será o eixo em torno do qual vai girar toda esta extraordinária história. Com efeito, diferentemente da "lenda"' afirma-se agora que o descobrimento foi, não de regiões indeterminadas em sua identidade, mas sim de um continente imprevisível. Para poder afirmar que Colombo revelou a existência do referido continente, será indispensável mostrar que teve consciência desse ser, cuja existência dizem que revelou, pois, do contrário, não se poderia atribuir a Colombo o descobrimento. A fim de que isto fique inteiramente claro, vamos citar um exemplo. Suponhamos que o zelador de um arquivo encontre um velho papiro num depósito. No dia seguinte, dá a notícia a um professor universitário de letras clássicas e este reconhece que se trata de um texto perdido de Aristóteles. A pergunta é esta:quem é o descobridor desse documento, o zelador que o encontrou ou o professor que o identificou? É evidente que se se considera como mero objeto físico, como um papiro qualquer, foi o zelador quem o descobriu. Esse é o caso da interpretação contida na lenda do piloto anônimo. Mas é igualmente evidente que se se considera o documento como

14. Sabemos com certeza que era assim que Oviedo concebia essas terras. Veja-se *Historia*, Primeira Parte, XVI, Proêmio.

um texto de Aristóteles, seu descobridor foi o professor, pois foi ele quem teve consciência do que era. Assim, se alguém, informado a respeito do acontecimento, quisesse assegurar que o verdadeiro descobridor do texto havia sido o zelador do arquivo e que a ele cabia a fama científica do encontro, ninguém estaria de acordo a não ser que mostrasse que teve consciência do que havia encontrado naquele depósito. É esse, precisamente, o caso em que se coloca Oviedo e todos aqueles que, depois dele, vão sustentar que Colombo foi o descobridor da América. Já se irá vislumbrando a dificuldade iminente, quando não for mais possível continuar desconhecendo o que em realidade pensou Colombo do seu achado. Esta crise, sem dúvida, não se apresentará de imediato, porque, conforme dissemos, a conseqüência fundamental da "lenda" foi, precisamente, ocultar aquela opinião.

Colocada dessa forma a questão, vamos examinar em seguida as tentativas que se fizeram para superá-la. Trata-se de três teorias sucessivas que integram um processo lógico e que, como se verá oportunamente, acabará fatalmente por levar ao absurdo a idéia do descobrimento da América.

IV

Uma vez lançada a idéia de que o que havia sido descoberto era a América, isto é, um continente até então não só imprevisto como imprevisível, o único problema que restava era a quem atribuir a fama de tão extraordinário feito, ao piloto anônimo ou a Cristóvão Colombo, ou para falar em termos de nosso exemplo, ao zelador que encontrou o papiro ou ao pesquisador que o identificou como um texto de Aristóteles. Para resolver este conflito, houve duas tentativas iniciais, ambas insuficientes pelo que se verá em seguida, e uma terceira que soube encontrar a solução ao dilema. O conjunto desses esforços constitui a primeira grande etapa do processo. Vamos examiná-la em seus passos fundamentais.

1. Primeira tentativa: Oviedo.
Historia general y natural de las Indias.[15] Eis a tese:

a) A explicação tradicional de como ocorreu o descobrimento da América é insatisfatória, porque o relato do piloto anônimo é duvidoso. Mas supondo que seja certa a intervenção deste personagem, é a Colombo que corresponde a glória do descobrimento das Índias.

b) A razão é que, independentemente de ter recebido ou não a informação do piloto anônimo, Colombo soube o que eram as terras cuja existência revelou, isto é, teve consciência do ser dessas terras.

c) Mas como? Colombo, disse Oviedo, sabia o que ia encontrar desde que propôs a viagem. Com efeito, como as Índias, explica, não são senão as Hespérides de que tanta menção fazem os escritores antigos, Colombo inteirou-se de sua existência e de seu ser, através da leitura dessas obras. Assim, sabedor de que tais terras existiam e do que eram e talvez fortalecido, além disso, pelo relato do piloto anônimo, saiu à procura delas e as descobriu.[16]

2. Segunda tentativa: Gómara.
Historia general de las Indias.[17] Eis a tese:

a) A explicação tradicional é satisfatória, porque o relato do piloto anônimo é verdadeiro.

b) O fabuloso é pensar que Colombo haja constatado a existência das terras que encontrou em leituras de livros clássicos. O que se pode crer é que tenha confrontado o relato do piloto anônimo com as opiniões de homens doutos acerca do que diziam os antigos sobre "outras terras e mundos".

c) Colombo, portanto, é apenas o segundo descobridor. O primeiro e verdadeiro foi o piloto anônimo, porque a ele se deve

15. Oviedo, *Historia general y natural de las Indias, Islas y Tierra-Firme del Mar Oceáno*. A Primeira Parte foi publicada em Sevilha, 1535.
16. Oviedo, *Historia*, Primeira Parte, II, i-iv.
17. Francisco López de Gómara, *Historia general de las Indias*. Zaragoza, 1552-53.

o conhecimento das Índias, que até então haviam permanecido totalmente ignoradas.[18]

Se considerarmos estas duas teses, constata-se que nenhuma consegue resolver satisfatoriamente o problema. A de Oviedo, é certo, reconhece o que deve ser atribuído ao descobridor, porque Colombo aparece como *tendo consciência do ser específico das terras* cujo descobrimento se lhe atribui. Mas o descobrimento, por outro lado, deixa de o ser porque ao identificar-se a América com as Hespérides, já não se trata de algo cuja existência fosse desconhecida, mas meramente de algo esquecido ou perdido.[19]

A tese de Gómara, por sua vez, padece de defeito contrário: sustenta a idéia de que se trata de terras, cuja existência se desconhecia, mas não se verifica, em troca, o requisito por parte do descobridor da consciência do que eram.

Em ambas as teses, ainda que por motivos opostos, o ato que se atribui não corresponde ao ato que se diz tenha sido realizado.

Estas reflexões mostram que a solução teria que combinar os respectivos acertos das teses precedentes, evitando suas falhas. Teria que ser mantida a idéia de que se ignorava a existência das terras objeto do descobrimento, como o fez Gómara, e mostrar que o descobridor teve consciência prévia de que existiam, conforme quer Oviedo. Quem conseguiu conciliar extremos, ao que parece, tão incompatíveis, foi o bibliófilo e humanista Dom Fernando Colombo, na célebre biografia que escreveu de seu famoso pai. Vejamos como e a que preço conseguiu fazê-lo.

3. Terceira tentativa: Fernando Colombo. *Vida del almirante*.[20] Eis a tese:

a) Ninguém, antes de Colombo, soube da existência das terras que ele encontrou em 1492. É falso, portanto, que alguém lhe tenha

18. Gómara, *Historia general*, XIII e XIV.

19. Assim diz expressamente Oviedo, *Historia*, Primeira Parte, II, iii.

20. Fernando Colombo, *Vida del Almirante don Cristóbal Colón escrita por su hijo Don Hernando*. A obra somente nos chegou na tradução para o italiano de Alfonso de Ulloa. Veneza, 1571.

dado notícias delas e falso que tenha lido sobre elas em livros antigos.

b) O que ocorreu é que Colombo teve a idéia de que a ocidente da Europa teria que existir um continente até então ignorado.

c) Mas se era ignorado, como então teve Colombo idéia de que existia? Ele a teve, segundo Dom Fernando, por uma genial inferência decorrente de seus amplos conhecimentos científicos, de sua erudição e de suas observações. Isto é, teve essa extraordinária idéia como hipótese científica.[21]

d) A empresa de 1492 não foi a confirmação de uma notícia que Colombo tivesse tido; foi a comprovação empírica de sua hipótese, devida unicamente a seu talento. Com a viagem empreendida em 1492, Colombo mostrou, portanto, a existência de um continente ignorado, não de regiões conhecidas embora esquecidas, conforme quer Oviedo; ao mostrar sua existência, revelou o que era, porque já o sabia. Colombo é, portanto, o descobridor indiscutível da América.

e) Esse continente é conhecido então pelo nome de "Índias", mas isso não significa, como pretendem alguns, que Colombo tenha acreditado ter chegado à Ásia. A explicação é que, sabendo muito bem que se tratava de um continente diferente, ele mesmo colocou aquele nome, não só por sua relativa proximidade da Índia asiática, mas porque dessa maneira conseguiu despertar a cobiça dos reis para levá-los a patrocinar a empresa.[22]

f) Deste modo, Dom Fernando não só aproveita a ocultação que existia a respeito das verdadeiras opiniões de seu pai, mas também provoca-a deliberadamente ao dar uma falsa explicação do indício que revelava a verdade daquelas opiniões, pois é indiscutível que ele as conhecia. Com efeito, é lógico supor esse conhecimento por muitos e óbvios motivos e, entre outros, e não o menor, porque Dom Fernando acompanhou Colombo em sua quarta viagem,du-

21. Este é o sentido das três causas que Dom Fernando alega para mostrar os motivos que, segundo ele, teve Colombo para convencer-se da existência das terras que saiu a descobrir. Fernando Colombo, *Vida*, VI-IX.

22. *Ibid*. VI.

rante a qual, depois de certa vacilação na terceira, o almirante ficou absoluta e inteiramente convencido de que todos os litorais que havia explorado eram da Ásia. Esta é a tão mal compreendida e dúbia tese de Dom Fernando Colombo.[23]

Muito bem, verifica-se que esta tese, na qual a ocultação das idéias de Colombo não se deve mais a um mero ceticismo, mas sim a um calculado desejo de escondê-las, consegue conciliar os dois requisitos do problema. É de se concluir, portanto, que nela se encontrou a solução adequada, mas, está claro, somente desde que se possa manter oculta a opinião de Colombo sobre seu achado. Desde então por outro lado, a rivalidade entre o piloto anônimo e Colombo ficou definida a favor deste, porque se é certo que a tese de Gómara continuou tendo muitos adeptos importantes,[24] é igualmente correto que semelhante atitude não representa um novo passo, mas sim um leve abalo na inércia tradicionalista. Por esse motivo não cabe aqui ocuparmo-nos dela. Vamos examinar, por outro lado, por que a solução tão equivocadamente proposta por Dom Fernando entrou em crise, levando, desse modo, o processo à segunda etapa de seu desenvolvimento. Essa mudança é devida ao padre Las Casas, cuja intervenção será estudada em seguida.

V

Bartolomeu de Las Casas. *Historia de las Indias*.[25]

a) A premissa fundamental é a concepção providencialista da história: Deus é a causa mediata e eficiente e o homem, a causa

23. Para uma discussão mais ampla sobre esta maneira de entender a obra de Fernando Colombo, veja-se meu livro *La idea del descubrimiento*, Segunda Parte, IV, 2, e Bataillon e O'Gorman, *Dos concepciones sobre la tarea histórica*, op.cit.
24. Sobre este particular, meu livro *La idea del descubrimiento*, p. 69, nota 15.
25. Bartolomeu de las Casas, *Historia de las Indias*, 1527-60. Publicada pela primeira vez em Madri, 1875-76.

imediata e instrumental. Assim, o descobrimento da América é o cumprimento de um desígnio divino, realizado por um homem escolhido para esse fim.[26]

b) Esse homem foi Cristóvão Colombo, a quem Deus dotou de todas as qualidades necessárias para realizar a façanha. Desta maneira, agindo com liberdade dentro da esfera do mundo natural, Colombo conseguiu intuir, por hipótese científica, não por revelação divina, a existência do continente das Índias, isto é, a América. Até aqui, Las Casas acompanha de perto a argumentação empregada por Dom Fernando.[27]

c) Formalmente as duas teses são quase iguais, mas diferem no fundo porque, para Las Casas, o significado do descobrimento gravita exclusivamente em torno de sua finalidade religiosa. O essencial não se fundamenta, pois, na afirmação de que se conheceu uma parte ignorada da Terra, mas na circunstância de que se trata de terras habitadas por homens ainda não iluminados pela luz evangélica.

d) Esta diferença ideológica a respeito do significado da empresa a que Las Casas denominou "façanha divina", explica porque este, sempre acostumado a acumular razões, não se limitou a reproduzir a argumentação de Dom Fernando, tão cuidadosamente formulada para não denunciar o verdadeiro propósito que animara Colombo. Com efeito, Las Casas acrescentou tantos motivos quantos lhe ocorreram para explicar como Colombo pôde saber que existiam as Índias e assim, sem se preocupar com as inevitáveis incongruências, o vemos juntar, numa heterogênea e indigesta mescla, o mito da Atlântida, os chamados versos proféticos de Sêneca, a "lenda" do piloto anônimo e até a teoria das Hespérides de Oviedo, tão duramente censuradas por Dom Fernando.[28]

e) Mas o decisivo nessa maneira de proceder foi que Las Casas, possuidor dos documentos do almirante, não tratou de ocultar o

26. *Ibid.* I, ii.
27. *Ibid.* I, ii e v.
28. *Ibid.* I, vi- xvi. Também Fernando Colombo, *Vida*, X.

objetivo asiático que, na realidade, motivou sua viagem nem a convicção de tê-lo alcançado.[29]

f) A razão é que, dada a perspectiva transcendentalista adotada por Las Casas, os objetivos pessoais de Colombo carecem de importância verdadeira, porque, quaisquer que tenham sido – confirmar uma informação, encontrar regiões esquecidas, confirmar uma hipótese ou chegar à Ásia – o significado da empresa não depende disso. Para Las Casas, Colombo teve que cumprir fatalmente as intenções divinas, independentemente das suas pessoais, de maneira que determinar o que Colombo queria fazer e o que acreditou ter feito é inteiramente secundário. O que interessa deixar claro é que Deus lhe inspirou o desejo de fazer a viagem e para esse fim qualquer explicação é boa.

g) A mesma indiferença existe no que diz respeito ao problema do ser específico das terras encontradas, a ponto de se tornar difícil, senão impossível, precisar o que a esse respeito diz Las Casas.[30] A razão é sempre a mesma: tal circunstância carece de verdadeiro significado. Que importa se se trata das Hespérides, de um fragmento da Ilha Atlântida, do Novo Mundo ou de regiões asiáticas? O que importa o que Colombo ou qualquer outro pense a esse respeito? Deus não pode ter interesse nos progressos da ciência geográfica. O importante é que Colombo abriu o acesso a regiões da Terra, repletas de povos aos quais é urgente pregar a palavra revelada e conceder-lhes a oportunidade do benefício dos sacramentos antes que ocorra o fim do mundo, que Las Casas considera iminente.[31]

h) Portanto, se se há de dizer realmente quem foi o descobridor da América, deve ser dito que foi Cristóvão Colombo, mas não em virtude dos objetivos e convicções pessoais que animaram sua empresa, mas como instrumento eleito pela Providência para realizar a transcendental façanha. Se há necessidade de se precisar

29. Meu livro, *La idea del descubrimiento*, p. 145-6.
30. *Ibid.* p. 146. Também Las Casas, *Apologética historia*, XXII.
31. Las Casas, *Historia*, I, i. "... *cuanto los tiempos y edad del mundo más propincua es a su fin,...*"

o que foi que descobriu, deve-se dizer que não foram tais ou quais regiões geograficamente determinadas, mas sim o oculto caminho por onde chegaria Cristo àqueles numerosos e esquecidos povos, para colher entre eles o místico fruto da salvação eterna.[32]

Esta é a tese de Bartolomeu de Las Casas e é esta a maneira de entender as muitas incoerências que, por sua vez, podem ocorrer na atenta leitura de sua obra. Mas então, qual é o sentido da intervenção de Las Casas do ponto de vista de nosso problema? Tratemos de explicitá-lo.

Tal tese remete o significado da empresa ao plano transcendental da esfera religiosa, desvincula-a de suas premissas histórico-temporais e, portanto, em si mesma não representa nenhum avanço no desenvolvimento do processo que estamos reconstruindo. Mas isto não quer dizer que careça de importância. Pelo contrário, como na *Historia* de Las Casas admite-se e prova-se qual foi o propósito que teve Colombo ao empreender sua viagem de 1492 e se confessa sua crença em tê-lo realizado, depois disso já não será possível continuar ocultando plena e cabalmente esse propósito e essa crença. Com a intervenção de Las Casas, conseqüentemente, entra em crise a primeira grande etapa do processo e se inicia, assim, a possibilidade de um novo e fundamental desenvolvimento e nisto baseia-se para nós seu significado decisivo.


PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO BIBLIOTECA MONTE ALEGRE

VI

É de se pensar que, a partir do momento em que se tornou patente com testemunho irrefutável a verdade do objetivo asiático da viagem de 1492, era preciso abandonar a idéia de nela ver uma empresa descobridora de terras totalmente ignoradas, para com-

32. Veja-se meu livro *La idea del descubrimiento*, p. 152 -3. A este respeito expressamente afirma Las Casas que a façanha de Colombo consistiu em ter sido ele "*el primero que abrió las puertas de este mar oceáno, por onde entró y él metió a estas tierras tan remotas y reinos, hasta entonces tan incógnitos, a Nuestro Salvador Jesucristo*". *Historia*, I, ii.

preendê-la como ocorreu: uma tentativa de ligar a Europa e a Ásia pela rota do Ocidente. Era tal, com efeito, a conseqüência a que se deveria chegar se não tivesse existido o impedimento lógico da premissa que, conforme sabemos, condiciona todo esse processo, a saber: que a interpretação daquela viagem como um ato descobridor de terras desconhecidas havia ficado como coisa evidente. Em razão disso permaneceu, pois, a mesma situação lógica, continuando, portanto, o problema de como atribuir a Colombo o descobrimento da América; agora, apesar e a despeito de se saber que seus propósitos foram outros, vamos dedicar este item ao estudo dos esforços que se fizeram para resolvê-lo, que não serão senão tentativas de conciliar a tese de Dom Fernando com os dados proporcionados por Las Casas. Com efeito, não poderia ser outra a orientação geral deste novo relato.

1. Herrera. *Las décadas.*[33]

a) Em termos gerais, Herrera se atém à argumentação de Dom Fernando. Para ele, Colombo tivera consciência de que existiam as Índias (América), graças a uma hipótese científica, e a viagem de 1492 não foi senão a maneira de comprová-la.

b) Mas, diferentemente de Dom Fernando e diante da necessidade de ter em conta os dados revelados por Las Casas, Herrera afirma que, sem explicar como nem por quê, Colombo se convenceu de que havia chegado à Ásia, isto é, que na primeira viagem, Colombo não comprovou sua hipótese.

c) O engano no qual incorreu o almirante persistiu ao longo da segunda e da terceira explorações; mas na quarta e última, Colombo certificou-se de seu erro ao ter notícia certa da existência do Mar do Sul, isto é, do Oceano Pacífico.

33. Antonio de Herrera y Tordesillas, *Historia general de los hechos de los castellanos en las islas y Tierra Firme del Mar Océano*. A Primeira Parte, que contém as quatro primeiras Décadas, foi publicada em Madri, 1601; a Segunda Parte, que contém as quadro Décadas finais, também foi publicada em Madri, 1615.

d) Foi assim, portanto, que Colombo finalmente pôde comprovar sua hipótese inicial, de maneira que Herrera pôde atribuir a ele o descobrimento da América, já que não só mostrou onde se encontrava esse desconhecido continente, como também teve consciência do que revelava.[34]

Pondera-se, sem dificuldade, que esta tese não consegue atender devidamente aos acontecimentos denunciados pelo padre Las Casas, uma vez que só acrescenta na interpretação a circunstância de que Colombo acreditou ter chegado à Ásia, mas não que fosse este, desde o início, seu objetivo. A esse respeito, Herrera altera deliberadamente o que afirma Las Casas.[35] Com isto fica demonstrado que, para atribuir a Colombo o descobrimento, era preciso sustentar que ele havia tido consciência do ser específico das terras encontradas. A tese, pois, é uma primeira tentativa de superar a crise; mas, com toda a evidência, a tática não podia se sustentar indefinidamente. Teria que chegar o momento em que se admitiria o objetivo asiático da empresa, porque só assim, por outro lado, se compreenderia por que Colombo se convenceu de que as regiões encontradas eram asiáticas, circunstância que naturalmente Herrera não pôde explicar. Esse momento se apresentou anos mais tarde, conforme documentam dois autores, cujos textos vamos considerar em seguida.

2. Beaumont. *Aparato.*[36]

a) A empresa fora motivada por dois possíveis objetivos: descobrir um continente desconhecido, cuja existência Colombo havia inferido por hipótese científica, e chegar à Ásia, caso não achasse o referido continente.

34. Para uma exposição detalhada da tese de Herrera, veja-se meu livro *La idea del descubrimiento*, Terceira Parte, VI, 2.
35. Para um cotejo entre os dois textos, *Ibid*. p. 176-7.
36. Fr. Pablo de la Concepción Beaumont, *Aparato para la inteligencia de la crónica seráfica de la Santa Província de San Pedro y San Pablo de Michoacán de esta Nueva España*. Último terço do século XVIII. Trata-se de uma longa introdução à *Crónica de Michoacán* do mesmo autor. A primeira edição, mais incompleta, é de 1826; a edição completa, com a *Crónica*, Archivo General de la Nación, México, 1932. É a edição que utilizamos.

b) Durante a primeira e a segunda viagens, Colombo crê que está na Ásia; mas na terceira exploração constata que havia chegado a praias do continente desconhecido, que quis encontrar desde o início.

c) Foi assim que Colombo descobriu a América, pois, em que pese seu equívoco anterior, acabou por comprovar a hipótese inicial.[37]

Esta maneira de entender a empresa e de atribuir o descobrimento a Colombo é muito semelhante à de Herrera; trata-se ainda de um compromisso fundado na solução de Dom Fernando. De fato, o modo de nela introduzir, sem alterar sua essência, o equívoco de Colombo, é o mesmo que adotou Herrera, mas agora sem inconseqüência, porque o objetivo asiático já aparece formulado como finalidade da empresa, ainda que secundário, ao lado do objetivo de descobrir um continente desconhecido. A tese de Dom Fernando ainda se mantém, mas já foi dado o passo que acabará por arruiná-la. Sigamos a trajetória deste inevitável desenlace.

3. Robertson. *The history of america*.[38]

a) O autor inicia sua exposição descrevendo o horizonte histórico que serve de fundo para a sua tese. No final do século XV, afirma, o grande anseio da Europa era abrir uma comunicação marítima com o remoto Oriente. A esta preocupação geral vincula-se a empresa de Colombo. Não se trata, pois, de uma inexplicável ou extravagante ocorrência nem de uma inspiração divina, é uma façanha do progresso científico do espírito humano.

b) Situada assim a empresa, Robertson passa a explicar em que consistiu o projeto de Colombo. Pensou, afirma, que navegando em direção ao ocidente teria necessariamente que encontrar terra. Mas Colombo estava em dúvida a respeito do que seriam as regiões que podia achar. Com efeito, tem motivos científicos para suspeitar

37. Para uma exposição detalhada da tese de Beaumont, veja-se meu livro *La idea del descubrimiento*, Terceira Parte, VII, 2 A.

38. William Robertson, *The History of America*, Londres, 1777.

que encontraria um continente desconhecido; mas, por outro lado, tem razões para acreditar que iria chegar a praias asiáticas. Colombo inclina-se mais por esta última possibilidade, mas a dúvida é a própria essência do projeto.

c) Quando Colombo, por fim, obtém os meios para empreender a travessia, Robertson o apresenta sulcando o oceano decididamente em busca da Ásia, mas sempre com a reserva de que talvez encontre, atravessado no caminho, o continente que havia intuído hipoteticamente.

d) Ao achar terra, Colombo convence-se de que chegou à Ásia e por isso, explica Robertson, foi batizada com o nome de Índias. Mas o almirante não abandona a dúvida inicial. Na segunda viagem, suspeita de que tenha incorrido em um equívoco que, no entanto, não consegue desfazer até a terceira viagem. Foi então quando soube, com certeza, que havia encontrado o continente desconhecido que, desde o início, imaginou que podia descobrir. Colombo é pois o descobridor da América porque, ao comprovar uma das duas finalidades da empresa, teve plena consciência do que havia revelado.[39]

A tese tem uma óbvia semelhança com a anterior, mas a diferença implica um manifesto progresso para a crise definitiva da velha solução de Dom Fernando a qual, no entanto, ainda subsiste como base para poder atribuir a Colombo o descobrimento da América. Registre-se que Robertson não apenas postula o objetivo asiático como uma das duas finalidades da empresa, senão que a considera a principal. Além do mais, e isto é decisivo, explica-a como óbvia dentro das circunstâncias históricas. Assim, o desejo de Colombo de chegar à Ásia já não se admite somente pela exigência de dar razão aos dados revelados por Las Casas, mas se converteu na própria condição para entender o acontecimento. Neste momento, por conseguinte, opera-se uma mudança diametral a respeito da situação que tornou possível a crença no relato do piloto anônimo. Por isso, o objetivo de descobrir um continente ignorado, mas intuído por hipótese científica, passa a um segundo

39. Para uma exposição detalhada da tese de Robertson, veja meu livro *La idea del descubrimiento*, Terceira Parte, VII, 2 B.

plano não por mera atitude tradicional, mas com o objetivo de poder responsabilizar Colombo por um descobrimento que, de outro modo, não se saberia a quem atribuir.

Estamos no limiar de uma mudança decisiva: a tese de Dom Fernando, em que culminou a idéia do descobrimento intencional da América por um Colombo consciente do que fazia, encontrou em Robertson um último baluarte. O próximo e inevitável passo consistirá no abandono definitivo dessa pretensão, quando se colocará, então, a dificuldade de se atribuir a Colombo um ato de cuja natureza não teve, no entanto, a menor idéia. Inicia-se, assim, a segunda grande etapa do processo.

VII

A crise sobreveio, explicavelmente, quando um erudito espanhol, Martín Fernández de Navarrete, divulgou numa coleção impressa os principais documentos relativos às viagens de Colombo. Dessa maneira, ficavam superadas as ambigüidades no relato do padre Las Casas, tornando-se patente não só que Colombo havia projetado ir à Ásia, mas também que nunca estivera convencido de não ter realizado esse desejo. Era inevitável, pois, que o paulatino processo de revelação do objetivo asiático alcançasse definitivamente sua culminação. Foi o próprio Fernández de Navarrete que, na Introdução da sua obra, registrou com nitidez o fato. Vejamos o que disse.

1. Navarrete. *Colección*.[40]

a) À semelhança de Robertson, a empresa de Colombo é explicada e justificada como uma das tentativas para satisfazer o anseio geral de estabelecer uma rota marítima com a Ásia.

40. Martín Fernández de Navarrete, *Colección de los viajes y descubrimientos, que hicieron por mar los españoles desde fines del siglo XV, con varios documentos inéditos concernientes a la historia de la marina castellana y de los establecimientos españoles en Indias*. Madri, 1825-37.

b) Mas, diferentemente de Robertson e daqueles que o antecederam, para Navarrete o projeto de Colombo consistiu apenas nisso. A grandeza da façanha, pois, não se acha nas idéias que a inspiraram; está, sim, na ousadia de buscar o caminho para as Índias pelo rumo do ocidente.

c) Portanto, já nada se diz da famosa e suposta hipótese que Colombo havia elaborado sobre a existência de uma desconhecida massa continental.

d) De acordo com o exposto, Navarrete admite que, até a sua morte, Colombo acreditou que as terras por ele exploradas pertenciam à Ásia; mas ao mesmo tempo conclui que, com o achado de 1492, Colombo realizou o inesperado e assombroso descobrimento da América, porque, com admiração universal, diz, deu a conhecer um novo mundo.[41]

Vê-se bem: nesta tese já não resta o menor vestígio do motivo pelo qual se vinha atribuindo até então o descobrimento a Colombo. Não obstante isso, continuava a ser-lhe atribuído. Como e por quê? Se, conforme temos longamente explicado, trata-se de um ato que requer do agente consciência do que realiza, como, então, responsabilizar Colombo, de quem expressamente se afirma que carecia dela. Eis aqui o problema constitutivo desta segunda etapa. Para esclarecer o enigma, vamos examinar os textos pertinentes.

2. Irving. *Life and voyages of columbus*.[42]

a) Uma vez mais, a empresa é explicada em termos do anseio pelo estabelecimento da comunicação marítima com a Ásia.

b) Para determinar em que consistiu o projeto de Colombo, Irving examina a tese de Dom Fernando. De acordo com ela, diz Irving, Colombo chegou a concluir que "havia terra não descoberta na parte ocidental do oceano; que era acessível; que era fértil e,

41. *Ibid*. Introdução, I, ii.
42. Washington Irving, *Life and Voyages of Columbus*, 1828.

finalmente, que estava habitada",[43] isto é, a famosa hipótese de que Colombo teria intuído a existência da América.

c) Mas a Irving parece que a argumentação de Dom Fernando é ambígua e padece de certo defeito lógico.[44] Por isso, prefere tirar suas próprias conclusões. Afirma que o argumento decisivo que induziu Colombo foi a idéia de que a Ásia era facilmente acessível pelo ocidente.[45] Irving desconhece, pois, outras finalidades da empresa que não seja o objetivo asiático.

d) No relato das outras quatro viagens, Irving esmera-se em mostrar que durante todo o tempo Colombo esteve convencido de haver explorado regiões da Ásia e esclarece que ele jamais se convenceu do contrário.[46]

e) Não obstante esta maneira tão explícita de admitir o que Colombo quis e acreditou fazer, Irving não atribui à empresa o sentido correspondente. Desde o início e ao longo de todo o livro, admite ser esta a maneira pela qual Colombo descobriu a América.

f) No entanto, Irving não esclarece por que motivo entende assim. Trata-se, pois, de uma intervenção que considera óbvia, mas passível de se averiguarem seus motivos.

g) Bem, em uma passagem num dos apêndices da obra,[47] parece que Irving atribui a Colombo o descobrimento, em virtude de haver sido ele o primeiro a encontrar o continente americano; mas uma atenta leitura da obra não autoriza semelhante conclusão. Sabemos com certeza que Irving não se atém à prioridade no achado físico, pois reconhece como prováveis as expedições dos normandos a praias americanas, realizadas vários séculos antes.

43. *Ibid.* I, v.
44. Referindo-se à argumentação de Dom Fernando, diz: "... *and the chain of deductions here furnished, though not perhaps the most logical in its concatenation, etc...*" *Ibid.* I. v.
45. *Ibid.* I, v.
46. "*Until his last breath he entertained the idea that he had merely opened a new way to the old resorts of opulent commerce, and had discovered some of the wild regions of the East.*" *Ibid.* XVIII, v.
47. "*When Columbus first touched a shore of the New World, even though a frontier island, he had achieved his enterprises; he had accomplished all that was necessary to his fame; the great problem of the ocean was solved, the world which lay beyond its Western waters was discovered.*" *Ibid.* Apêndice, X.

Essas expedições, pensa, não constituem, no entanto, um descobrimento propriamente dito da América, porque a revelação assim obtida não transcendeu a esfera dos interesses particulares daquele povo e porque, além disso, os próprios normandos logo a lançaram no esquecimento.[48]

h) Irving insinua que na empresa de 1492 concorre um elemento de intencionalidade que não existe nas viagens normandas e que, por outra parte, não se acha claramente no projeto que a motivou e que atua, apesar do equívoco em que Colombo incorreu ao pensar que havia visitado litorais da Ásia. A essa misteriosa intencionalidade deve-se, portanto, que continue vigente a idéia de que, com o achado de 1492, a América foi descoberta.

Esta é, em resumo, a tese de Washington Irving, o primeiro historiador que narrou a empresa admitindo, sem compromissos, o que Colombo quis fazer e o que pensou. Este é, entretanto, o mistério que rodeia a tese. Examinemos o texto que esclarecerá o enigma.

3. Humboldt. *Cosmos*.[49]

a) Este eminente pensador também situa a empresa dentro do ambiente e dos anseios da época em que ocorreu. Não se limita a assinalar a conexão mas oferece também uma idéia do devir histórico, dentro do qual o acontecimento fica visceralmente articulado e apenas em relação a este ganha seu verdadeiro sentido.

b) Em termos gerais, trata-se da concepção idealista da história tão predominante, sobretudo na Alemanha, durante a primeira metade do século XIX. Sua premissa fundamental, lembre-se, consiste em crer que a história, em sua essência, é um progressivo e inexorável desenvolvimento do espírito humano em busca da meta da sua liberdade, de acordo com a razão. Para Humboldt,

48. *Ibid.* Apêndice, XIV.
49. Alexandre von Humboldt, *Cosmos; essai d'une description physique du monde*. Paris, 1866-67. Para notícias bibliográficas, meu livro *La idea del descubrimiento*, p. 267, nota 1.

essa busca fundamenta-se nos lentos, mas seguros, avanços dos conhecimentos científicos que, ao ir conquistando a verdade a respeito do cosmos, acabarão por dar ao homem uma visão absoluta da realidade, base inalterável para estabelecer as normas de sua conduta futura e das relações sociais.

c) Mas o homem, por si só, e não por intervenção divina, é quem deve cumprir a finalidade imanente da história e trabalhar, assim, sua própria felicidade. Isto não significa que os indivíduos tenham necessariamente consciência desse suposto objetivo nem que abriguem o propósito de alcançá-lo, porque ao longo da história vai se realizando, independentemente dos anseios e das vontades pessoais. Assim é significativo o que fazem os homens, mas o que fazem enquanto instrumentos dos desígnios da história.

d) Acontece que, dentro dessa concepção teleológica do devir humano, é possível responsabilizar um homem por um ato cuja significação transcende o sentido que tem, em virtude das intenções com que o executou, desde que sejam de natureza que, independentemente do seu conteúdo particularista, esteja de acordo com os desígnios da história. Assim é possível e deve-se dizer que esse homem teve consciência do significado transcendental do seu ato, não como indivíduo, mas sim como instrumento das intenções imanentes à marcha histórica.

e) À luz destas premissas, Humboldt compara o sentido que tem, respectivamente, a empresa de Colombo e as expedições normandas do século XI. Para isso reconhece, sem reservas, a verdade histórica dessas expedições e também o fato de que Colombo acreditou ter visitado terras asiáticas, pois esse tinha sido o seu objetivo.

f) Do ponto de vista cronológico, é inevitável concluir que os normandos foram os descobridores da América e que a viagem de 1492 foi apenas um redescobrimento. Mas esta é uma maneira superficial e falsa de considerar a questão, porque o mero achado físico não é o significativo. É necessário examinar o problema a partir da intencionalidade de ambos os atos.

g) Assim consideradas, as expedições normandas são um fato casual, porque o achado de terras americanas deve-se a uma nave que foi lançada em direção a elas por uma tempestade. O ato corresponde ao impulso de um cego fenômeno telúrico indiferente ao destino humano, de sorte que, do ponto de vista da sua motivação, não constitui um descobrimento da América que, por definição, implica um ato intencional.

A empresa de Colombo, em compensação, não é um acontecimento fortuito, porque resulta de um projeto científico que corresponde ao impulso do trabalho intelectual, longa e penosamente cultivado desde o alvorecer da humanidade. Não é um ato arbitrário e indiferente ao destino histórico do homem, de maneira que, por sua motivação, pode constituir um verdadeiro descobrimento.

h) Constata-se que Humboldt, fiel à sua visão, desconsidera, por serem carentes de sentido, os propósitos e as crenças pessoais de Colombo; se o ato realizado por ele parece intencional e não fortuito, é porque o considera não como indivíduo mas como instrumento dos desígnios da história.

i) Ainda que estas considerações bastem para explicar por que não é possível atribuir aos normandos o descobrimento da América, elas não esclarecem por si sós o sentido concreto que tem a empresa de Colombo como descobrimento nem como pode ser atribuído à sua pessoa. Se sabemos que não se trata de um ato fortuito, ainda não sabemos em quê consiste nem como Colombo cumpre o seu papel de instrumento dos desígnios da história, única base para conceder-lhe o título de descobridor.

j) O que faz da empresa colombiana o ato significativo que se conhece como o descobrimento da América é que, nessa empresa, realizou-se um desses progressos dos conhecimentos científicos em que se fundamenta, segundo vimos, a própria essência da marcha do homem em direção ao seu destino histórico. Foi assim que se entregou à contemplação dos sábios, vicários dos interesses da humanidade, uma porção desconhecida do globo terrestre, abrindo-se a possibilidade de completar, com o estudo das regiões

tropicais da América, a visão científica da parte do cosmos que é diretamente acessível à observação. Com este enriquecimento, tão longamente esperado, o progresso do espírito humano logo pôde alcançar a sua primeira culminância, porque foi possível assentar as bases inalteráveis de conhecimentos absolutos, as bases, enfim, da nova revelação, "a ciência do cosmos", da qual Alexandre von Humboldt é o evangelista e o supremo pontífice.

k) Mas se nisso se fundamentou o descobrimento da América, como responsabilizar Colombo por tão grande façanha? Pode-se realmente atribuir-lhe? Humboldt responde afirmativamente. Não é, afirma, que Colombo tenha sido um sábio nem mesmo um mediano homem de ciência, embora possuísse um espírito inquieto que muito o distingue de um vulgar aventureiro, unicamente atento ao proveito próprio. Não, a razão decisiva é que Colombo foi sensível à beleza do mundo tropical e soube anunciar a boa nova da existência de tais regiões. Jamais se cansa de contemplá-las e de extasiar-se com elas; em seus escritos, esforça-se por transmitir o entusiasmo que elas lhe provocam. Por isso, em que pese sua tosca linguagem, se alça sobre Camões e outros poetas da sua época, presos ainda às ficções literárias de uma suposta natureza arcaica e artificial; também por isso, Colombo é o descobridor da América. De fato, o poético vôo de seu entusiasmo foi a via adequada para noticiar à Europa, onde pousava o espírito da história, a abertura desse novo campo de observação, em que consiste, definitivamente, o ato descobridor. Foi assim que Colombo desempenhou, cabal e plenamente, seu papel de porta-voz dos interesses da humanidade e de instrumento das intenções da história.

l) Nada disto acontece no caso das expedições dos normandos. Beneficiários de um achado fortuito, souberam apenas fundar uns estabelecimentos comerciais que, por outro lado, mostraram-se precários. Além do mais, como as regiões setentrionais por eles exploradas não ofereciam um novo espetáculo da natureza, se por acaso a notícia do achado ultrapassou o estreito círculo dos povos

para os quais era familiar, não pode ter nenhuma significação verdadeira. Não houve, pois, um descobrimento propriamente dito.[50]

Eis aqui esclarecido o enigma que rodeava a tese de Irving.[51] Eis aqui a solução que corresponde à segunda etapa do processo. Apesar da ameaça que significou o pleno reconhecimento dos propósitos de Colombo e da sua idéia de haver explorado regiões da Ásia, pôde-se satisfazer a exigência de manter em vigor a velha interpretação da empresa de 1492 e resolver o problema de atribuir a Colombo o ato do descobrimento. Para isso, foi necessário recorrer ao arbítrio filosófico de postular, acima das intenções individuais, uma intencionalidade imanente à história que, na esfera leiga, é a contrapartida dos desígnios divinos do providencialismo cristão, conforme a tese do padre Las Casas. Mas agora, semelhante arbítrio produziu o efeito contrário, porque em lugar de revelar como verdade histórica os propósitos pessoais de Colombo e a sua crença de os haver realizado, tornou-os sem efeito por serem historicamente inoperantes. Foi assim, portanto, que pela segunda vez, se bem que de um modo mais sutil, ocultou-se o objetivo asiático da empresa e a convicção que Colombo deve ter explorado regiões da Ásia, ocultação necessária, como sabemos, para poder atribuir-lhe o descobrimento da América.

Com a tese teleológica que examinamos, o processo recuou à sua segunda trincheira; agora só nos resta ver como sobreveio a crise final quando, em virtude da dissolução do dogma idealista, foi necessário renunciar ao seu apoio. Tentar-se-á, veremos a seguir, um último recurso para manter a idéia do descobrimento da América, mas um recurso que serve apenas, definitivamente, para revelar o absurdo que implica semelhante maneira de explicar o aparecimento dessa entidade.

50. Para uma exposição mais detalhada da tese de Humboldt, veja-se meu livro *La idea del descubrimiento*, Terceira Parte, X, 2.

51. Em Irving encontramos um eco nítido da tese idealista explicitada tão magistralmente por Humboldt. Irving, *op. cit.*, XVIII, v.

VIII

Enquanto se pôde acreditar, com o idealismo, que a história era um processo em que fatalmente iam se cumprindo, segundo Kant,[52] as intenções da Natureza, situadas além da esfera dos propósitos e das vontades individuais, a viagem de Colombo pôde continuar a ser entendida como o descobrimento da América, conforme a concebeu Alexandre von Humboldt. Mas quando aquela persuasão filosófica, ou melhor dizendo, quase religiosa, entrou em crise depois de haver alcançado o ápice, os historiadores, ainda que os primeiros rebeldes, pouco souberam até que ponto ficavam desamparados e expostos. Em decorrência das orientações fixadas pelo positivismo científico, a verdade histórica deveria repudiar o ilusório auxílio de todo o apriorismo metafísico por ser empiricamente não comprovável e ater-se, em troca, à observação dos fenômenos para poder reconstruir, segundo a célebre fórmula de Ranke, o que "em realidade aconteceu". Isto quer dizer que os historiadores se comprometeram a reconhecer, como fonte do sentido dos acontecimentos históricos, os propósitos e as convicções pessoais dos indivíduos que deles participaram. Dir-se-ia que, finalmente, havia chegado para a empresa de Colombo a hora de que fosse compreendida com o sentido que teve para ele. Mas o certo é que, apesar das novas exigências metodológicas e das inúmeras pesquisas que enriqueceram a historiografia colombiana desde os fins do século XIX, manteve-se a interpretação tradicional na unânime crença de que Colombo havia descoberto a América quando, em 1492, encontrou uma ilha que acreditou pertencer a um arquipélago adjacente ao Japão.

Para termos uma idéia da maneira pela qual se sustentou essa velha idéia, convém, antes de tudo, fixar a tese respectiva, para cujo efeito vamos empregar o texto que, entre outros possíveis, parece representativo, tanto pela sua recente publicação, quanto pelo

52. Kant, *Idea de una historia universal en sentido cosmopolita*, 1784, Preâmbulo.

aplauso com que foi recebido e, também, pela seriedade e pelo prestígio científico do seu autor.

4. Morison. *Admiral of the ocean sea.*[53]

a) Como é de rotina, a empresa situa-se no ambiente da época e, em particular, relaciona-se com o desejo comum que havia pelo estabelecimento da comunicação marítima com as regiões extremo-orientais da Ásia.

b) A idéia central que motivou Colombo, diz Morison, foi concretizar esse anseio, mas escolhendo a rota do poente. Semelhante projeto nada tinha de novo. O extraordinário no caso de Colombo não foi, pois, a ocorrência, mas o ter-se convencido de que era factível e a decisão de realizá-la. Morison admite como finalidade única da empresa o objetivo asiático.[54]

c) Na narração das quatro viagens, o autor reconstrói minuciosamente os itinerários e esmera-se em identificar no mapa atual da América os lugares visitados por Colombo.

d) Morison empenha-se, além disso, em mostrar que, em meio às mais variadas hipóteses de detalhe, Colombo sempre esteve convencido de que havia chegado à Ásia desde a primeira vez que encontrou terra em 1492.[55]

e) Apesar de um reconhecimento tão expresso das intenções pessoais de Colombo e da sua opinião a respeito do que havia feito, Morison não tem nenhuma dúvida de que, em verdade, o que o Almirante realmente fez foi descobrir a América. Mas, como e por quê?

f) Explica, numa passagem decisiva, que embora Colombo não tenha tido jamais o propósito de encontrar o continente

53. Samuel Eliot Morison, *Admiral of the Ocean Sea. A life of Christopher Columbus.* Boston, 1942.

54. *Ibid.* VI.

55. É verdade que Morison diz que, na terceira viagem, Colombo "admitiu ter encontrado um novo continente". *Ibid* VI, v. I, p. 76, mais adiante esclarece que esse "outro mundo", como denominou-o Colombo, não era para ele senão um desconhecido apêndice da Ásia. *Ibid.* XXVII, v. 2, p. 40-1.

americano nem tenha abrigado a suspeita de que existia, a verdade é que descobriu a América inteiramente por acidente, por casualidade.[56]

Eis aqui, pois, a resposta que corresponde à terceira etapa do processo, a tese do descobrimento casual, que hoje se ensina e se venera como verdade e que serviu de ponto de partida para esta pesquisa. Com ela, portanto, termina a reconstrução histórica que nos propusemos a fazer. Vamos agora examinar essa tese para ver se contém ou não um absurdo, segundo antecipamos.

IX

Já que se trata de colocar à prova uma interpretação, é conveniente, antes de tudo, ter uma idéia clara do que isso significa.

O essencial a respeito consiste em reconhecer que qualquer ato, se for considerado em si mesmo, é um acontecimento que carece de sentido, um acontecimento do qual, portanto, não podemos afirmar o que seja, isto é, um acontecimento sem ser determinado. Para que o tenha, para que possamos afirmar o que seja, é necessário atribuir-lhe uma intenção ou um propósito. No momento em que fazemos isso, com efeito, o ato ganha sentido e podemos dizer o que é; concedemos-lhe um ser entre outros possíveis. A isto se chama uma interpretação, assim, podemos concluir que interpretar um ato é dotá-lo de um ser ao atribuir-lhe uma intenção.

Exemplificando: vemos um homem sair de sua casa e dirigir-se a um bosque próximo. Esse é o ato considerado em si mesmo como um puro acontecimento. Mas o que é esse ato? Obviamente pode ser muitas coisas diferentes: um passeio, uma fuga, um reconhecimento levado a termo com fins lucrativos, uma exploração científica, o início de uma longa viagem ou, enfim, tantas outras

56. *Ibid.* VI, v. 1, p. 76.

coisas quantas possam ser imaginadas, sempre de acordo com a intenção que se supõe naquele homem.

Isto parece claro e não há necessidade de nele insistir. Mas é necessário, por outro lado, ver que essa possibilidade que temos de atribuir um sentido a um ato ao interpretá-lo, tem um limite. A intenção que se supõe deve-se atribuir a um agente, não necessariamente capaz de realizá-la por si mesmo, pois que se pode valer de outro, mas sim necessariamente capaz de ter intenções, porque do contrário se incorrerá num absurdo. Assim, há muitos entes os quais podemos conceber - e de fato se tem concebido - como capazes de vontades e de realizá-las por si mesmos, como Deus, os anjos, os homens, os espíritos de além vida e mesmo os animais, e outros que são capazes do primeiro, mas não do segundo, como são certas entidades metafísicas, a Natureza ou a História Universal, segundo a entenderam e a entendem algumas doutrinas filosóficas. Mas o que não se pode conceber são os entes inanimados, como as figuras geométricas, os números ou os objetivos materiais, um triângulo, uma mesa, o sol ou o mar, por exemplo. Se o fazemos, ou é metaforicamente, como quando se diz que o mar não quis que a Espanha invadisse a Inglaterra, ou então estamos extrapolando.

Fica claro que, no limite, a interpretação de um ato pode ser plausível mesmo quando o agente que o realiza seja incapaz de ter intenções, desde que o propósito que dá sentido ao ato proceda de um ente capaz de tê-las; mas será absurda em caso contrário, mesmo quando o agente que o realiza tenha essa capacidade.

Examinemos agora, à luz destas considerações, o processo da história da idéia de descobrimento da América, uma vez que se trata de três maneiras diferentes de interpretar um mesmo ato: a viagem de Colombo de 1492.

Primeira etapa do processo: a interpretação consiste em afirmar que Colombo demonstrou que as terras que encontrou em 1492 eram um continente desconhecido, porque com essa intenção realizou a viagem. (Item IV)

Neste caso, trata-se de uma interpretação admissível, porque a intenção que dá ao ato interpretado o sentido de ser uma empresa descobridora, baseia-se numa pessoa, ou seja, num ente capaz de tê-la e de realizá-la. Mas já sabemos que esta tese teve de ser abandonada porque seu fundamento empírico mostrou-se documentalmente insustentável.

Segunda etapa do processo: a interpretação consiste em afirmar que Colombo demonstrou que as terras por ele achadas em 1492 eram um continente desconhecido, porque se é correto que nem essa era a intenção com a qual realizou a viagem, nem teve idéia do que havia feito, ao executar o seu ato, cumpriu a intenção da História, que era a de que o homem haveria de ter conhecimento da existência do referido continente. (Item VII)

Neste segundo caso, a interpretação ainda é admissível, porque a intenção que dá sentido ao ato interpretado de ser uma empresa descobridora fundamenta-se no próprio ato, isto é, concebe-se como imanente à História, entidade que se pode conceber como capaz de ter intenções, embora não de as realizar por si mesma, de maneira que se utiliza de Colombo como de um instrumento para esse fim. Mas sabemos que esta tese também teve de ser abandonada, não por deficiência de fundamento empírico, como no caso anterior, mas porque sua premissa teórica mostrou-se insustentável.

Terceira etapa do processo: a interpretação consiste em afirmar que Colombo demonstrou que as terras encontradas em 1492 eram um continente desconhecido, encontrado puramente por casualidade, isto é, sem que haja mediação de qualquer intenção a respeito. (Item VIII)

Neste caso é óbvio que, do ponto de vista dos requisitos de uma interpretação, a tese oferece uma séria dificuldade, porque não obstante negar-se a intenção, continua a se dar ao ato o mesmo sentido das teses anteriores. Como isto é impossível, porque sem aquele requisito o ato não poderia ter o sentido que se lhe dá, torna-se forçoso supor que a intenção existe apesar de negada; o problema assim apresenta um duplo aspecto: primeiro, como conciliar essa contradição e, segundo, averiguar onde existe essa

intenção, que foi necessário supor para que o ato pudesse ter o sentido que se lhe atribui.

Pode-se evitar a contradição, se tivermos presente não ser necessário que o agente seja aquele que tem a intenção que dá seu sentido, porque já sabemos que pode agir como mero instrumento de um desígnio que não seja o seu pessoal. Desse modo, Colombo teria revelado, sem a intenção de o fazer, a existência das terras que encontrou, cumprindo um propósito alheio, de maneira que, do ponto de vista de Colombo, seria lícito afirmar, como faz a tese, que o ato não foi intencional, embora, em realidade tenha que o ser. Em outras palavras, apenas supondo que Colombo agiu como instrumento de uma intenção diversa da sua, evita-se a contradição que indicamos e a tese fica a salvo por este motivo.

Mas onde se fundamenta, então, essa oculta intenção que dá o sentido de descobrimento à viagem de 1492? A resposta, por estranho que pareça, não admite dúvida. Com efeito, todo ato oferece três possibilidades, a saber: o sujeito do ato, o ato em si e o objeto do ato. Como, no caso, já se ensaiaram e descartaram as duas primeiras, somos obrigados a concluir que, nesta terceira etapa, a intenção ficou vinculada como imanente à coisa que se diz que foi descoberta. Mas se assim é, a tese incorre num absurdo, porque rebaixou o limite admissível a qualquer interpretação, pois o continente americano não é, obviamente, alguma coisa capaz de ter intenções.

Estes são, conseqüentemente, o segredo e o absurdo desta tese; em verdade, conhecendo-os, esclarece-se o que, desde o início, nos parecia tão suspeito, ou seja, que se pode responsabilizar um homem por algo que expressamente se admite que não fez. De fato, por pouco que se pense, constatamos que quando se afirma que Colombo descobriu por casualidade o continente americano por haver deparado com umas terras que acreditou serem asiáticas, isto é, quando nos pedem que aceitemos que Colombo revelou o ser de umas terras diferente do ser que ele lhes atribuiu, o que em realidade nos estão pedindo é que aceitemos que essas terras revelaram seu secreto e escondido ser quando Colombo deparou

com elas, pois de outra maneira não se entende como pôde acontecer a revelação que se diz ter acontecido.

O absurdo desta tese torna-se patente no momento em que extraímos a necessária conseqüência, porque agora vemos que a idéia do descobrimento casual do continente americano não só anula, por serem inoperantes, os propósitos e as opiniões pessoais de Colombo, como também o converte no dócil e cego instrumento, não de uns supostos desígnios do progresso histórico, mas de umas supostas intenções imanentes a uma coisa meramente física. Mas está claro que, ao admitir isso, atropelamos o processo histórico e privamos o homem da já até problemática liberdade que lhe concedia o idealismo. Agora, em lugar de conceber a história como o resultado das decisões circunstanciais tomadas pelos homens e por eles realizadas, é concebida como o resultado de propósitos imanentes às coisas, cega e fatalmente cumpridos pelos homens. Assim, o homem já não é o servo do devir histórico, concebido como um processo de ordem racional, segundo acontece com o idealismo - o que já é bastante grave - mas é o escravo de não se sabe que processo mecânico dos entes materiais inanimados.[57]

X

A análise histórica da idéia do descobrimento da América mostrou que estamos na presença de um processo interpretativo que, ao esgotar sucessivamente suas três únicas possibilidades lógicas, fatalmente desemboca no absurdo. Essa história constitui,

57. Esta é a contradição que sustenta, no fundo, o materialismo contemporâneo que é apenas a situação limite a que leva o idealismo transcendental. Nossa análise demonstra que se pode adotar a seguinte seqüência, como esquema fundamental do desenvolvimento histórico da filosofia da História: 1) Providencialismo: a intenção dos atos humanos está em Deus. 2) Humanismo transcendental: a intenção está no indivíduo. 3) Idealismo transcendental: a intenção está nos próprios atos, ou seja, na História. 4) Materialismo transcendental: a intenção está no objeto. 5) Humanismo histórico: a intenção está no homem, mas sem pretensões de verdade absoluta.

pois, uma *reductio ab absurdum*, de tal sorte que ela mesma é o melhor argumento para refutar, de maneira definitiva, aquele modo de querer explicar o aparecimento da América no âmbito da Cultura do Ocidente. Agora é preciso extrair as conseqüências, mas antes faz-se necessário examinar um último problema, tanto mais que assim se nos oferece a ocasião de penetrar até a raiz do mal que oprime todo o processo.

Parece claro que nossas reflexões estarão incompletas, se não nos dermos conta das três questões fundamentais que delas derivam. Primeira, a quê se deve a idéia de que a América foi descoberta, isto é, qual é a condição de possibilidade da própria interpretação. Segunda, como explicar a insistência em manter a referida interpretação contra a evidência empírica, isto é, por que não foi abandonada a partir do momento em que se tornaram patentes os verdadeiros propósitos e as opiniões de Colombo. Terceira, como é possível supor um absurdo tão flagrante como esse que suscita a tese final do processo, isto é, de que maneira pode ser concebida no continente americano a intenção de revelar o seu ser. Numa palavra, é necessário mostrar, pelo exame destas três questões, quem é o vilão que está por trás de toda esta história.

É óbvio que não vamos incorrer na ingenuidade de pretender que o mal provém de alguma deficiência mental dos historiadores que se encarregaram do desenvolvimento do processo, nem de alguma diabólica maquinação que os tivesse perturbado e desorientado. Provém, isto sim, de uma prévia suposição na sua maneira de pensar que, como apriorismo fundamental, condiciona todas as suas reflexões e que tem sido, desde os gregos pelo menos, uma das bases do pensamento filosófico do Ocidente. Fazemos alusão, já se terá adivinhado, à velhíssima e venerável idéia de que as coisas são algo em si mesmas, algo *per se*; que as coisas estão feitas de acordo com um único tipo possível, ou para dizê-lo de forma mais técnica: que as coisas estão dotadas, desde sempre, para qualquer objetivo e em qualquer lugar, de um ser fixo, predeterminado e inalterável.

Segundo esta maneira de entender a realidade, o que se pensa, num determinado momento, que é uma coisa, uma coisa existente, é o que tem sido sempre e o que sempre será, sem remédio; algo definitivamente estruturado e feito, sem que haja possibilidade alguma de deixar de ser o que é para ser algo diferente. O ser - não a existência, veja-se bem - das coisas seria, pois, algo substancial, algo misterioso e visceralmente alojado nas coisas; a sua própria natureza, isto é, aquilo que faz com que as coisas sejam o que são. Assim, por exemplo, o Sol e a Lua seriam, respectivamente, uma estrela e um satélite, porque aquele participa da natureza que faz com que as estrelas sejam isso e a Lua, da natureza que faz com os satélites sejam satélites, de tal sorte que, desde que existem, o Sol é uma estrela e a Lua um satélite e assim até que desapareçam.

Pois bem, a grande Revolução Científica e Filosófica dos nossos dias ensinou que essa antiga maneira substancialista de conceber a realidade é insustentável, porque se chegou a compreender que o ser - não a existência - das coisas é apenas o sentido ou a significação que se lhes atribui dentro do amplo marco da imagem da realidade vigente, num determinado momento. Em outras palavras, que o ser das coisas não é algo que elas tenham por si mesmas, mas algo que se lhes outorga ou atribui.

Uma exposição mais completa desta grande revolução filosófica e das suas conseqüências a respeito da maneira de conceber o homem e seu mundo nos distanciaria demasiadamente do nosso propósito imediato, mas estamos convencidos de que, para este fim, bastará voltar ao exemplo que acabamos de empregar. Se nos situarmos historicamente na época da vigência científica do sistema geocêntrico do Universo, o Sol e a Lua não são, como o são para o sistema heliocêntrico, uma estrela e um satélite, mas são dois planetas, se bem que, num e noutro caso, ambos são corpos celestes, os quais, no entanto, para uma concepção mítica do Universo, não são sequer isso, mas deuses ou espíritos. Observe-se: o ser dessas duas entidades, desses dois pedaços de matéria cósmica, não é nada que lhes pertença essencialmente nem nada que esteja alojado nelas, mas, pura e simplesmente,o sentido que se lhes atribui de acordo com a idéia que se tenha por verdadeira a respeito da realidade; por isso, o Sol e a Lua têm sido sucessivamente deuses, planetas e agora estrela e satélite, respectivamente, sem que seja lícito concluir que a dotação de um ser a uma coisa, em referência a uma determinada imagem da realidade, seja um "erro", só porque essa imagem não é a vigente. Ao contrário, é óbvio que o erro consiste em atribuir ao Sol e à Lua, para continuar com o mesmo exemplo, o ser de estrela e de satélite, respectivamente, se está sendo considerada uma época de vigência do sistema geocêntrico do Universo, como também seria erro considerá-los agora dois planetas.

Feitos estes esclarecimentos, a resposta ao problema que colocamos já é transparente: o mal que está na raiz de todo o processo histórico da idéia do descobrimento da América consiste no fato de se ter suposto que esse pedaço de matéria cósmica, que agora conhecemos como continente americano, terá sido isso sempre, quando em realidade só o foi a partir do momento em que se lhe atribuiu essa significação e deixará de o ser no dia em que, por alguma mudança na atual concepção do mundo, já não se lhe atribua. Agora podemos ver com clareza porque foi necessário não só conceber o aparecimento da América como o resultado de um descobrimento e porque se insistiu nisso, apesar das dificuldades que essa explicação apresenta do ponto de vista da hermenêutica histórica, mas também como é possível incorrer no absurdo de fundamentar a intenção que requer o ato descobridor à coisa que se diz tenha sido descoberta. Examinemos separadamente estes três aspectos do problema.

1. Se se supõe que o pedaço de matéria cósmica que hoje conhecemos como continente americano foi isso sempre, ou melhor dizendo, se se supõe que é isso em si ou de si, então torna-se claro que um ato que se limita a mostrar a existência desse pedaço de matéria tem que ser concebido como a revelação ou o descobrimento do seu ser, pela simples razão de que a existência e o ser desse ente têm sido identificados com aquela suposição. Trata-se,

pois, de um ente que, tal qual uma caixa que contivesse um tesouro, abriga um ser "descobrível", de sorte que a sua revelação tem que ser explicada como resultado de um descobrimento.

2. Mas, além disso, se se supõe que esse pedaço de matéria está dotado de um ser "descobrível", então não só é necessário entender a sua revelação como o resultado de um descobrimento, mas é forçoso também supor que se realiza pelo mero contato físico com a coisa e, portanto, independentemente das idéias que a respeito dela tenha o "descobridor", pela simples razão de que o que ele ou qualquer outro pense sobre o assunto não pode afetar em nada aquele ser predeterminado e inalterável. Deste modo temos, então, não apenas a suposição de que se trata de uma coisa em si, dotada por isso de um ser descobrível, mas também que, coerentemente, temos a suposição de que o ato que o revela é igualmente um acontecimento em si, dotado por isso de um sentido predeterminado, pois sejam quais forem as intenções e as opiniões de quem o realiza, esse ato tem que ser o descobrimento daquele ser descobrível. Assim compreendemos, enfim, o que de outra maneira não tem explicação plausível, ou seja, a insensata insistência em dizer que o verdadeiro sentido da viagem de Colombo de 1492 foi que por ela se descobriu o continente americano, apesar de ter sido logo divulgado por todos os meios possíveis que o que ele, Colombo, verdadeiramente fez foi algo muito diferente.

3. Por último, se se supõe que o descobrimento do ser da coisa é cumprido pelo mero contato físico com ela, então não só é necessário entender que a revelação se realiza independentemente das intenções pessoais do agente, mas é também forçoso supor que, imanente a ela, a coisa tenha a capacidade ou, por assim dizer, a intenção de revelar seu ser, pela simples razão de que, de outra maneira, não se explica como se pôde realizar o descobrimento. Deste modo, teremos então não apenas a suposição de que o descobrimento é um ato em si, dotado, por isso, de um sentido ou de um ser predeterminado, mas também, coerentemente, teremos

a suposição de que a coisa mesma é a que tem a intenção que dá ao ato o referido sentido. Assim entendemos como é possível incorrer no absurdo de o continente americano ter tido o desígnio de descobrir-se a si mesmo no momento em que Colombo entrou em contato físico com ele, porque, se em lugar de pensar que a esse pedaço de matéria se atribuiu esse ser num momento dado para explicá-lo dentro de uma determinada imagem geográfica, pensamos que o tem sempre como algo essencialmente seu e independentemente de nós; a ele outorgamos, *ipso facto*, a capacidade de que esse ser possa nos obrigar a entrar em relação ou contato com ele, obrigação que é como a de uma vontade ou intenção a que é forçoso submetermo-nos, pois não estamos livres diante dele. Assim torna-se possível que se incorra no absurdo que encontramos no âmago da tese do descobrimento casual da América. Não são, portanto, puramente acidentais as metáforas que os historiadores costumam empregar quando, emocionados, descrevem o famoso episódio de 12 de outubro de 1492, enquanto nelas se torna patente o absurdo da tese. Morison, por exemplo, ao relatar aquele acontecimento, termina por dizer que "nunca mais poderão os mortais abrigar a esperança de sentir de novo o pasmo, o assombro, o encanto daqueles dias de outubro de 1492, quando o Novo Mundo graciosamente cedeu sua virgindade aos vitoriosos castelhanos".[58] Mas, que outra coisa denuncia este estupro metafísico senão a idéia de que, já plenamente constituído em seu ser, ali estava o continente americano em secular e paciente disposição para revelar-se ao primeiro que, como num conto de fadas, viesse tocá-lo? Eu gostaria de terminar este item com um pequeno relato que talvez sirva para esclarecer as coisas. Ao concluir uma conferência em que eu acabava de expor todas estas idéias, fui abordado por um dos assistentes, que me disse: "O senhor quer dizer seriamente não ser possível a um homem descobrir por acidente um pedaço de ouro, tomemos por exemplo, sem que seja necessário supor, para que isto aconteça, que este

58. Morison, *Admiral of the Ocean Sea*. XVI, v. 1, p. 308.

pedaço de ouro ali estava disposto ou desejando que o viessem descobrir?"

"A resposta - disse-lhe - deixo-a à sua conta; mas antes reflita um pouco e verificará que se esse homem não tem uma idéia prévia do metal a que chamamos ouro para poder, assim, atribuir ao pedaço de matéria que encontra acidentalmente o sentido que tem essa idéia, é absolutamente impossível que faça o descobrimento que o senhor lhe atribui. Esse, acrescentei, é precisamente o caso de Colombo."

XI

É chegado o momento de responder à pergunta que serviu de ponto de partida a esta reflexão e de extrair as conseqüências que dela derivam.

Já perguntamos se a idéia da descoberta do continente americano terá sido ou não aceitável como forma satisfatória de explicar o aparecimento do referido continente no âmbito da Cultura do Ocidente. Agora já podemos responder, com pleno conhecimento de causa, que não é satisfatória, porque sabemos que se trata de uma interpretação que não consegue dar conta adequada da realidade que interpreta, pois ela própria se reduz ao absurdo quando chega à situação limite de suas possibilidades lógicas. Mas como sabemos, além do mais, que a causa desse absurdo é a noção substancialista a respeito da América como uma coisa em si mesma, concluímos que é forçoso abandonar tanto essa velha noção como a interpretação que dela procede, a fim de termos liberdade para buscar um modo mais adequado de explicar o fenômeno.

Ao chegar a esta necessária e revolucionária conclusão, ter-se-á constatado que colocamos em crise os fundamentos da historiografia americana em sua totalidade, conforme vem sendo concebida e elaborada até agora. A razão é óbvia: a noção tradicional a respeito da América como uma coisa em si e a idéia não menos tradicional

de que, por isso, se trata de um ente cujo ser é descobrível, que de fato foi descoberto, constituem a premissa ontológica e a premissa hermenêutica, respectivamente, do que depende a verdade que aquela historiografia elabora. Não é difícil ver que, se se deixa de conceber a América como algo definitivamente feito desde todo o sempre, que milagrosamente revelou num bom dia o seu oculto, ignoto e imprevisível ser a um mundo atônito, então o acontecimento que assim se interpreta (o encontro por Colombo de regiões oceânicas desconhecidas) ganhará um sentido inteiramente diferente como também, está claro, a longa série de acontecimentos que os seguirão. Assim, todos esses fatos que agora conhecemos como a exploração, a conquista e a colonização da América; o estabelecimento de regimes coloniais em toda a diversidade e complexidade de suas estruturas e de suas manifestações; a paulatina formação das nacionalidades; os movimentos em prol da independência política e da autonomia econômica; numa palavra, a grande soma total da história americana, latina e saxônica, estará revestida de uma nova e surpreendente significação. Veremos, antes de tudo, que o problema central da sua verdade é o concernente ao ser da América, não pensado como essa substância inalterável e predeterminada que agora, inconscientemente, se postula, *a priori*, mas como resultado de um processo histórico peculiar e próprio, embora essencialmente vinculado ao processo do acontecer universal. Pois, assim, os acontecimentos não aparecerão como algo externo e acidental que em nada podem alterar a suposta essência de uma América constituída desde a Criação, mas como algo interno que vai constituindo o seu ser, ondulante, dinâmico e perecível como o ser de tudo que é vida; sua história não será aquilo que a América "passou", mas aquilo que "foi, é e continua sendo".

Depreende-se destas considerações que o resultado de nossa análise representa, do lado negativo, a bancarrota e o desmoronamento da velha concepção essencialista da história americana; mas, do lado positivo, significa a abertura de um caminho para se chegar a uma visão dinâmica e viva a respeito dela..Mas se assim é, se

diante dos nossos olhos se desdobra esta possibilidade, o primeiro e o que sempre há que se ter presente é que já não contamos, nem devemos jamais contar, com uma idéia *a priori* do que seja a América, pois essa noção é uma resultante da reflexão histórica e não, como é habitual supor, uma premissa logicamente anterior a ela. Isto quer dizer que somos levados a propor um processo diametralmente inverso ao tradicional, se pretendemos abordar o grande problema histórico americano, qual seja, esclarecer como apareceu a idéia da América na consciência da Cultura do Ocidente. Em lugar de partir de uma idéia preconcebida a respeito da América para tratar de explicar - já vimos a que preço - como Colombo descobriu o ser desse ente, devemos partir do que fez Colombo, para explicar como se chegou a atribuir-lhe esse ser. E se o leitor teve a paciência de seguir-nos até aqui com suficiente atenção, verificará que, do ponto de vista do processo cuja história reconstruímos, este novo caminho é o de aceitar plenamente o sentido histórico da empresa de Colombo, tal como se deduz das suas intenções pessoais, em lugar de anular seu significado como se fez nas duas últimas etapas daquele processo. Assim, nossa proposta pode ser considerada como uma etapa ulterior do mesmo desenvolvimento, mas uma etapa que, englobando a crise a que conduz o insensato empenho de manter a idéia do descobrimento da América, o abandona em busca de um novo conceito que apreenda de um modo mais adequado a realidade dos fatos. Esse conceito, podemos antecipar, é o de uma América inventada que não é o da velha noção de uma América descoberta.

SEGUNDA PARTE

O HORIZONTE CULTURAL

© 1986 by Fondo de Cultura Económica, S. A. de C. V.
Título original em espanhol: La Invención de América.
© 1992 da tradução brasileira:
Direitos de publicação reservados à:
Fundação Editora da UNESP (FEU)
Praça da Sé, 108
01001-900 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 3242-7171
Fax: (0xx11) 3242-7172
www.editoraunesp.br
feu@editora.unesp.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

O'Gorman, Edmundo, 1906-
A invenção da América: reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido do seu devir / Edmundo O'Gorman; tradução de Ana Maria Martinez Corrêa, Manoel Lelo Bellotto. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. – (Biblioteca Básica)

Bibliografia.
ISBN 85-7139-025-8

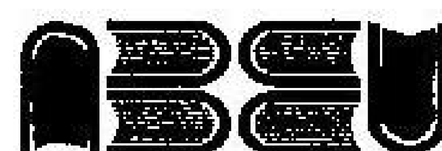
1. América – Descobrimento e exploração 2. América – Histórica I. Título. II. Título: Reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido do seu devir. III. Série.

92-1977
CDD-970.01

Índices para catálogo sistemático:
1. América: Descobrimento e explorações: História 970.01

Editora afiliada





À
Universidade Nacional Autônoma do México
com gratidão e amor

Agora, bastará lembrar que as terras, cuja existência Colombo começou a mostrar, acabaram por ser imaginadas como um "novo mundo", para se presumir que esse acontecimento funcionou como motivação para essa mudança que acabamos de destacar. O problema que se coloca é tratar de esclarecer historicamente como se chegou à idéia de um novo mundo, no âmbito de um mundo que não admitia semelhante possibilidade. É essa a questão que trataremos de resolver no item seguinte.

5. Antes de embarcar nessa aventura, devemos acrescentar mais um traço no esquema que estamos esboçando para descrever o horizonte cultural em que se inicia a empresa colombiana. Referimo-nos ao que se pode chamar de estrutura histórica do mundo, conforme se imaginava naquela época. De fato, o mundo não era entendido como um todo homogêneo; ao contrário, pensava-se que estava dividido em três partes de extensão desigual, mas principalmente de natureza histórica diferente. Aludimos à chamada divisão tripartida que estruturava, em ordem hierárquica ascendente, a África, a Ásia e a Europa, esta última a mais perfeita por sua natureza e espiritualmente privilegiada. Esta famosa divisão do mundo tem antecedentes remotos na Cultura Clássica, como atesta Heródoto, que já fala dela como uma noção consagrada pelo uso. O Cristianismo adotou-a como sua ao lhe atribuir um fundamento próprio no relato bíblico da repartição da Terra entre os três filhos de Noé. Veremos, oportunamente, o papel decisivo que desempenhará essa antiga divisão no processo que passamos a descrever em seguida.

TERCEIRA PARTE

O PROCESSO DE INVENÇÃO DA AMÉRICA

Somente o que se idealiza é o que se vê;
mas o que se idealiza é o que se inventa.
Martim Heidegger:
Aus der Erfahrung des Denkens, 1954.

I

No sistema do universo e na imagem do mundo que acabamos de esboçar, não existe nenhuma entidade que tenha o ser de América, em nada dotada desse particular sentido ou significação. Real, verdadeira e literalmente a América, como tal, não existe, apesar da existência da massa de terras não submersas que, no decorrer do tempo, acabará por lhe atribuir esse sentido, esse significado. Colombo, pois, vive e atua no âmbito de um mundo em que a América, imprevista e imprevisível, era, em todo caso, mera possibilidade futura, mas da qual, nem ele nem ninguém tinha idéia, nem poderia tê-la. O projeto que Colombo submeteu aos reis da Espanha não se refere, pois, à América, tampouco às suas quatro famosas viagens, como veremos. Mas se é assim, não vamos incorrer, agora que estamos a ponto de nos lançar com Colombo em sua grande aventura, no equívoco de supor, como é habitual, que ainda que ignorasse, "em realidade" ele cruzou o Oceano em busca da América e que "em realidade" chegou a suas praias, onde tanto batalhou e sofreu. As viagens de Colombo não foram, nem poderiam ser, "*viagens à América*",[1] porque a interpreta-

1. É habitual apresentá-los assim. Veja-se, por exemplo, Morison, *Admiral of the Ocean Sea*. I, p. 201 e II, p. 47, 219, 307.

ção do passado não tem, nem pode ter, como as leis justas, efeitos retroativos. Afirmar o contrário, proceder de outro modo, é despojar a história da luz com que ilumina seu próprio devir e privar as façanhas da sua profunda dramaticidade humana e de sua não menos profunda verdade pessoal. Diametralmente diferente, pois, da atitude que adotam todos os historiadores que partem do princípio de uma América à vista, já plenamente feita, plenamente constituída, vamos partir de um vazio, de uma América ainda não existente. Compenetrados desta idéia e do sentimento de mistério que acompanha o início de toda aventura verdadeiramente original e criadora, passemos a examinar, em primeiro lugar, o projeto de Colombo.

II

O projeto de Colombo é de uma simplicidade dórica: pretendia atravessar o Oceano na direção do ocidente para, a partir da Espanha, alcançar os litorais extremos orientais da Ilha da Terra e unir, dessa forma, a Europa à Ásia.[2] Como é óbvio e já exposto, este acontecimento nada teria de novo e sabemos em que noções estava fundamentada a possibilidade de realização de semelhante viagem. Convém recordá-las brevemente.

A forma esférica que, de acordo com a física de Aristóteles, compreendia o conjunto das massas de água e de terra, é a premissa fundamental: tratando-se de um globo, um viajante poderia, em princípio, chegar ao oriente do *orbis terrarum* navegando para o ocidente. O único problema era, pois, saber se a viagem seria realizável, em razão dos meios com os quais se contavam. Colombo

2. Ao aceitar o objetivo asiático da empresa de Colombo, nós o fazemos com pleno conhecimento das polêmicas suscitadas a respeito. Muitos anos de debates resultaram numa prova irrefutável em favor da verdade desse objetivo. De qualquer maneira, a questão carece de importância para nós porque, para a compreensão do processo que vamos reconstruir, é indiferente que Colombo tenha imaginado haver chegado à Ásia depois de ter achado terra, pois nisso consiste a tese dissidente.

convenceu-se pela afirmativa, aproveitando a indeterminação que havia sobre o tamanho do globo terrestre e da dimensão da Ilha da Terra.[3] Assim, apoiando-se no dilema que havia sobre esses dois fatos, acabou por se convencer de que o globo era muito menor do que habitualmente se aceitava e de que o *orbis terrarum* era muito maior do que se pensava. A conseqüência dessas duas suposições é óbvia: quanto maior fosse a dimensão da Ilha da Terra e menor a circunferência do globo, mais curto seria o espaço oceânico que se teria a percorrer.

Sabemos que, em sentido restrito, nenhuma dessas suposições constituíam disparates científicos. A verdade, no entanto, é que Colombo exagerou tanto na sua avaliação a respeito da pequenez do globo, no seu afã de se convencer e de convencer aos outros, que seus argumentos foram mais prejudiciais do que favoráveis ao seu intento. Para o homem bem informado da época, a única coisa a merecer verdadeira consideração era a possível proximidade das costas atlânticas da Europa e da Ásia mas, mesmo assim, o projeto parecia ilógico pelo muito que obrigava a alongar a extensão da Ilha da Terra, para torná-lo plausível. A opção dos portugueses em favor da rota oriental não obedecia, pois, a um mero capricho e seu único grande risco consistia em que as costas da África não terminavam, como se supunha (Fig. 2), acima do Equador.[4]

Esta situação explica, por si só, a resistência que Colombo encontrou no patrocínio da empresa que propunha. Não é muito difícil, sem dúvida, compreender os motivos que levaram os reis católicos a decidir apoiá-la. Em primeiro lugar, a rivalidade com Portugal, acentuada pelo achado do Cabo da Boa Esperança, permitiu ao projeto de Colombo um apoio inesperado. Parece óbvio que Fernando e Isabel acederam aos insistentes pedidos de Colombo, com a esperança do jogador que, confiando num extraordinário golpe de sorte, decide aceitar um convite arriscado. Era muito pouco o que se poderia perder e muitíssimo o que se

3. Segunda Parte deste livro, III, 1 e 2.
4. *Ibid.* IV, 1.

poderia ganhar. Isso explica, além do mais, que a Coroa, já decidida a tentar fortuna, aceitara as exorbitantes pretensões de remuneração de Colombo.

Em segundo lugar, a concordância em aceitar o patrocínio da empresa foi estimulada pela possibilidade de se obter para a Espanha alguma ou algumas ilhas que a cartografia medieval situava no Atlântico e que nada tinham a ver com o suposto arquipélago próximo das costas da Ásia.[5] Tal possibilidade parece explicar, pelo menos parcialmente, o motivo de as capitulações assinadas por Colombo (Villa de Santa Fé de Granada, 17 de abril de 1492) apresentarem a empresa como uma mera exploração oceânica que, certamente, não teria porque excluir o objetivo asiático.[6] Nessa particularidade do célebre e discutido documento fundamenta-se, a nosso ver, um motivo a mais que reforça a decisão dos reis da Espanha, que não se tem dado a atenção merecida, a saber: o desejo e a oportunidade de realizar um ato de soberania nas águas do Oceano, coisa nessa época totalmente inusitada. De fato, o verdadeiramente extraordinário das capitulações não consiste no fato de nelas não aparecer, de modo expresso, a finalidade asiática da viagem, mas de aparecer de maneira explícita uma declaração do domínio espanhol sobre o Oceano, pretensão extravagante pelos motivos que indicaremos oportunamente.[7]

Todas essas considerações não estão animadas pelo desejo de tomar partido numa das mais inflamadas polêmicas da historiografia colombiana, que em nada nos afeta.[8] Faziam falta, sim, para descrever a situação inicial, porque ao indicar o contraste entre a confiante atitude de Colombo e a precavida posição da Coroa, já se faz patente a discrepância que desencadeará o desenvolvimento futuro dos acontecimentos. A situação deve ser vista mais ou menos

5. *Ibid.* IV, 3.
6. O texto deste famoso documento está em Navarrete, *Colección*, II, v.
7. Segunda Parte deste livro, V, 4. Nas *Capitulaciones* (Navarrete, *Colección*, II, v) Fernando e Isabel se deixam ostentar como "senhores que são", diz o texto, "dos referidos mares oceanos" e enviam Colombo para os explorar, prometendo torná-lo almirante deles.
8. Vide nota 2.

assim: ali está, pleno de possibilidades ignoradas, o projeto da empresa como uma seta no arco vergado. Dois espectadores cheios de interesse contemplam o acontecimento de pontos de vista parcialmente coincidentes e parcialmente diferentes. Quando se fizer o disparo, será desatado o nó de possibilidades e, necessariamente, os dois espectadores compreenderão seus resultados de modos ligeiramente diferentes. Trava-se o diálogo e, pouco a pouco, entre coincidências e dissidências, ilusões e desenganos, irá sendo perfilada uma nova e surpreendente versão dos acontecimentos. Agora, Colombo tem a palavra.

III

Na multissecular e alucinante história das viagens que realizou o homem sob impulsos e pressões as mais diversas, a que empreendeu Colombo em 1492 brilha com um esplendor particular. Não apenas admiraram a ousadia, a imensa habilidade e a fibra do célebre navegante, como também o inesperado desenlace acrescentou tanto brilho ao legítimo assombro, que a façanha converteu-se no mais espetacular dos acontecimentos históricos. Um belo dia, assim se costuma relatar o acontecimento, por obra de inexplicada e inexplicável premonição profética, de magia, ou de milagre, ou do que quer que seja, o rival de Ulisses na fama, o príncipe dos navegantes e descobridor por antonomásia, revelou ao mundo atônito a existência de um imenso e imprevisível continente chamado América, mas sobre o qual admite-se que nem Colombo nem ninguém sabia o que era. Provavelmente é uma desgraça mas, na história, as coisas não acontecem dessa maneira, de sorte que, por espantoso que pareça, o velho e manuseado conto da primeira viagem de Colombo não foi relatado ainda como deveria ser, em que pese a avalanche bibliográfica que o sufoca. Fica para outra ocasião tentar fortuna a esse respeito, porque a economia que temos nos imposto obriga somente a considerá-lo no delineamento de seu significado histórico e, para isso, nos limitaremos a exami-

nar o conceito formulado por Colombo do seu achado e a atitude que observou durante toda a exploração, isto é, vamos tratar de compreender o sentido que o próprio Colombo atribuiu ao acontecimento e não o sentido que posteriormente houveram por bem atribuir-lhe.

Não há necessidade de se preocupar com citações documentais porque ninguém ignora o que ocorreu: quando Colombo avistou terra, na noite entre os dias 11 e 12 de outubro de 1492, teve a certeza de haver chegado à Ásia, ou mais precisamente dizendo, aos litorais do extremo oriente da Ilha da Terra. Tratava-se então, certamente, de apenas uma ilha pequenina, mas uma ilha, imagina, do farto arquipélago junto às costas do *orbis terrarum*, sobre o qual havia escrito Marco Polo, ilha à qual vinham, segundo se dizia, os servidores do Grande Kan, imperador da China, para adquirir escravos e, certamente, vizinha da celebérrima Cipango (Japão), rica em ouro e pedras preciosas. Colombo se propôs localizar esta última no dia seguinte ao da sua chegada.[9] Em suma, sem necessidade de mais provas do que a de haver encontrado a ilha onde a encontrou e, o que é mais importante, com a circunstância de estar habitada, Colombo acreditou ter chegado à Ásia.

Mas o que é verdadeiramente extraordinário para nós não é que Colombo tenha se convencido de que estava nas proximidades da Ásia quando, a bordo da nau capitânia, contemplou as esmeraldinas margens daquela primeira ilha que lhe entregou o Oceano, mas sim a circunstância de ter mantido essa crença durante toda a exploração, apesar de não ter comprovado nada do que esperava, isto é, que comprovasse sua crença de maneira indubitável. A esse respeito também não é necessário juntar provas textuais. Já se sabe: em tudo e em todas as partes, Colombo via a Ásia, as remotas regiões da Ilha da Terra, que uma tradição multissecular vinha pintando em tão belas e alucinantes cores e que a cobiça do navegante acumulava de riquezas nunca sonhadas de ouro, pedras reciosas, especiarias e outros produtos naturais do mais alto preço.

9. *Diario del primer viaje de Colón*, *Raccolta*, I, i e Navarrete, *Colección* I, 1.

A rudeza e a nudez dos povoadores naturais, a absoluta ausência de cidades e de palácios que deveria ter encontrado e que inutilmente procurou, a circunstância de que o ouro só brilhava no rumor das falsas notícias que lhe davam os indígenas e o fracasso repetido na tentativa de localizar, primeiro Cipango e depois o Grande Kan, em nada abalaram sua fé: havia chegado à Ásia, estava na Ásia e da Ásia voltava e desta convicção nada nem ninguém o fará retroceder até o dia de sua morte.

Eis aqui, pois, a situação: Colombo não apenas acreditou que havia chegado ao outro extremo da Ilha da Terra, quando deu com a primeira terra, mas também tudo quanto verificou durante a exploração foi interpretado por ele como prova empírica dessa crença. Para um homem de outra formação mental, a reiterada ausência dos indícios previstos em suas especulações deveria, pelo menos, ter semeado a dúvida. Em Colombo, observa-se justamente o contrário: nada o abala na sua fé. Do desengano, consideremos por acaso, ao não encontrar a opulenta cidade que estaria, segundo ele, na virada de um promontório avistado ao longe, brota não a desilusão, mas a esperança renovada de encontrá-la atrás do próximo cabo e quando se torna insustentável mantê-la, acorre ágil e consoladora em sua mente uma explicação qualquer, um pretexto que deixa a salvo sua crença. O favorável e o adverso, o branco e o negro, tudo é a mesma coisa; tudo é alimento, nada é veneno, pois, dócil ao desejo, a realidade se transfigura para que brilhe suprema a verdade acreditada. Bem o descreve Bartolomeu de Las Casas quando, admirado diante da credulidade do almirante (já se pode assim chamar Colombo) qualifica de "*cosa maravillosa como lo que el hombre mucho desea y asienta una vez com firmeza en su imaginación, todo lo que oye y ve, ser en su favor a cada paso se le antoja*".[10] Esse é exatamente o caso de Colombo; esta é a chave para penetrar o íntimo drama da sua vida; é esse o clima espiritual que regula toda sua atividade futura e que alimenta as esperanças de glória e de riqueza que concebeu naquele dia de outubro quan-

10. Las Casas, *Historia*, I, 44.

do, ao perceber a pequena ilha a que chamou de San Salvador, convenceu-se para sempre de sua vitória.

IV

Agora que sabemos o que pensou Colombo sobre as terras que encontrou e a atitude que observou a esse respeito, devemos tratar de verificar que sentido tem uma coisa e outra ou, se se prefere, qual é o significado conceitual da viagem de 1492.

A resposta a esta pergunta não é difícil se submetermos os dados com que contamos a uma pequena análise.

Em primeiro lugar, vejamos que tipo de operação mental realizou Colombo. Pois bem, se pensou que havia chegado ao extremo oriente da Ilha da Terra, unicamente pelo fato de ter encontrado terra habitada no lugar onde a encontrou e não por nenhum outro indício irrefutável, sua idéia não passa de mera suposição, ou para dizê-lo com um termo mais técnico, não passa de uma *hipótese*.

Mas, em segundo lugar, qual é o fundamento dessa suposição ou hipótese? Isto é, por que pôde Colombo supor que havia chegado ao extremo oriental da Ilha da Terra, pelo único fato de ter encontrado uma terra habitada no lugar onde a encontrou? A resposta é óbvia: Colombo pôde supor isso porque a imagem que previamente tinha sobre a dimensão da Ilha da Terra tornava possível essa suposição. Estamos, portanto, diante de uma hipótese, mas uma *hipótese a priori*, isto é, fundada não numa prova empírica, mas numa idéia prévia ou *a priori*.

Isto, entretanto, ainda não revela no fundo a atitude de Colombo porque, em terceiro lugar, a hipótese não só está fundamentada numa prova empírica, como Colombo não concede à experiência o benefício da dúvida. Com efeito, vimos que manteve sua idéia de ter chegado à Ásia apesar de que tudo quanto viu parecer contrariá-la, pois não encontrou nada do que esperava ver. Esta circunstância revela, então, uma situação muito peculiar,

mas não por isso menos comum, a saber: que a suposição de Colombo é de tal natureza que permanecia invulnerável aos dados da experiência. Perguntar-se-á como pôde ter sido assim. A explicação é bem mais clara. O que acontece é que a idéia prévia que serve de base à suposição, isto é, a idéia de Colombo sobre a excessiva dimensão da Ilha da Terra, se lhe impôs como uma verdade indiscutível. Assim, no lugar de estar disposto a modificar sua opinião de acordo com os dados revelados pela experiência, viu-se constrangido a ajustar esses dados de um modo favorável àquela opinião, mediante interpretações violentas ou arbitrárias, conforme fosse necessário.

A suposição do Almirante não foi apenas uma hipótese, não só uma hipótese *a priori*, mas uma hipótese incondicional ou necessária. Uma opinião que se sustenta por si mesma num centro que confunde toda dúvida proveniente da experiência. Temos que concluir, portanto, que Colombo postulou sua hipótese, não propriamente como uma idéia, mas como uma *crença* e nisto consiste o verdadeiramente decisivo de sua atitude.

Não nos enganemos pensando que se trata de uma explicação desconexa, que nos obrigue a aceitar algo tão inusitado quanto extravagante. Todo aquele que tenha estado apaixonado passou por uma situação semelhante porque, como todos sabem, principalmente as mulheres, o amor implica uma crença cega em tudo o que diz e o que faz a pessoa por quem se sente amor. Daí o profundo sentido que tem o episódio relatado por Stendhal daquela mulher que, surpreendida por seu amante com outro homem em situação sumamente comprometedora, se excusa, negando o fato. E como o amante não se deixa convencer em razão do que está presenciando, a mulher replica exaltada, dizendo em tom de agravo: "Bem se nota que já não me amas, pois preferes acreditar no que vês do que no que te digo." Diz Marcel Proust, numa passagem que parece ter escrito para ilustrar esta questão, que os fatos não penetram no mundo onde vivem nossas crenças e, posto que não lhes deram vida, não as podem matar; podem estar desmentindo-as constantemente sem debilitá-las e uma ava-

lanche de desgraças ou de enfermidades de que, uma após outras, padece uma família, não lhe faz duvidar da bondade de Deus, nem da perícia do médico.

Tal é, portanto, a atitude de Colombo: não só *pensa* que chegou ao extremo oriental do *orbis terrarum*, como também *crê* nisso. Agora, inteirados dessa circunstância, perguntemos, novamente, pelo significado da viagem de 1492.

Se recordarmos o que tantas vezes expusemos anteriormente, ou seja, que as coisas não são nada em si mesmas, senão que seu ser (não sua existência) depende do sentido que lhes conferimos (recorde-se o exemplo do Sol e da Lua nos casos dos sistemas geocêntrico e heliocêntrico, respectivamente), é claro que a atitude de Colombo significa ter dotado de um ser as regiões que encontrou. O ser que lhes comunica a crença de ser uma parte da Ilha da Terra. Mas se isto é assim, pode-se concluir que o significado histórico e ontológico da viagem de 1492 consiste em se ter atribuído às terras que encontrou Colombo o sentido de pertencerem ao *orbis terrarum*, assim dotando-as desse ser, mediante uma hipótese *a priori* e incondicional.

Fica estabelecido desse modo, e de acordo com as exigências mais estritas da interpretação histórica, o fato inicial do processo, cujo desenvolvimento vamos reconstruir. Não incorramos no equívoco que tradicionalmente cometeram os historiadores de considerar esse fato como um erro só porque mais tarde, as mesmas terras permanecerão dotadas de um ser diferente. Ao contrário, aceitemos o fato tal como a história nos entrega e seja esse o nosso ponto de partida para ver de que maneira se vai passar de um ser a outro, uma vez que nisso consiste o que chamamos a invenção da América.

V

Admite-se sem dificuldade que o próximo passo consiste em explicar como foi recebida a crença de Colombo.

Se excluirmos a atitude conformista de alguns, unicamente porque na discordância se abriga um novo desenvolvimento, o exame dos testemunhos revela um certo ceticismo, tanto na reação oficial como na científica. A clareza aconselha a considerá-las em separado.

A atitude da Coroa está regulada por um interesse primordial: garantir de fato e de direito os benefícios que pudessem advir do achado de Colombo. Assim, em primeiro lugar, preocupou-se em equipar e enviar o mais rápido possível uma armada para organizar a colônia, iniciar sua exploração e prosseguir as expedições de reconhecimento.[11] Estes objetivos de ordem prática se sobrepõem em interesse ao problema geográfico e científico. O que importava era que as terras encontradas fossem tão proveitosas como garantira o almirante, a quem, neste ponto, se concedia pleno crédito.

Em segundo lugar, a Coroa preocupou-se com o mesmo empenho em obter da Santa Sé um título legal que amparasse os seus direitos. Aqui também a questão do ser das terras encontradas não era primordial: o importante era assegurar juridicamente o domínio sobre elas. Mas, como para a obtenção do título respectivo era forçoso definir o seu objeto, a chancelaria espanhola se viu obrigada a pronunciar-se e a expressar uma opinião oficial acerca do problema que aqui interessa.

À primeira vista não se percebe a dificuldade: o aconselhável, parece, seria apoiar a crença do almirante. De fato, isso fizeram os reis no primeiro impulso de entusiasmo, como se percebe pelos votos que se apressaram a lhe enviar ao seu regresso, reconhecendo nele seu almirante, governador e vice-rei das "ilhas que se descobriram *nas Índias*", isto é, na Ásia.[12] Logo se reparou no perigo de semelhante admissão: Colombo podia estar enganado e, nesse caso, um título legal amparando regiões asiáticas não protegeria direitos sobre as terras efetivamente encontradas. Era necessário,

11. Na mesma Carta (Barcelona, 30 de março de 1493) em que os reis dão as boas vindas a Colombo pelo seu regresso, já o encarregam de organizar, com a maior brevidade, uma segunda viagem. Navarrete, *Colección*, II, xv.

12. *Ibid.*

pois, arbitrar uma fórmula suficientemente ampla e indeterminada, que incluísse o maior número de possibilidades. E foi o que se fez.

Com efeito, as terras que Colombo havia encontrado foram oficialmente definidas, a instância e sugestão da Coroa, na ambígüa fórmula empregada na bula *Inter caetera* de 3 de maio de 1493.[13] Nesse documento, elas são designadas vagamente como "ilhas e terras firmes" situadas nas "partes ocidentais do Mar Oceano, até o Índio".[14] Verifica-se que o espírito dessa fórmula era não excluir a possibilidade de que as terras referidas fossem asiáticas, mas para que fossem incluídas sem qualquer dúvida, faltava precisar o que deveria ser entendido pela expressão indefinida "partes ocidentais". A esta exigência respondem, primeiramente, a famosa linha alexandrina, mal chamada de repartição[15], depois, as negociações de Tordesilhas[16] e a célebre declaração contida na bula *Dudum siquidem*, em que expressamente se reconheceram para a Espanha direitos sobre terras insulares ou continentais na Ásia.[17]

---

13. O texto da bula em Navarrete, *Colección*, II, xvii.
14. "...*per partes occidentales, ut dicitur, versus Indus, im mari Oceano*..." Ibid.
15. Veja-se a segunda bula *Inter caetera*, junho de 1493, pré-datada em 4 de maio desse ano. A linha é de demarcação e não de partilha, como se diz habitualmente. O texto da bula em Navarrete, *Colección*, II, xviii.
16. Tratado de Tordesilhas, concluído em 7 de junho de 1494 e ratificado pela Santa Sé até 1506. No tratado não só foi modificado o traçado da linha; modificou-se também a sua natureza, porque agora já se trata de uma partilha do mundo conquistável entre Espanha e Portugal.

    Uma circunstância capital para se entender o significado do convênio de Tordesilhas, é que nele já se pensa o Oceano como suscetível de posse. A Espanha já havia dado claras indicações de tão inusitada pretensão. Navarrete, *Colección*, II, v e II, xli. Portugal, por sua vez, abrigou os mesmos desejos na interpretação que inutilmente quis dar ao alcance da bula *Aeternis regis*, de 22 de junho de 1481. Como o Papa não concordou neste ponto, ou seja, no de atribuir soberania sobre o Oceano nem a favor de Espanha nem de Portugal, estas duas potências se entenderam sobre a questão em Tordesilhas, assim o Oceano ficou legalmente incorporado, pela primeira vez, ao *orbis terrarum*. (Sobre isto, veja-se mais adiante nossa análise da *Cosmographiae Introductio*.)
17. A bula *Dudum siquidem* é de 26 de setembro de 1493. Nela ficou confirmada a linha traçada na segunda *Inter caetera* e, de maneira expressa, foram ampliadas a concessão, a doação e a designação "*a todas y cualesquier islas y tierras firmes halladas y por hallar, descubiertas y por descubrir que, navegando o caminando hacia occidente o mediodía son o fueron o aparecieren, ora estén en las partes occidentales o meridionales*

Numa palavra, por previsão política e por cautela jurídica, a Coroa acabou mostrando-se cética a respeito das afirmações de Colombo. Não que as recusasse como falsas; ao contrário, considerou-as como prováveis, pois era o que mais desejava, mas havia dúvida e nisto se fundamenta o escárnio em relação à atitude do almirante: já não se trata de uma crença.

VI

Vejamos, agora, qual foi a reação científica. O estudo dos documentos pertinentes mostra que, em termos gerais, os teóricos não deram crédito incondicional ao almirante,[18] como seria natural, se não nos esquecermos de que as premissas da sua crença eram discutíveis e que não apresentou suficientes provas empíricas em seu apoio. Não é que se negue a Colombo ter conseguido estabelecer contato com a parte do extremo oriente da Ilha da Terra e que, conseqüentemente, tenha chegado a regiões asiáticas, mas sim que se coloque em dúvida semelhante fato, porque nada obrigava a aceitá-lo de uma maneira indiscutível. Foi Pedro Mártir quem melhor colocou a questão.

Desde a primeira vez que o humanista refere-se à viagem de Colombo, constata-se seu ceticismo no fato de que se abstém de toda a tentativa de identificar as terras achadas e que se contenta em dizer que o explorador havia regressado das "antípodas ocidentais", onde encontrou umas ilhas.[19] Isso é tudo.

---

y orientales de la India". Tradução castelhana em Levillier, *América la bien llamada*, Kraft, Buenos Aires, 1948, I, 247 - 8.

18. A este respeito consultar Tribaldo de Rossi, *Su libro de cuentas* (*Raccolta*, Fonti, II, 1), O *Compendio della Cronaca Delfina* (Resumo de Sanuto da Crónica escrita por Pietro Dolfin. *Raccolta*, Fonti, II, 2), Pietro Parenti, *Crónica* (em Uzielli, *Toscanelli*, p. 34), Rolando Malipiero, *Crónica* (*Raccolta*, Fonti, II, 25), Lucas Fancelli (*Raccolta*, III, i, 165), Allegretto Allegretti, *Diario Sensi* (*Raccolta*, III, ii, 3), Battista Fregoso, *Crónica* (*Raccolta*, III, ii, 75) e Aníbal Zenaro ou Januarius (*Raccolta*, III, ii, 141-2). Com exceção de Fregoso e Zenaro, todos empregam expressões ambíguas que demonstram a dúvida sobre a identificação, com a Ásia, das terras encontradas por Colombo.
19. Pedro Mártir de Anglería, *Opus Epistolarum*. Alcalá de Henares, 1530. Primeira

Pouco depois, Pedro Mártir fixa sua posição inicial: diz que a viagem de Colombo foi uma "feliz façanha", mas não porque admita que tenha conseguido alcançar, segundo quer o navegante, o outro extremo da Ilha da Terra, mas porque dessa maneira se começava a ter conhecimento dessa parte da Terra, compreendida entre o Quersoneso Áureo (hoje Península de Malaca) e a Espanha, que permaneceu oculta, "desde o princípio da Criação" e que, por esse motivo, chama o "novo hemisfério".[20] O problema concreto a respeito do ser das terras que Colombo encontrou não parece, pois, inquietá-lo ainda.

Mais tarde, Pedro Mártir ratifica sua idéia a respeito da verdadeira importância da exploração e acrescenta que até a rivalidade entre Espanha e Portugal se enfraquece diante do supremo objetivo de chegar a conhecer a ignorada metade da Terra.[21] Nesta ocasião, porém, já se refere de maneira expressa à crença de Colombo. Considera que é inaceitável, porque "a magnitude da esfera parece indicar o contrário", isto é, porque a seu juízo, a distância percorrida é insuficiente para haver alcançado

edição castelhana, com estudo e tradução de José López de Toro, em *Documentos inéditos para la historia de España*. As cartas por nós citadas estão incluídas no primeiro tomo do *Epistolarum*, que corresponde ao tomo IX dos *Documentos*. Madri, 1953.

A citação a que se refere esta nota é da carta a Juan Borromeo, Barcelona, 14 de maio de 1493. A referida passagem é a seguinte: "*Post paucos indes dies rediit ab antipodibus occidius Christoforus quidam Colonus, vir Ligur, qui a meis Regibus ad hanc provinciam tria vix impetraverat navigia; quia fabulosa, quae dicebat, arbitrabantur. Rediit, preciosarum multarum rerum, sed auri praecipue que suapte natura regiones illae generat, argumenta tulit.*"

20. Duas cartas, uma para o Conde de Tendilla e para o arcebispo de Granada; a outra para o Cardeal Ascâneo Sforza. Ambas são de 13 de setembro de 1493. *Epistolarium*, 133 e 134.

O texto diz: "*Mira res ex eo terrarum orbe, quem sol horarum quatuor et viginti spatio circuit, ad nostra usque tempora, quod minime te latet, trita cognitaque dimidia tantum pars, ab Aurea utpote Cheroneso, ad Gades nostras Hispanas, reliqua vero a Cosmographis pro incognita relicta est. Et si quae mentio facta, ea tenuis et incerta. Nunc autem, o beatum facimus! meorum Regum auspiciis, quod latuit hactenus a rerum primordio, intelligi coeptum est.*" *Epistolario*, 134. O problema concreto sobre o ser das terras que Colombo encontrou não parece, pois, inquietá-lo ainda.

21. Carta para o Arcebispo de Braga, Barcelona, primeiro de outubro de 1493. *Epistolario*, 135.

o extremo oriente da Ilha da Terra; mas, apesar disso, não se atreve a negá-lo decididamente, pois "não faltam aqueles que opinam que o litoral Índico dista muito pouco das praias espanholas".[22] Pedro Mártir tem ciência, pois, do dilema que existe a respeito da dimensão do *orbis terrarum* e admite que Colombo pode estar certo.

Nas *Décadas*,[23] o humanista insiste na sua opinião, mas acrescenta, primeiro, que Aristóteles e Sêneca eram autoridades a favor da relativa vizinhança entre a Ásia e a Europa; segundo, que a presença de papagaios nas ilhas encontradas por Colombo é indício favorável à crença do explorador; terceiro, que em compensação, não era correta a sua idéia de que a Ilha Espanhola (hoje Haiti e São Domingos) era o Ofir mencionado na Bíblia, e, quarto, que as terras que Colombo encontrou bem podiam ser "as Antilhas e outras adjacentes", isto é, um arquipélago Atlântico que nada tinha a ver com as regiões asiáticas.[24]

Finalmente, como Pedro Mártir não podia deixar de se pronunciar sobre o problema do ser concreto das terras encontradas, apesar de considerá-lo de importância secundária, a fórmula de "novo hemisfério", que havia antes empregado, mostrava-se insatisfatória, porque referia-se unicamente a uma divisão geométrica da terra, sem alusão ao seu sentido geográfico e moral. Foi nesta conjuntura que Pedro Mártir cunhou a famosa expressão "novus orbis"como fórmula adequada para satisfazer a essa exigência no ambiente de dúvidas que então reinava a respeito.[25] De fato, ao insistir sobre o qualificativo de "novo", sustentou a idéia de que se tratava de algo de que não se tivera conhecimento antes; quanto à substituição da palavra "hemisfério" por "orbe", nisso fundamenta seu acerto, porque, ao mesmo tempo em que conseguiu manter dessa maneira a mesma signifi-

22. *Ibid.*
23. *Décadas. De Orbe Novo*. A primeira edição é de Alcalá de Henares, 1530.
24. *Décadas*, Dec. I, liv. I, 13 de novembro de 1493.
25. Pedro Mártir empregou essa designação pela primeira vez em carta de primeiro de novembro de 1493, dirigida ao Cardeal Ascâneo Sforza. *Epistolario*, 138.

cação genérica e, portanto, o sentido fundamental que atribuía à empresa, não deixava de se referir, também, ao conteúdo do ignoto hemisfério como um "mundo" na sua acepção moral, mas sem avaliar previamente se as terras encontradas formavam parte de um orbe diferente do *orbis terrarum* ou se eram parte deste, como queria Colombo. Apesar da ambigüidade provocada pelo qualificativo "novo", que unicamente aludia ao desconhecimento que se tinha a respeito das terras achadas, bem como do hemisfério ocidental, a fórmula constituiu-se num acerto extraordinário, não surpreende, portanto, seu êxito histórico, embora essa circunstância não tenha deixado de provocar muitos equívocos.[26]

Em resumo, esta análise das idéias de Pedro Mártir mostra que, do ponto de vista científico, a crença de Colombo suscitou uma dúvida, não um repúdio, e nisto coincide com a reação política e jurídica dos círculos oficiais.

26. Na carta a que se refere a nota anterior, Pedro Mártir escreveu a seguinte frase: "*Colonus ille novi orbis repertor.*" Bem, estas palavras têm sido traduzidas habitualmente por "Aquele Colombo, descobridor do Novo Mundo", assim em maiúsculas, como se o autor se referisse a um ente geográfico que afirma ter sido descoberto por Colombo. Fica insinuado assim que Pedro Mártir já se refere, em 1493, a esse ente que agora chamamos Novo Mundo e que atribui à viagem de Colombo o sentido de o ter descoberto. Claro que nada pode ser mais falso e, se é verdade que os historiadores não chegam a tanto, como admitir equívoco tão flagrante, não é menos verdade que, ao traduzirem aquelas palavras de Pedro Mártir da maneira indicada, acabaram por semear confusões nas quais eles próprios se vêem envolvidos. Veja-se, por exemplo, o caso de Samuel Eliot Morison, *Admiral of the Ocean Sea*, II, p. 40-1. O autor não parece compreender que Pedro Mártir se mostra cético em relação à idéia de Colombo ter chegado à Ásia, e como, por outro lado, acredita que a expressão "*novis orbis*" foi empregada nesse momento por Mártir como nome próprio, pensa que se refere concretamente às ilhas achadas como se fossem regiões asiáticas. Assim, Morison acaba por atribuir a Pedro Mártir "o mesmo erro", diz, "que cometeu Colombo e ao qual aderiu obstinadamente por toda vida", quando, precisamente, o decisivo na atitude de Pedro Mártir foi ter resistido desde o início a isso que Morison chama o "erro" de Colombo. Morison pretende apoiar sua interpretação numa carta de Pedro Mártir de fins de 1494 (*Epistolario*, 142), sem se dar conta de que nessa carta o autor expõe a opinião de Colombo e não a sua própria.

VII

Inteirados do ceticismo com que foi recebida a crença de Colombo, convém agora examinarmos o sentido que tem do ponto de vista da nossa reflexão.

Se consideramos, em primeiro lugar, que essa crença não foi plena e cabalmente repudiada, foi por ter sido aceita como mera hipótese. Ora, é óbvio portanto, em segundo lugar, que se aceitaram também os fundamentos em que se apoiava, a saber: a imagem que previamente se tinha sobre o *orbis terrarum* como uma ilha, cuja extensão tornava possível essa hipótese. Da mesma maneira, pois, como no caso pessoal de Colombo, estamos na presença de uma hipótese com fundamento *a priori*. Em terceiro lugar, diferentemente de Colombo, esta hipótese não é aceita de um modo incondicional e imprescindível, porque a suposta excessiva dimensão da Ilha da Terra não se impõe como uma verdade indiscutível, mas simplesmente como uma possibilidade. Podemos concluir, pois, que a reação oficial e científica consistiu em postular a mesma hipótese de Colombo, não como uma crença invulnerável aos dados empíricos, mas simplesmente como uma *idéia*, cuja verdade era possível em certo grau de probabilidade, ou para dizer de outra maneira, como uma noção que pode ser modificada de acordo com a experiência e, portanto, condicional e sujeita à prova.

O contraste a respeito da atitude de Colombo é enorme. Exemplificando, é o mesmo que existe entre o homem apaixonado e seu amigo, a quem aquele fez o panegírico a respeito da fidelidade, elegância e beleza da mulher que é o objeto do seu amor. O amigo receberá os desmesurados elogios com a natural reserva de indiferença e imaginará que tudo quanto faça e diga essa mulher, será deturpado pelo seu admirador num sentido favorável aos interesses da sua paixão, por mais que ela, talvez, o esteja enganando ou, mesmo, apesar de que se enfeite e se vista com visível mau gosto. No entanto, como é possível que ocorra o contrário, pode bem acontecer que ela seja o que dela se diz e que reúna em si tantas qualidades, o amigo aceitará tudo quanto se lhe tenha dito, mas

sob a condição de verificá-lo por sua conta própria. Formulará ao apaixonado desejos de conhecê-la ou, o que é o mesmo, à maneira de cortesia, exigirá a prova da sua crença.

Este é o diálogo inicial da nossa história. Desde logo os dois pontos de vista não entram em conflito aberto, porque a atitude da Coroa e dos teóricos admite para Colombo a possibilidade de acerto. Exige-se do almirante ouro e se lhe pede provas; ele, enclausurado no mágico círculo da sua crença invulnerável, não duvida da satisfação que dará às demandas dos incrédulos. Alegre, vitorioso, confiante e agraciado com favores e títulos, prepara a bela e poderosa frota e, qual um Moisés marinho, a conduzirá à Terra prometida.

Nosso próximo passo será examinar em que deve consistir concretamente a prova que se pede a Colombo e quais podem ser as conseqüências do êxito ou do fracasso que tenha a respeito, isto é, o que é que está em jogo, o que é que se arrisca neste desafio. Antes de dirigir a atenção a estas importantes questões, não será demais fazer notar que, sendo os dados que se podem encontrar em qualquer livro de história os mesmos sobre este assunto, a diferença entre o relato e o resultado não poderia ser maior. Colombo já regressou à Espanha e foram discutidos amplamente seu achado e suas opiniões. Está prestes a empreender sua segunda travessia e, no entanto, ainda não se descobriu nenhuma América. Por quê? Mera e simplesmente porque a América ainda não existe.

VIII

Na Segunda Parte deste livro, descrevemos o cenário cultural em que se desenrolou o drama que estamos reconstruindo; estamos agora a assistir ao seu primeiro ato. O cenário nos apresenta uma imagem estática e finita de um universo que, criado perfeito, já está composto, mais tudo o que nele existe e de uma maneira inalterável. A imagem de um universo irredutível e singular, no qual o homem é hóspede estranho, inquilino de uma ilha que não deveria existir e onde, prisioneiro, vive na eterna condição de servo temeroso e agradecido. Mas eis que um homem cruzou o Oceano, façanha cujo sentido é, para a época, o de uma viagem pelo espaço cósmico. Afirma, é verdade, que apesar de desconhecidas, as terras que achou são apenas regiões extremas dessa mesma ilha que Deus, em sua bondade, benevolamente destinou como morada aos homens, vizinhos que se desconhecem, embora habitantes do mesmo cárcere. E assim deve ser. Mas se por acaso não fosse assim? Se, por ventura, essas terras pertencessem a outra ilha, a um desses "outros orbes" de que falavam os pagãos? Que serão, então, seus povoadores, esses filhos do Oceano, cuja origem não se pode vincular ao pai comum dos homens e que, em todo o caso, pelo seu isolamento, permaneceram à margem da Redenção? Esta é a angústia contida na dúvida que o achado suscitou, mas também a remota promessa de uma possível brecha, de uma escapatória da milenária prisão. Mas, em tal caso, seria preciso alterar as noções recebidas; conceber de outra maneira a estrutura do universo e a natureza da sua realidade; pensar de outro modo as relações com o Criador e despertar a idéia de que é outro o lugar do homem no cosmos, outro o papel que está chamado a desempenhar e não o de servo, que um rígido dogma ensinou-o a aceitar.

Assim, insinuamos a tremenda crise que, embora distante, já se delineia no horizonte, a da situação constrangedora provocada pela atitude de ceticismo com que foram recebidas as opiniões do almirante. Assim começamos a nos dar conta, não só da dificuldade de convencimento do contrário – e nisto se fundamenta a grande força da tese de Colombo e o motivo do seu apego, com tenacidade exemplar, a ela, até o dia de sua morte – mas também do verdadeiro e profundo sentido desta história da invenção da América, que estamos contando. Nela haveremos de ver, como se verá, o primeiro episódio da libertação do homem de seu antigo cárcere cósmico e de sua multissecular servidão e impotência, ou se se prefere, a libertação de uma arcaica maneira de se conceber a si próprio, que já havia produzido os frutos que estava destinada a produzir. Não foi em vão, nem casualmente, que a América chegou

ao cenário como a terra da liberdade e do futuro e o homem americano, como o novo Adão da cultura ocidental.

Mas não nos antecipemos além do necessário e, tendo em mente esta perspectiva que aponta para o fundo do que está em jogo na prova que se pede a Colombo, consideremos cuidadosamente, pela ordem, estas três questões: o que se deve provar, como e em quê pode consistir a prova.

1. Pede-se que Colombo prove sua crença, pois é ele quem a afirma, isto é, que prove, de alguma maneira, que as terras que achou pertencem ao extremo oriente do *orbis terrarum.*

2. Mas como pode provar essa circunstância? A resposta não oferece dúvida: deverá mostrar, de maneira inequívoca, que pela sua situação, pela sua natureza e pela sua configuração, as terras encontradas ajustam-se à idéia e à imagem que se tem a respeito da Ilha da Terra. Isto é, pede-se ao almirante que ajuste a sua crença aos dados empíricos e não que ajuste estes àquela. O pedido é justo, mas, bem visto, seria muito pedir ao homem que, segundo sabemos, não tinha condição espiritual de satisfazê-la. Equivale a pedir ao homem apaixonado a prova dos motivos que inspiram a sua paixão e que ele considera de si evidentes para todos e que, portanto, não só não requerem prova, como também não se podem provar diante de quem não os aceita de antemão. Para um homem em semelhante caso, a prova de que a sua amada é bela ou bondosa consiste em dizer que é bondosa ou bela, pois seu amor a converteu em norma suprema da bondade ou da beleza.

3. Por último, em que pode consistir a prova que seria suficiente para convencer os céticos? Não é difícil verificar que deverá reunir duas circunstâncias. Com efeito, o fato de que tenham aparecido terras no lugar onde apareceram, não basta por si só para provar que pertencem ao extremo oriente da Ilha da Terra, como pensa Colombo, porque isso foi, precisamente, o que despertou a dúvida. Será preciso, então, mostrar, em primeiro lugar, que não se trata meramente de um arquipélago, mas de uma extensa massa de terra, que corresponde ao litoral do *orbis terrarum.* Era, pois, necessário mostrar ou que os litorais reconhecidos por

Colombo correspondiam a essa exigência, conforme ele mesmo acreditava,[27] ou que ao poente das ilhas achadas e vizinha a elas se localizava essa extensa massa de terra.

O cumprimento desse requisito não seria, no entanto, suficiente porque, em segundo lugar, os litorais da massa de terra teriam que mostrar algum traço que os identificasse com os da Ilha da Terra, ou mais concretamente dizendo, com os litorais da Ásia. Muito bem, do possível acúmulo de tais indícios, somente um, nessa época, era inequívoco, a saber: a existência da passagem marítima que Marco Polo empregou na sua viagem de regresso à Europa, isto é, o lugar onde terminava o extremo meridional das costas orientais da Ásia onde, portanto, juntavam suas águas os oceanos Atlântico e Índico. A passagem, em suma, que daria a um viajante que viesse da Europa pela rota do ocidente, o acesso à Índia. Não nos esqueçamos, para ter presente mais adiante, que a localização dessa passagem poderia oferecer uma alternativa, conforme se aceitasse uma das duas possibilidades que existiam sobre o assunto, de acordo com as teses da península única ou da península adicional.[28]

Em conclusão, e para que isto fique inteiramente claro, a prova requerida para sair da dúvida consistia em demonstrar, primeiro, a existência de uma massa considerável de terra nas vizinhanças das regiões encontradas em 1492 e, segundo, a localização da passagem marítima que permitisse chegar ao Oceano Índico. Se fossem demonstradas ambas as coisas, a afirmação de Colombo estaria convertida numa verdade empiricamente comprovada; caso contrário, já apontamos as terríveis conseqüências que disso poderiam resultar.

Esta constatação proporciona o esquema fundamental para compreender o significado das explorações que foram empreendidas imediatamente após a viagem de 1492. Passemos a estudar

27. Colombo inclinava-se a acreditar que o litoral da Terra de Cuba era o da Ásia mas, nessa época, ainda tem dúvidas. Vide nota 31 desta Parte.
28. Segunda Parte deste livro, IV, 2.

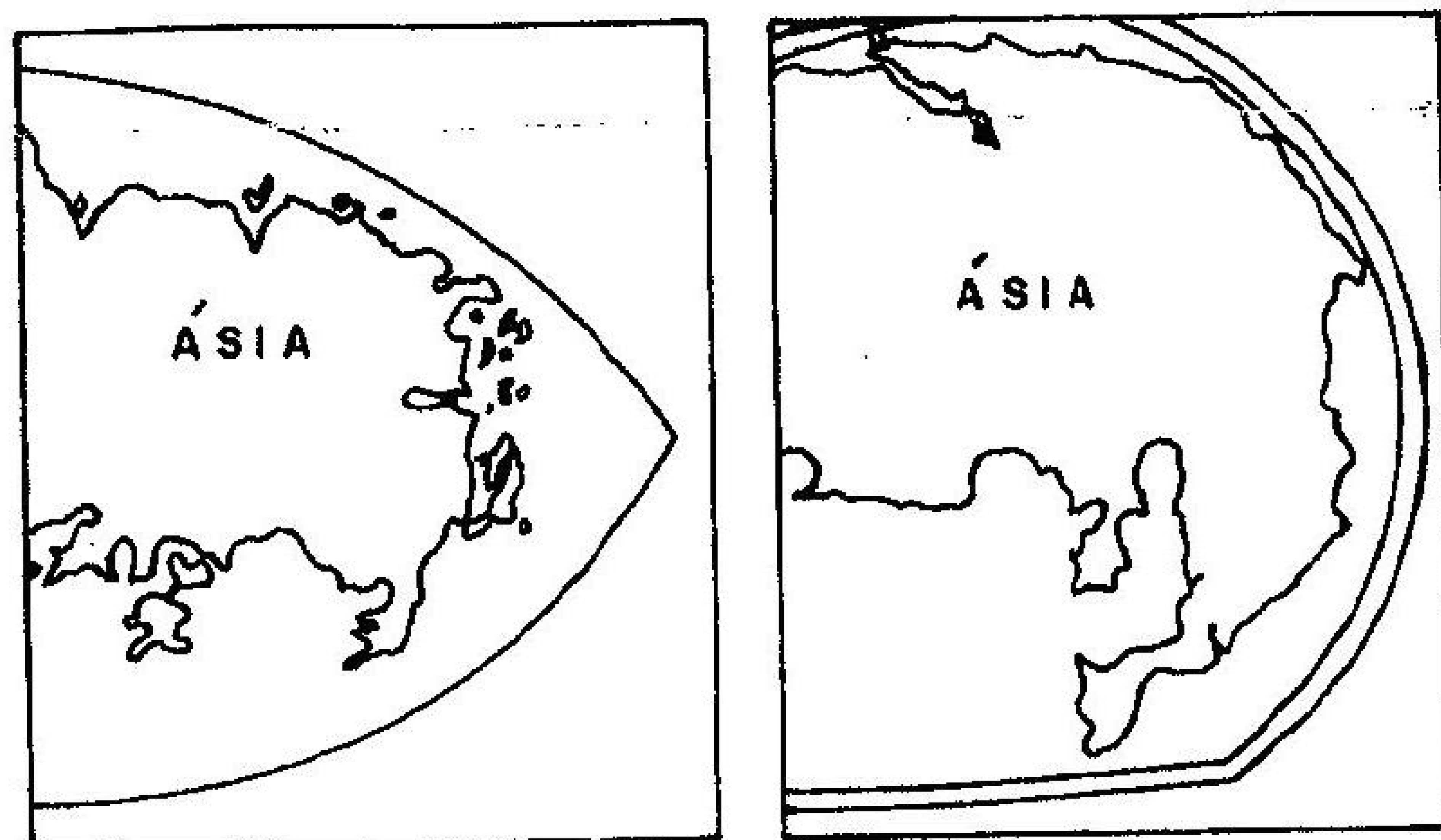




FIGURA 3. As hipóteses da península única e da península adicional.
a. *Mapamúndi anônimo genovês*, 1457. Península única.
b. *Mapamúndi Henricus Martellus Germanus*, 1489-1492. Duas penínsulas.
c. Waldseemüller, Moderna Indiae no Ptolomeu de 1513. Península única.

esses acontecimentos, mas sempre tratando de imaginar as expectativas que havia em torno dos seus resultados.

IX

Dentre essas explorações, o primeiro lugar corresponde, pela sua data à segunda viagem de Colombo, já que a frota partiu de Cádiz no dia 25 de setembro de 1493.[29]

Do ponto de vista político e mercantil, a expedição resultou numa terrível desilusão: o almirante não pôde, como não poderia, cumprir aquilo que a sua exaltada imaginação havia prometido. Os indígenas não eram os dóceis vassalos que havia dito, pois, fosse a culpa de quem fosse, haviam assassinado em massa a guarnição cristã que o almirante tinha deixado em Navidad. Além disso, o tão cobiçado ouro não aparecia de nenhum lado. Por outra parte, as incursões punitivas e predatórias que assolaram o interior da ilha Espanhola serviram, entre outras coisas, para desiludir Colom-

29. Convém deixar registrada a situação para aqueles que se interessam pelos detalhes.
a. Colombo suspeitava da existência de um colar de ilhas que se estendiam da Espanhola para o oriente e se fossem verdadeiras, tornaria mais breve a travessia do Oceano. Tratava-se das ilhas dos caribes e dentre elas se contava uma habitada só por mulheres e da qual Colombo foi informado na primeira viagem.
b. A respeito da Espanhola, a preocupação teórica principal consistia, para Colombo, em conseguir identificá-la com Cipango ou com Ofir. Também restava esclarecer se a terra contígua ao Golfo das Flechas, formava uma ilha separada ou se era o prolongamento extremo oriental da Espanhola.
c. No tocante à "Terra de Cuba" ou "Juana", havia uma dúvida totalmente semelhante à anterior, porque Colombo deixou de averiguar se a posição do litoral que explorou era um todo contínuo ou se havia uma separação pelo mar, onde estava o promontório que ele chamou de Cabo de Cuba na primeira viagem.
d. Mas a grande questão consistia em saber se Cuba era terra insular ou se formava parte de terra firme.
Se por acaso se tratasse de uma ilha, o projeto consistia em prosseguir na busca do continente, cujo achado era o desejo mais veemente do explorador e a missão especial encarregada pelos reis. Las Casas, *Historia*, I, lxxxi e xciv.
e. Por último, o programa incluía o objetivo geral de reconhecer o maior número possível de terras. A este respeito Colombo tinha em mente a região que os naturais lhe haviam assegurado existir no sul e à qual chamava *Yamaye* (Jamaica?).

bo quanto à identificação da ilha com a famosa Cipango (Japão).[30] Tudo isto e outras adversidades foram motivo de um descontentamento geral que se traduziu de imediato em surda hostilidade contra o almirante e num crescente desprestígio da empresa.

Para nós, o verdadeiramente decisivo foi o resultado do reconhecimento do litoral sul da região que os naturais chamavam "Terra de Cuba" e que, desde a viagem anterior, Colombo suspeitou ser parte da terra firme da Ásia. O objetivo primordial da exploração era confirmar essa suspeita para sair da dúvida sobre ser ou não uma ilha.[31] Depois de um penoso e longo percurso costeiro que revelou inúmeras singularidades da natureza e outras peculiaridades, que Colombo não tardou em interpretar como indícios comprobatórios da natureza asiática da terra, a frota, ao desviar-se para o sul, chegou a um lugar onde a costa alterava a sua direção para o poente.[32] Igual ao homem que já está persuadido

30. Las Casas, *Historia*, I, xci, "*...y bien la llamaron los indios Cibao, de ciba, que es piedra, cuase pedregal, o tierra de muchas piedras.*" Da mesma maneira Bernáldez, *Historia*, cap. 121. Ver, também, Pedro Mártir, *Décadas*, Dec. I, liv. I, cap. 4, e I *Reyes*, IX, 28. Também Pedro Mártir, *Epistolario*, 124. Carta de 9 de agosto de 1495.

Outro local que Colombo tentou identificar foi a região de *Saba*. Nisto tem ocorrido algum equívoco. Em realidade não parece tratar-se da Espanhola, mas da Ilha Gorda, de difícil localização. Morison, *Admiral Ocean Sea*, II, pp.79 e 81. Syllacio foi quem afirmou tratar-se da Espanhola, mas deve corresponder a uma má interpretação originada num incidente relatado por Cuneo; *Raccolta*, III, ii, 107. Syllacio acreditou, por outro lado, que Colombo estava nas vizinhanças da Arábia pois supõe que a viagem foi via oriente e não através do Oceano. Ver Nicolo Syllacio *ad sapientissimum L. Mariam Sforzam*. Pavia, 1494. Trata-se de um relato baseado em informações de Guilhermo Coma, que estava na segunda viagem. *Raccolta*, III, ii, 83-94. Tradução inglesa em Thacher, II, p. 243-62. Verifica-se a fantasia exaltada de Syllacio sobretudo na parte em que relata a expedição de Ojeda y Gorbolán a Cibao em busca de ouro.

31. Na *Información y testimonio* sobre a exploração de Cuba, Colombo declara expressamente que, ao regressar da primeira viagem, estava em dúvida se essa terra era ou não uma ilha. Disse que "*no declaró afirmativo que fuese tierra firme, salvo que lo pronunció dubitativo, y la había puesto nombre la Juana, a memoria del príncipe don Juan, nuestro señor*". Navarrete, *Colección*, II, lxxvi.

32. As principais fontes para esta segunda parte da viagem são: Cuneo *Raccolta*, III, ii, 103-7; Pedro Mártir, *Décadas*, Déc. I liv. III; Bernáldez, *Historia* caps. 119-31; Fernando Colombo, *Vida del Almirante*, caps. liv. -lx, e Las Casas, *Historia*, I, xciv-xcix.

Dentre as referências mais significativas para Colombo, devemos lembrar aqui o grande arquipélago que encontrou junto à costa de Cuba; a notícia dada por um arqueiro de ter visto homens com túnicas brancas; as pegadas de animais identificados como leões e grifos; o nome de uma região chamada Magón, que o almirante, naturalmente, acreditou ser Mangi. A este respeito Morison, *Admiral of the Ocean Sea*, II, p. 133, procede com muita superficialidade quando, ao comentar a referência feita por Bernáldez, *Historia*, cap. 127, atribui a ele a identificação de Magón com "a mítica terra de sir John de Mandeville de Moré, onde viviam os homens com rabo". Mas não é isso que diz Bernáldez. O texto de Mandeville: *Travels*, cap. 55.

O relato concernente aos homens de túnicas brancas em Bernáldez, *Historia*, cap. 128; Pedro Mártir, *Décadas*, Dec. I, liv. III, cap. 6; Las Casas, *Historia*, I, xcv; e em Fernando Colombo, *Vida del Almirante*, cap. lvii. Cuneo nada disse sobre esta questão; e Morison não parece ter razão (*op. cit.*, II, p. 137) ao associar o episódio com o que Cuneo refere (*Raccolta*, III, ii, 102) sobre os sacerdotes dos caribes. A explicação de Humboldt (*Examen Critique*, IV, p. 243) de que se trata de uma confusão com grandes garças brancas tem por base as passagens de Bernáldez (*Historia*, cap.128), Pedro Mártir (*Déc.* I, liv. III, cap. 6) e Las Casas (*Historia*, I, xcv) onde se refere que nesse lugar havia garças brancas maiores do que as conhecidas pelos europeus.

É Bernáldez (*Historia*, cap. 128) quem afirma que as pegadas encontradas eram de grifos. Sobre estes animais fabulosos e sobre a crença neles, veja-se Mandeville, *Travels*, cap. 85.

da verdade mas que, não obstante, vê-se obrigado a comprovar, bastou a Colombo essa circunstância para convercer-se de que nesse ponto se iniciava a costa do litoral atlântico do Quersoneso Áureo (a Península de Malaca) e que, conseqüentemente, a frota havia percorrido a costa sul de Mangi, a província meridional da China (Fig. 3 e 4). A seu critério, pois, estavam preenchidos os dois requisitos da prova que lhe era exigida. De fato, havia encontrado com a massa continental da Ilha da Terra e se, com certeza, não navegara pela passagem marítima que dava acesso ao Oceano Índico, localizara-a, em princípio, pois conseguira alcançar a costa da península em cujo extremo se encontrava a referida passagem.

Mas fazia falta algo mais do que apenas a sua convicção pessoal para calar aos incrédulos na Espanha e como nada do que podia demonstrar era suficiente para esse fim, Colombo teve a rara lembrança de propor um instrumento jurídico como testemunho probatório.[33] Diante de escrivão público e de testemunhas, fez com que todos os tripulantes da armada declarassem, sob juramento e

33. "Informacion y testimonio acerca de la exploracion de Cuba". 12 de junio de 1494. Navarrete, *Colección*, II, lxxvi.

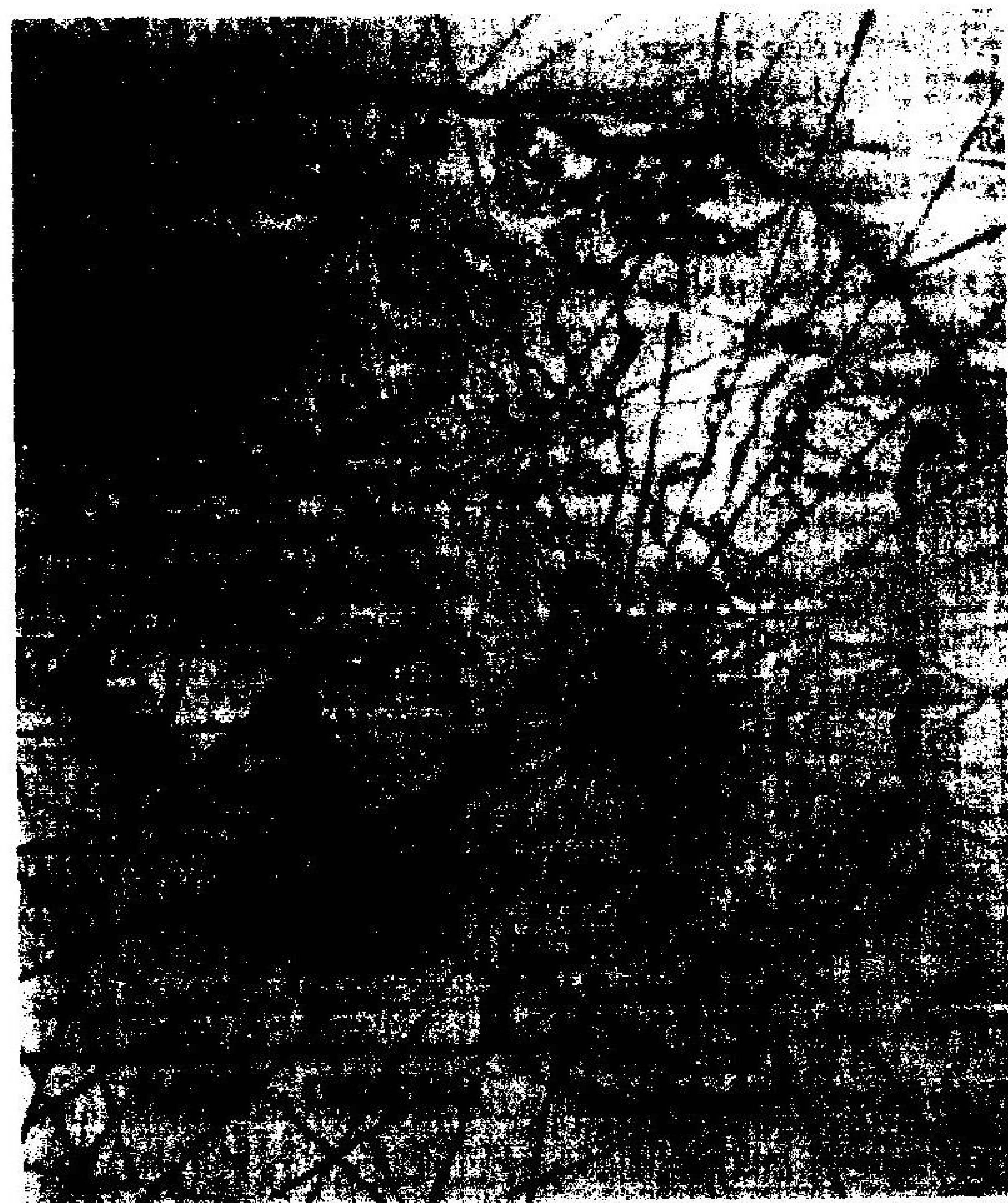


FIGURA 3. d. Orbis typus universalis no Ptolomeu de 1513 (atribuído a Waldseemüller). Duas penínsulas.

sob pena de terríveis castigos corporais e altas multas, que a costa que haviam explorado não podia ser a de uma ilha, pois era inconcebível que existisse uma tão grande; além disso, obrigou-os a subscrever a otimista ilusão de que "*antes de muchas leguas, navegando por la dicha costa* (isto é, a que Colombo acreditava ser a do Quersoneso Áureo), *se hallaría tierra donde tratan gente política, y que saben el mondo*". O desejo de regressar o quanto antes foi, sem dúvida, o motivo que levou todos a assinarem documento tão extraordinário, tanto mais que Colombo havia anunciado que tinha o projeto de continuar a viagem e circunavegar o globo, o que, dada a lamentável condição dos navios e a falta de alimentos, criou uma atmosfera de pavor entre todos.[34]

O regresso foi penosíssimo. Após incontáveis perigos, a frota chegou a Jamaica, circunavegou a ilha, passando dali para a costa meridional da Espanhola. Ao chegar ao cabo mais oriental desta ilha, Colombo anunciou a sua intenção de cruzar a ilha de San Juan (Porto Rico), que reconhecera quando vinha da Espanha, com o desejo de recrutar escravos, mas foi impedido pelo que o padre Las Casas chama de "modorra pestilenta".[35] Verifique-se o que significa isso no jargão médico dos nossos dias. O certo é que o almirante se achou às portas da morte e assim o levaram à Villa de la Isabela, onde a frota ancorou no dia 29 de setembro de 1494. Ali o esperava a alegria e o apoio do seu irmão Bartolomeu, mas o aguardava também o desastre na colônia, a rebelião, a fome e a primeira reprimenda dos reis, que se manifestou de forma visível na pessoa de um certo Juan Aguado (chegou à Isabela em outubro de 1495), o comissionado que enviaram para fiscalizar a sua conduta.

34. Bernáldez, *Historia*, cap. 123.
35. Las Casas, *Historia*, I, xcix, reluta-se em admitir que Colombo tivesse intenção de ir às ilhas dos caribes para fazer escravos. É de se temer, no entanto, que esta era a sua intenção. Veja-se Pedro Mártir, *Décadas*, Dec. I, liv. III, cap. 8.

X

As promessas de Colombo revelaram-se uma falsa sedução. As esperanças de ouro, colhido como fruta madura, reduziam-se ao futuro aleatório de umas minas que requeriam suor e privações. O clima suave e os ares perfumados e benignos cobraram em vidas de cristãos seu pestilento encanto. Furacões diabólicos semearam naufrágios. A sonhada concórdia que iria presidir a fundação e a vida da nova colônia traduziu-se em ódio, prevaricação e dissidência; os dóceis e inocentes povoadores naturais daquele fictício paraíso, supostos amigos dos cristãos e amantíssimos vassalos, mostraram sua natureza selvagem: gente preguiçosa e perversa, boa para assassinar se se oferecia a ocasião; má para trabalhar e para recolher tributos. Adoradores ocultos de Satanás, ou ao menos dóceis instrumentos dos seus terríveis desígnios, a beata imagem da idade do ouro rediviva transmutou-se, no conluio do desencanto, na idade de ferro, quando dominava a crescente convicção de que aqueles desnudos filhos do Oceano formavam parte do vasto império da barbárie do senhorio, confessado ou não, do príncipe das trevas, o inimigo do homem. Um profundo ceticismo assomava a empresa, que a muitos terá parecido louco e perigoso sonho que acarretaria a ruína da Espanha.[36]

Era preciso cortar o mal e Colombo, com sua tenacidade característica e sustentado pela verdade da sua crença, lançou-se resoluto na ingrata tarefa.[37]

É óbvio, no entanto, apesar de tantos rumores de maledicência como desencadearam então, que era difícil, se não impossível, retroceder num assunto em que andava tão comprometido o prestígio político e religioso da coroa da Espanha. Os reis, por

36. Consulte-se, entre os muitos testemunhos que se pode citar para documentar esse ceticismo, a Carta de Colombo sobre sua terceira viagem (Navarrete, *Colección*, I, p. 244-5) e outra Carta de Colombo transcrita em parte pelo padre Las Casas (*Historia*, I, cxxxvi).

37. Lembremo-nos dos comovedores esforços de Colombo para impressionar favoravelmente aos reis e ao povo durante o percurso de Sevilha a Almazán, onde estava a corte. Bernáldez, *Historia*, cap. 131, e Las Casas, *Historia*, I, cxii.

outra parte, continuaram favorecendo o seu almirante,[38] mas aprenderam que o caráter e a condição de estrangeiro de Colombo eram sementeiras de discórdia e que não era homem a quem se confiar questões de governo e de administração. Foram aceitos com rara tolerância o desastre e a frustração, mas não sem que a Coroa adotasse uma mudança de atitude de muitas consequências. De fato, lançadas por terra as primeiras delirantes expectativas, compreendeu-se que o regime de monopólio oficial estabelecido nas origens da viagem de 1492 para que a Espanha se beneficiasse dos supostos tesouros com que o céu lhe havia agraciado, era mais um ônus do que um benefício, dadas as condições que a realidade das terras achadas impunha. A exploração e a colonização ficaram abertas, pois, àquele que melhor a postulasse e à cobiça de quem se sentisse tentado a fazer fortuna.[39] Esta mudança acarretou conseqüências de enorme alcance ao imprimir sua marca na estrutura política e administrativa do império, cujos fundamentos se lançavam nesse momento, e provocou de imediato uma inusitada aceleração de desenvolvimento no processo que estamos examinando.

Quanto ao problema que nos interessa diretamente, não faltaram aqueles que, sem muita demonstração de juízo crítico, aceitaram como boa a "prova" trazida por Colombo a favor de sua crença inicial. Andrés Bernáldez ficou realmente convencido de que a Terra de Cuba fazia parte da Ásia, conforme queria o almirante,[40] mas o certo é que, em termos gerais, esse exemplo não teve seguidores.

38. Vejam-se, por exemplo, os documentos em Navarrete, *Colección*, II, cix, cxiii, cxiv, cxxii, cxxv e cxxvi.

39. *Real Provisión* a respeito dos que queriam povoar as Índias e dos que desejavam descobrir novas terras. 10 de abril de 1495. Navarrete, *Colección*, II, lxxxvi.

40. Bernáldez, *Historia*, cap. 123. Durante a viagem de retorno, Colombo observou um eclipse da lua e acreditou que os resultados confirmavam a medida de longitude necessária para poder afirmar que havia chegado ao Quersoneso Áureo. (Las Casas, *Historia*, I, xcvi e xcviii, e Morison, *Admiral of the Ocean Sea*, II, 158-9 e 162, nota 16). O doutor Chanca (*Carta*, Navarrete, *Colección*, I, p. 198-224) não colocou em dúvida que as novas terras fossem a Ásia, mas o seu testemunho se refere tão só à parte da viagem que corresponde até a chegada à ilha Espanhola. Nada diz a respeito da exploração de Cuba. O relato de Syllacio mereceria um comentário detalhado

Miguel de Cuneo, amigo pessoal de Colombo e seu companheiro na viagem, mostra-se incrédulo. Ao final da sua animada descrição da exploração, dá-nos a informação de que, já de volta à Espanhola, o almirante discutia freqüentemente com um certo abade de Lucerna, homem sábio e rico, por não poder convencê-lo de que a Terra de Cuba era parte da Ásia. Cuneo acrescenta que ele e muitos outros pensavam da mesma maneira que aquele néscio abade.[41] Desconhecem-se os prós e os contra dos argumentos, mas é óbvio que a base da "prova" apresentada por Colombo, isto é, a inusitada extensão da costa de Cuba, não foi aceita como indício suficientemente contrário à sua insularidade.

Pedro Mártir também não se deixou seduzir. Com sua habitual cautela, o humanista limitou-se a informar seus pares a respeito da viagem. Constata-se, porém, que ele se mostrou impressionado não tanto pela identificação com a Ásia mas pela segurança com que Colombo sustentava que a costa explorada pertencia a uma terra firme e não a mais uma ilha, como as outras que haviam sido encontradas.[42] Pedro Mártir demonstra uma profunda consciência do verdadeiro problema em questão, pois verifica-se que ele distingue entre a possibilidade real e surpreendente de que existisse semelhante massa de terra nessas partes do Oceano e a conclusão de que, necessariamente, haveria de se tratar da Ilha da Terra. O assunto, entretanto, parece-lhe ainda demasiado duvidoso e toma o partido de se refugiar na hipótese que, evidentemente, era a mais segura: a de supor que todas aquelas terras, Cuba inclusive, eram

pela fantástica visão que tem das regiões achadas por Colombo. Aqui basta verificar que, como o doutor Chanca, seu testemunho refere-se tão só à primeira parte da viagem e que o autor está convencido de que Colombo circunavegou a África convertendo-o num Vasco da Gama *avant la lettre*. Parece-lhe que o almirante havia repetido a suposta façanha do cartaginês Hannon, que chegou a umas ilhas próximas do Golfo Arábico, e que os caribes podiam ser os *nisitae*, tribo marítima dos etiopes africanos, denominação que significa homens com três olhos, não porque os tivessem, mas como alusão à pontaria infalível das suas flechas. Certamente o pobre Syllacio andava muito perdido.

41. Cuneo, "Relato da Segunda viagem". *Raccolta*, III, ii, 107.
42. Pedro Mártir, *Epistolario*, 142, 152, 156, 158 e 164. Duas cartas são de fins de 1494 e as restantes, de 1495.

insulares, se bem que já não insistisse na anterior sugestão de identificá-las com o arquipélago das Antilhas.[43]

Pode-se concluir que essa segunda viagem de Colombo tem o sentido de ser uma primeira tentativa de trazer a prova que se requeria para demonstrar que se tinha conseguido estabelecer a conexão entre Europa e Ásia pela rota do ocidente, mas uma tentativa fracassada. Tem, além do mais, o interesse particular de mostrar que Colombo aceitava como certa a tese que temos chamado da península única como a verdadeira visão dos litorais atlânticos da Ásia. Tenhamos presente esta determinação decisiva para entender a sua terceira viagem e o problema que os seus resultados desencadearam.

XI

Quando, em 1496, Colombo regressou à Espanha, nada se sabia ainda de certo a respeito da existência de uma terra de massa comparável ao *orbis terrarum* em regiões vizinhas ao primeiro achado de 1492. No ano seguinte, aproveitando a nova atitude da Coroa, empreenderam-se várias explorações que resolveram a questão num sentido afirmativo.[44] Soube-se que ao poente das ilhas

43. Pedro Mártir, *Décadas*, Dec. I, liv. III. (Redigido em 1500). O autor não se compromete com declarações explícitas, mas já se percebe que admite para si mesmo a possibilidade de que, na hipótese de Cuba ser parte de um continente, não era absolutamente necessário que este fosse o asiático. Isso parece indicar, de fato, a maneira pela qual se refere a Cuba, seja como ilha, seja como "a imaginada terra firme" (na tradução de Torres Asensio é empregada a expressão "*el existimado continente*"), ambigüidade que, indicando preferência pela tese insular, não deixa de admitir a possibilidade contrária, mas sem identificações comprometedoras. Parece claro que a ausência de indícios indiscutíveis de características asiáticas pesa no ânimo de Pedro Mártir de modo que ele titubeie a respeito da suposta enorme dimensão da Ásia, única premissa da qual depende, para ele, a possível verdade da crença colombiana.
44. A este respeito devemos ter presentes as duas expedições de Gaboto patrocinadas pelo rei da Inglaterra, que se efetuaram em maio-julho de 1497 e junho de 1498-99, respectivamente. Muito mais importante é a expedição espanhola de maio de 1497-outubro de 1498, que se supõe tenha sido comandada por Solís e que Levillier identifica como a "primeira navegação" de Américo Vespúcio. A prova cartográfica

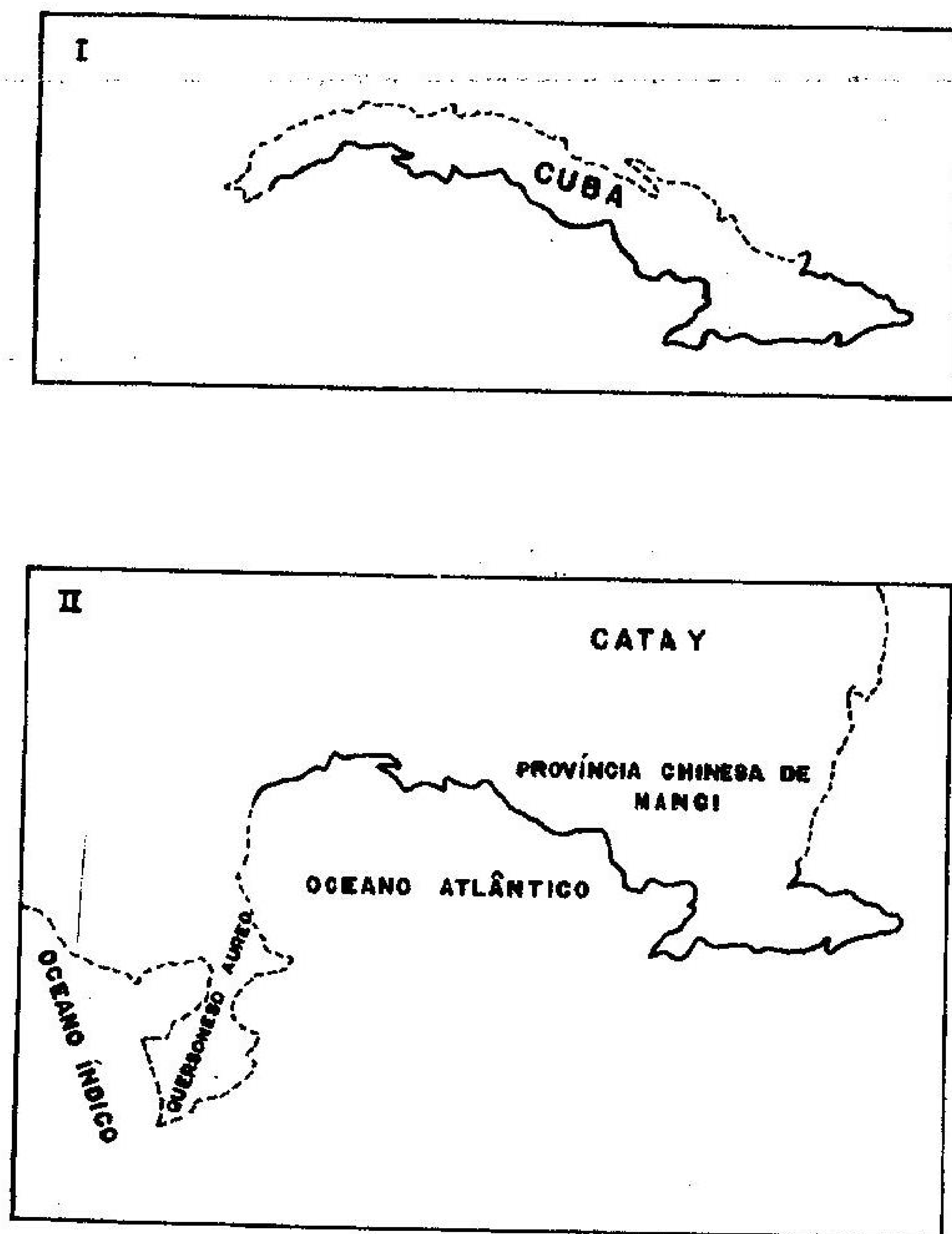


FIGURA 4. Desenhos do litoral sul de Cuba. Ilustram as idéias geográficas de Cristóvão Colombo depois de haver percorrido tais litorais em sua segunda viagem. (I: linha contínua, litorais explorados por Colombo; linha interrompida, litorais não suspeitados por Colombo. II: linha contínua, litorais explorados por Colombo; linha interrompida, litorais imaginários suspeitados por Colombo).

encontradas pelo almirante jazia uma grande massa de terra. Este importantíssimo fato favorecia a crença de Colombo, pois preenchia o primeiro requisito exigido pela prova, de maneira que a hipótese de que se tratava do extremo oriente da Ilha da Terra não só parecia possível, como se pensava até então, mas era provável. Essas regiões habitadas por homens, que outra coisa podiam ser se não litorais desconhecidos, mas de existência sabida do *orbis terrarum*? Colombo continuava convencido de que a Terra de Cuba não era uma ilha adjacente a esses litorais, mas parte deles.[45] Dentro do quadro geral do problema, no entanto, esta opinião cada vez mais solitária deixou de ter verdadeira importância, porque se tratava da modalidade de um mesmo e fundamental fato. Constata-se, então, que todo o peso da dúvida passa a gravitar, a seguir, em torno do segundo requisito da prova: a localização daquela passagem marítima que daria acesso ao Oceano Índico e às riquezas das regiões que já estavam na iminência de caírem nas mãos dos portugueses.[46] Assim independentemente de se saber se Cuba era ou não o que Colombo supunha, decisivo era encontrar aquela passagem, a qual, de acordo com a imagem que ele e muitos outros tinham dos litorais da Ásia, deveria estar nas imediações da linha equatorial, pois, por essas latitudes terminava a península do Quersoneso Áureo.[47] Este era, conseqüentemente, o próximo

invocada pelo historiador argentino parece contundente, embora não tenha convencido a todos. Veja-se *Mostra Vespuciana. Catálogo. Comitato onoranze ad Amerigo Vespucci nel quinto centenario della nascita*. Florença, 1955. Em todo caso, de acordo com essa prova, e independentemente dos problemas concretos que suscita, é inegável que, em princípios do século XVI, dispunham-se de dados sobre a existência de uma grande massa de terra ao poente das ilhas e vizinha delas.

45. Isso é o que se infere da afirmação em sua Carta sobre a terceira viagem, em que diz que os reis eram agora senhores do monte Sophora, que está na ilha Espanhola. Navarrete, *Colección*, I, p. 244. Pierre d'Ailly, *Imago Mundi*, cap. 39, menciona esse monte como um promontório na Índia oriental, para onde Salomão enviava sua frota. Colombo numa anotação repete a informação. Anotações, 304, 374 e 500.
46. Não parece casual que tenha sido exatamente até 1495, quando os portugueses decidiram realizar a viagem à Índia apesar de o Cabo da Boa Esperança ter sido descoberto anos antes. A viagem só foi empreendida por Vasco da Gama em 1497.
47. Colombo, anotação 36 à *Historia rerum ubique gestarum* de Pio II (Aeneas Sylvius Piccolomini).

passo exigido pela lógica da prova; isto foi, realmente, o que Colombo pretendeu fazer na sua viagem seguinte. Mas tudo se complicou enormemente, como veremos, pelo inesperado aparecimento de uma massa de terra austral que semeou o desconcerto.

XII

Para a sua terceira viagem (a frota zarpou de Sanlúcar de Barrameda, no dia 30 de maio de 1498), Colombo elaborou o projeto de navegar para o sul até alcançar regiões equatoriais e daí prosseguir em direção ao poente.[48] Pretendia primeiro verificar se encontrava uma terra que o rei de Portugal afirmava existir nesse caminho[49] e, segundo, estabelecer contato com os litorais da Ásia, buscando a passagem pelo Oceano Índico que, segundo a imagem que fazia dele, estaria por essas latitudes. Mas a realidade lhe reservava uma surpresa desconcertante.

Depois de alcançar, aproximadamente, o paralelo 9° de latitude norte e de percorrê-lo em direção oeste, sem ter encontrado a terra preconizada pelo monarca lusitano, aportou em uma ilha densamente povoada por gente de melhor compleição e mais branca do que aquela que havia encontrado até então. Chamou a essa ilha La Trinidad – nome que conserva até nossos dias – e corretamente calculou que se achava ao sul do colar das ilhas dos canibais que havia reconhecido em sua viagem anterior.

Colombo pensou que estivesse num arquipélago adjacente ao extremo meridional do *orbis terrarum*, ou concretamente falando, vizinho às costas do Quersoneso Áureo (Península de Malaca) que,

48. Colombo, Carta sobre a terceira viagem enviada aos reis em outubro de 1498. *Raccolta* I, ii, 26-40. Diz Colombo: "... *y yo navegué al austro, con propósito de llegar a la línea equinoccial y de allí seguir al poniente hasta que la isla Española me quedase al septentrión.*"

49. No *Diario del tercer viaje. Raccolta*, I, ii, 5, expressamente afirma-se esse propósito: "... *y quiere ver* (Colombo) *cuál era la intención del rei don Juan de Portugal, que decía al austro había tierra firme.*" Sobre o mesmo assunto, consulte-se a Carta dos reis a Colombo, de 5 de setembro de 1493. Navarrete, *Colección*, II, lxxi.

para ele, começava a formar-se na altura da Terra de Cuba; logo, porém, os marinheiros constataram um estranho fenômeno que semeou o desconcerto no íntimo do almirante: o golfo onde a frota havia penetrado (hoje Golfo de Paria na Venezuela) era de água doce, circunstância que pressupunha a presença de caudalosos rios e indicava, por conseguinte, uma enorme extensão de terra. Viu-se obrigado a concluir, então, que aquele golfo não estava formado pelos litorais de um apertado grupo de ilhas, como Colombo supunha, mas pela costa de uma terra de dimensões continentais. De início, o almirante resistiu em aceitar essa óbvia inferência que ameaçava a validade das suas idéias preconcebidas, mas como a exploração posterior não dera margem a dúvidas, viu-se obrigado a reconhecer o seu equívoco inicial. Lembrou-se, então, das informações que lhe haviam dado os caribenhos a respeito da existência de grandes terras ao sul das suas e acabou por se convencer do inevitável: a frota havia aportado não em arquipélago próximo à passagem para o Oceano Índico mas em terra firme.[50]

Para Colombo, homem do seu tempo e habituado a pensar respaldado em autoridades, surgiu de imediato a dificuldade de explicar primeiro como era possível que houvesse semelhante terra no hemisfério sul que, de acordo com as idéias correntes então, estava ocupado apenas pelo Oceano[51] e, segundo, como era possível que houvesse falta de informações a respeito dela.

No que se refere ao primeiro ponto, Colombo recorreu à tese elaborada no século XIII, sustentada principalmente por Roger Bacon e da qual ele tinha conhecimento por intermédio do Cardeal d'Ailly,[52] tal tese supunha que a terra seca ocupava seis sétimas partes da superfície do globo, contra uma que congregava todos os mares, de acordo com a autoridade do *Livro de Esdras*. Era, então, possível aceitar a noção de que os litorais achados pertencessem a uma grande massa austral de terra firme. Quanto ao fato de

50. Colombo, *Diario del tercer viaje*. "*Yo estoy creído que esta es tierra firme grandísima, de que hasta hoy no se ha sabido.*" *Raccolta*, I, ii, 22.

51. Segunda Parte deste livro, III, 3.

52. *Ibid.*, III, 2.

não se ter tido notícia alguma a respeito da sua existência, Colombo afirma: "*muy poco ha que no se sabía otra tierra más de la que Tolomeu escribió*", [53] de maneira que nada havia de surpreendente naquela circunstância. O que é surpreendente, no entanto, é que Colombo não tivesse invocado neste lugar os seus conhecimentos da geografia de Marco Polo, que ampliou e corrigiu as noções de Ptolomeu. Mas o caso é que a terra recentemente achada não parecia acomodar-se adequadamente a esses conhecimentos e nisso consistia o verdadeiro problema do achado. De fato, como ajustar essa tão inesperada experiência à imagem geográfica que vinha servindo para Colombo de esquema fundamental e que estava baseada, justamente, no relato de Marco Polo? Que relação poderia ter com o *orbis terrarum* esta inusitada extensão de terra?

O problema é mais complicado do que parece. Convêm que tenhamos a devida consciência dele.

De acordo com a tese invocada por Colombo, era possível explicar a existência da terra recém-achada mas é de se notar que o argumento supõe a continuidade desses litorais em relação aos de Cuba, que o almirante imaginava pertencerem à terra firme da Ásia. De fato, a tese se baseava, precisamente, na afirmação da unidade geográfica de toda a terra não submersa, ou seja, que a Ilha da Terra era a que ocupava as seis sétimas partes da superfície do globo. Conseqüentemente, já não existiria a passagem marítima para o Oceano Índico, onde Colombo supunha, e toda a sua idéia de que a costa do Quersoneso Áureo começava em Cuba desmoronava pois, em lugar dessa península, havia esta nova e inusitada terra austral.

Por outra parte, se se supunha, para salvar esse esquema, que a terra firme recém-achada chamada Paria pelos naturais, era uma ilha austral comparável ao *orbis terrarum* e situada a sudeste do extremo do Quersoneso Áureo, então a tese invocada por Colombo não conseguia realmente explicar a sua existência, pois já não

53. Colombo, *Diario del tercer viaje*. (*Raccolta*, I, ii, 22.) Em nenhum momento parece que Colombo tenha identificado esta terra firme que achou com a que o rei de Portugal havia imaginado.

se tratava de regiões da Ilha da Terra, mas de um desses *orbis alterius* mencionados pelos pagãos, mas recusados pela Igreja e pelas doutrinas escolásticas mais modernas[54] e que, por estar habitado, acarretava as dificuldades antropológicas e os problemas religiosos que temos exposto.

Diante desta conjuntura Colombo não soube realmente como se orientar e, por isso, apesar de ter afirmado antes o seu convencimento de que a terra achada tinha dimensões continentais, refugia-se, pouco depois, numa cláusula condicional que revela o seu desconcerto.[55] Todo o problema provinha da necessidade de explicar aquele golfo de água doce que implicava a presença de imensas terras capazes de gerarem caudalosos rios. Não haveria um outro modo de se dar conta do fenômeno? As observações que, nesse momento, Colombo insere no seu *Diário* a respeito da variação da agulha, da assombrosa amenidade do ar, da boa compleição e da cor dos naturais habitantes de Paria, nos previnem que o almirante cogitava em alguma explicação que lhe fosse mais satisfatória e, de fato, quando já estava em mar aberto, no seu percurso de regresso na busca da Ilha Espanhola, confiou ao seu Diário um extraordinário dilema: ou aquela terra de onde vinha é "*gran tierra firme*" ou é, diz "*adonde está el Paraíso Terrenal*" que, segundo a opinião comum "está no fim do oriente", a região onde ele havia estado.[56]

Façamos uma parada para permitir a Colombo que medite e amadureça tão alucinante possibilidade como era esta de haver localizado, por fim, o Paraíso Terrestre, problema que tantos teólogos e geógrafos cristãos haviam tratado de resolver em vão.[57] O almirante regressou (no último dia de agosto de 1495) a São Domingos, a nova capital da Espanhola. Eram muitos os aborre-

54. Segunda Parte deste livro, III, 2 e 3.
55. Colombo, *Diario del tercer viaje*. Diz: "*Y si esta es tierra firme, es cosa de admiración, etc...*" *Raccolta*, I, ii, 22.
56. *Ibid. Raccolta*, I, ii, 24.
57. Uma interessante especulação sobre o Paraíso Terrestre em Las Casas, *Historia*, I, cxli-cxlv. Vejam-se as anotações de Colombo ao *Imago Mundi de d'Ailly*, números 19, 40, 47, 313, 397 e 398.

cimentos que ali o aguardavam, mas era urgente também dar ciência aos soberanos do resultado da sua viagem. No dia 18 de outubro despachou uma carta com o resultado de suas especulações.[58] Não é fácil determinar com precisão o que pensou, mas é necessário tentá-lo com o auxílio de documentos posteriores.

XIII

Ou era uma enorme terra firme a que havia achado ou era onde estava o Paraíso Terrestre. Eis aqui o dilema que preocupava Colombo quando desembarcou em São Domingos. Consideremos, antes de tudo, o que significou esse dilema.

O motivo que obrigava Colombo a pensar que se tratava de uma terra firme de grande extensão era, já o sabemos, a necessidade de explicar o golfo de água doce como resultado de algum grande rio que nele tinha a sua desembocadura. E se não se conformou cabal e plenamente com essa inferência foi pelas dificuldades que, segundo vimos, atendiam igualmente à idéia de que essa terra firme estivesse unida à Ásia ou à de que estivesse separada. Se ocorreu a Colombo como dilema que havia estado na região onde se achava o Paraíso Terrestre, foi porque dessa maneira lhe pareceu que poderia sair desse conflito, pois já não havia necessidade de justificar o golfo de água doce como resultado de um grande rio engendrado numa imensa extensão de terra. De fato, no Paraíso Terrestre existia uma fonte de onde, no dizer das autoridades mais respeitadas, procediam os quatro grandes rios do *orbis terrarum*. Não seria, portanto, dessa mesma fonte que procedia o caudal de água que formava aquele golfo? Esta possibilidade deve ter impressionado tanto a Colombo, não só porque se enquadrava admiravelmente à sua maneira de pensar e à sua crescente convicção de ser um mensageiro de Deus, mas também pelo brilho que este achado emprestava à sua empresa, que não se deu conta nem do

58. Carta sobre sua terceira viagem, já citada nestas notas. *Raccolta*, I, ii, 26-42. Escrita entre 30 de maio e 31 de agosto de 1498 e enviada em outubro desse ano.

caráter extravagante da idéia nem, de imediato, das novas dificuldades que ela implicava. Mas era necessário mostrar como era possível e mesmo provável essa ocorrência. E a este propósito particularmente é que vai encaminhada a carta aos soberanos.

A carta começa com um preâmbulo dedicado a defender a empresa dos maledicentes empenhados em desacreditá-la. Esta parte inicial da epístola é uma reprodução quase literal de uma passagem do *Diário*, que apresenta o interesse de Colombo em empregar aqui, pela segunda vez, o conceito de "outro mundo" para qualificar o conjunto das terras que, por seu empenho e trabalho, se havia colocado sob a soberania da Espanha.[59] Também

59. Interessa esclarecer em que sentido Colombo empregou as palavras "outro mundo" ao referir-se às terras que havia achado. Examinemos os textos.

I. *Diario del tercer viaje. Raccolta*, I, ii, 18-9 e Las Casas, *Historia*, I, cxxxvi. Numa passagem auto-apologética, que tem o objetivo de defender a empresa dos maledicentes que pretendiam desacreditá-la, Colombo usa, entre outros, o argumento de que nunca antes um príncipe de Castela teria conquistado terras fora da Espanha e acrescenta "*ahora Vuestras Altezas ganaron estas tierras, tantas, que son outro mundo, y donde habrá la Cristandad tanto placer, y nuestra fe, por tiempo, tanto acrecentamiento.*"

Neste contexto Colombo refere-se às terras recentemente achadas nesta terceira viagem e nas anteriores e parece claro que as qualifica de "outro mundo", por serem de muita extensão e grandeza. São de fato "outro mundo", por serem "tantas".

II. *Carta de Colón sobre su tercer viaje. Raccolta*, I, ii, 28 e 40. Navarrete, *Colección*, I, p. 244 e 263.

1. No preâmbulo da carta, de novo Colombo defende a empresa dos seus detratores. Nesta passagem, porém, refere-se unicamente às terras achadas nas duas primeiras viagens que, como sabemos, considerava regiões asiáticas. Repetindo o argumento de que nunca antes um príncipe de Castela teria conquistado terras fora da Espanha, acrescenta "*que esta de acá* (Colombo escreve de São Domingos, na Ilha Espanhola) *es otro mundo en que trabajaron Romanos y Alejandre y Griegos, para la haber con grandes ejercicios.*"

A idéia é clara no que se refere à identificação das terras: trata-se das regiões extremas da Ásia às quais os antigos, em vão, com grandes esforços, quiseram conquistar. Conclui-se, pois, que se Colombo as qualifica de "outro mundo", não é no sentido de serem terras das quais não se tivesse tido notícias antes. Esta conclusão está expressamente confirmada por outra Carta de Colombo, enviada ao Rei Católico na mesma data, na qual refere-se às terras encontradas nas duas primeiras viagens como "*tierra firme de los antiguos muy conocida y no ignota, como quieren decir los envidiosos e ignorantes*". *Raccolta*, I, ii, 47. É de se supor, então, que na passagem que analisamos, Colombo tenha empregado a expressão "outro mundo" no mesmo sentido que na citação do *Diario*, ou talvez no sentido de que aquelas regiões, não ignoradas desde a antiguidade, constituem algo diferente do

é interessante porque Colombo ratifica a sua crença de que Cuba é uma parte da Ásia.[60]

Vem, a seguir, o relato da viagem e da exploração e chegado o momento em que conta como pôde sair daquele golfo de água doce, que tanto o preocupava, o almirante inicia a fundamentação teórica de sua hipótese do Paraíso Terrestre.

Não é o caso de entrar em detalhes exaustivos. Eis aqui o essencial do argumento: o globo terrestre, pensa Colombo, não é uma esfera perfeita; ao contrário, sua forma é a de uma pêra ou de uma bola que tivesse uma protuberância como um seio de mulher, cujo bico estaria abaixo da linha equatorial no "fim do oriente", diz e que é, esclarece, onde termina a terra e suas ilhas adjacentes. Isto é, no extremo oriente da Ilha da Terra. No cume desse grande monte ou seio, de acesso paulatino, pois se inicia em pleno oceano a uma distância de cem léguas dos Açores, acha-se o Paraíso

habitual, como quando se diz, por exemplo, de um europeu que, ao se mudar para a África, irá viver em outro mundo.

2. Já quase ao final da Carta, Colombo lança-se novamente contra os inimigos da empresa e repete os mesmos argumentos: "*ningunos príncipes de España* – diz – *jamás ganaron tierra alguna fuera de ella, salvo ahora que Vuestras Altezas tienen acá otro mundo, etc...*"

Neste caso pode-se supor que Colombo esteja se referindo ao conjunto das terras encontradas nas três viagens, mas nada existe que nos faça pensar que empregou a expressão "outro mundo" num sentido diferente dos casos anteriores.

III. *Carta de Colón a doña Juana de la Torre* (Navarrete, *Colección*, I, 274).

Colombo, queixando-se das ofensas que se lhe fizeram, disse que deve ser julgado como um capitão que saiu da Espanha "*a conquistar hasta las Indias... y adonde por voluntad divina he puesto yo el señorío del rey y de la reina nuestros señores otro mundo*".

Constata-se com clareza que se Colombo afirma que colocou sob a soberania da Coroa da Espanha "outro mundo" nas Índias (isto é, na Ásia) onde, como capitão, foi conquistar esse outro mundo, não se refere a regiões de que não se tivesse tido conhecimento. Usa, pois, a expressão no mesmo sentido que nos casos precedentes.

Podemos concluir, então, que Colombo não empregou a expressão de "outro mundo" para se referir a uma entidade desconhecida diferente e separada do *orbis terrarum*, e muito menos, claro está, para se referir profeticamente à América, como pretende o ilustre historiador norte-americano Samuel Eliot Morison. *Admiral of the Ocean Sea*, II, pp. 268-9. Mais adiante veremos que Colombo utilizou, numa ocasião, a expressão "novo mundo" num sentido muito diferente deste que analisamos.

60. Veja-se p. 131, nota 45.

Terrestre.[61] Fixadas essas premissas, a conclusão era óbvia: como a Terra de Paria estava "no fim do oriente", estava próxima do Equador e mostrava as qualidades da região mais nobre da Terra e como, por outra parte, as observações celestes revelavam que a frota havia navegado costa acima a partir do meridiano marcado por aquelas cem léguas dos Açores, parecia natural pensar que a água doce que aquele golfo produzia procedesse do Paraíso. É certo que ele, Colombo, não pretendia que se pudesse chegar até esse jardim proibido que, provavelmente, ainda estava longe dos litorais que explorou, mas não era o caso de se levar em conta a sua hipótese?

Na medida em que o almirante desenvolve sua argumentação, mais se constata o seu desejo de se convencer da sua efetiva convicção; é que se deu conta de que a hipótese não solucionava o problema pela simples razão de que implicava, da mesma maneira que a hipótese de um rio, uma extensão considerável de terra. De fato, se se tem em conta que, segundo admite o próprio almirante, o Paraíso estava longe do golfo de água doce e que, por outra parte, tinha que ser muito grande, pois foi feito para abrigar a espécie humana,[62] acaba por se demandar uma extensa terra firme, que era precisamente a conseqüência que se queria evitar com a nova hipótese.

Se Colombo teve consciência dessa ressalva, a verdade é que não a expressa. Pode-se supor, no entanto, que algo parecido devia ter em mente pois, em lugar de concluir afirmando aquilo que tanto havia se empenhado em demonstrar, acaba por se encontrar no mesmo dilema inicial. Acredita que a terra que achou "*es grandísima, y haya otras muchas en el austro, de que jamás se hubo noticia*"; acredita, também, que do Paraíso "*pueda salir*" a água, se bem que de longe, e que venha a formar aquele golfo.[63] Repete os argu-

61. Carta de Colombo sobre sua terceira viagem. *Raccolta*, I, ii, 34-6. Pedro Mártir, Décadas, Déc. I, liv. 6 em diante, considerou absurdas e ininteligíveis estas especulações de Colombo. Sabemos que esta idéia de uma montanha de água não necessita de antecedentes medievais. Veja-se a Segunda Parte deste livro, III, 3 e nota 22.

62. Veja-se Las Casas, *Historia*, I, cxlv.

63. Carta de Colombo sobre sua terceira viagem. *Raccolta*, I, ii, 37 e 38.

mentos da tese de haver muito mais terra seca do que a submersa pelo Oceano e tudo isto para terminar na mesma cláusula condicional e dúbia de que "*si no procede* (a água doce do golfo) *del Paraíso, procede de um río que procede de tierra infinita del austro, de la cual hasta ahora no se ha habido noticia*". Acrescenta, porém, "*yo muy asentado tengo en el ánima que allí, adonde dije, es el Paraíso Terrenal*".[64]

Vê-se que Colombo, em lugar de dirimir o dilema que ele mesmo criou, acabou aceitando seus dois extremos. Até esse momento, para Colombo, os litorais encontrados em sua terceira viagem pertencem a uma extensa terra firme austral, quer provenha de um rio a água que aquele golfo produz, o que admite que poderia acontecer, quer provenha da fonte do Paraíso, que é o que ele gostaria que fosse.

Mas o que pensar do verdadeiro problema que o almirante deixou intacto? Supõe Colombo que essa grande terra austral esteja ou não unida ao continente asiático?

XIV

Para resolver este problema decisivo faz-se necessário recorrer a outras três cartas de Colombo. Examinemos esses testemunhos pela sua ordem.

Numa carta ao rei católico de ca. 18 de outubro de 1498,[65] o almirante alude à terra encontrada na sua terceira viagem e diz que se deve acreditar que é extensíssima. Mais adiante, faz o inventário de tudo aquilo que ele havia colocado sob o domínio da Espanha por seus trabalhos e atuação: a ilha Espanhola, Jamaica, setecentas ilhas e uma grande parte, diz, "*de la tierra firme, de los antiguos mui conocida y no ignota, como quieren decir los envidiosos o ignorantes*". Refere-se, está claro, às costas da Ásia que ele declara ter percorrido na sua segunda viagem; além do mais, muitas outras ilhas no caminho da Espanhola à Espanha e agora deve-se acrescentar esta

64. *Ibid. Raccolta*, I, ii, 39.
65. *Raccolta*, I, ii, 46-8.

outra terra de grande dimensão recém-achada e que "*es de tanta excelencia*".[66]

O texto não nos tira das dúvidas, mas parece indicar que Colombo pensa nessa terra como algo diferente e separado da outra terra firme que declara ter sido muito conhecida dos antigos, isto é, da Ásia.

De fins do ano de 1500, temos uma carta que Colombo dirigiu a Dona Juana de la Torre, que tinha sido ama do príncipe Dom João, escrita provavelmente na caravela que conduziu o almirante de regresso à Espanha.[67] Citando previamente São João e Isaías que falam de um "céu novo e uma nova terra",[68] o almirante pensa a si mesmo como mensageiro eleito por Deus para revelá-los, pois, segundo ele, isso foi o que fez nas suas duas primeiras viagens. Acrescenta que depois empreendeu "*viaje nuevo al nuevo cielo y mundo que hasta entonces estaba en oculto*" e esclarece que se esta sua façanha não é respeitada na Espanha "*como los otros dos* (viagens) *a las Indias*", não deve surpreender, pois tudo que vinha dele era menosprezado.

Deste documento emana, com bastante clareza, que Colombo distingue a terra achada na terceira viagem daquelas que encontrou nas anteriores, que expressamente qualifica de viagens às Índias (isto é, à Ásia), enquanto identifica a primeira como uma viagem a um "*nuevo mundo*" que até então estava oculto.[69] Parece, pois, que concebe a Terra de Paria como alguma coisa separada e distinta do *orbis terrarum*.

Por último, em carta de fevereiro de 1502 ao Papa,[70] Colombo realiza de novo o inventário do que a Espanha lhe deve. Nas duas

66. *Ibid.* I, ii, 46 e 47.
67. Navarrete, *Colección*, I, 265-76.
68. São João, *Apocalipsis*, XXI, I: *Et vidi coelum novum, et terram novam.* Isaías, LXVI, 22: *Quia sicut coeli novi, et terra nova, quae ego facio stare coram me, dicit Dominus: sic stabit semen vestrum, et nomen vestrum.*
69. É significativo que Colombo altere expressamente os textos citados por ele, quando os aplica à Terra de Paria, pois em lugar de repetir "*nuevo cielo y tierra*" diz que empreendeu "*viaje nuevo al nuevo cielo y mundo que hasta entonces estaba en oculto*". Navarrete, *Colección*, I, pp. 267-68.
70. *Raccolta*, I, ii, 164-6.

primeiras viagens encontrou mil e quatrocentas ilhas, trezentas e trinta e três léguas "*de la tierra-firme de Ásia*" outras enormes e famosas ilhas a oriente da Espanhola que é, diz, "*Tarsis, es Cethia, es Ofir y Ophaz e Cipango*", e na terceira viagem achou "*tierras infinitísimas*" e acreditei e acredito diz, "*que allí en la comarca es el Paraíso Terrenal.*"

Nesta ocasião, a distinção entre a terra firme achada nas duas primeiras viagens, que Colombo expressamente identifica com a Ásia, e a encontrada na terceira viagem é mais clara, de sorte que estes três testemunhos parecem ser suficientes para concluir que Colombo, pouco depois de haver escrito a famosa carta em que expôs a hipótese do Paraíso, convenceu-se de que havia achado uma terra de dimensões continentais que ocupava parte do hemisfério Norte e que se estendia pelo hemisfério Sul, situada a sudeste do Quersoneso Áureo e separada da Ásia. Em suma, que havia achado um orbe austral comparável ao *orbis terrarum*, habitável e habitado como este, e que, por acréscimo, continha o Paraíso Terrestre. Um orbe ao qual, embora incidentalmente, mas não casualmente, qualificou como um novo mundo.

XV

Ao considerar a óbvia importância de que se reveste a conclusão a que chegou o almirante, é necessário que nos esforcemos por entender seu alcance e sentido. Para isso é preciso esclarecer que motivo o levou a decidir-se em favor da independência geográfica das terras que havia encontrado na sua terceira viagem em relação às achadas nas viagens anteriores. Devemos verificar, além do mais, porque, ainda em 1502 e pela última vez, insistiu em nelas localizar o Paraíso Terrestre, sem insistir, no entanto, na teoria que servia de fundamento para essa idéia, isto é, a de que o globo terrestre aparentava, no hemisfério Ocidental, a forma de uma pêra ou bola com algo semelhante a um seio de mulher.

Quanto ao primeiro motivo, não será difícil averiguá-lo se nos lembrarmos de quais eram as conseqüências do dilema que Colombo deveria resolver. De fato, já vimos que se supunha a continuidade entre os litorais atlânticos da Ásia e os da nova terra firme austral, o esquema geográfico adotado por Colombo para explicar seus achados anteriores era insustentável. Vinha abaixo a tese que imaginava a Ásia dotada de uma só península – o Quersoneso Áureo – em cujo extremo estaria a passagem para o Oceano Índico (Fig. 3). Se, no entanto, se supunha que a Terra de Paria não estava unida ao *orbis terrarum*, seria necessário imaginá-la como um orbe distinto. Neste caso, é certo, punha-se a salvo aquela tese, mas à custa de se enfrentar os problemas que haviam levado a Igreja e tratadistas recentes a não aceitarem a possibilidade de mundos diferentes abrigados no globo.

Colombo decidiu-se – e já vimos com que timidez – por essa última opção. É óbvio que o motivo determinante foi o desejo de salvar o esquema geográfico de que ele vinha se servindo para poder identificar a terra de Cuba com a Ásia e que lhe permitia vislumbrar a existência de um acesso ao Oceano Índico, ao sul dessa terra e ao norte da recém-encontrada Paria. Isto é decisivo, pois assim vemos que Colombo pretendia a separação e a independência da inesperada terra firme austral como uma necessária conseqüência do seu esquema anterior e não como resultado de uma observação dos dados empíricos que se lhe tivessem imposto. Em outras palavras, afirmou a existência de um "novo mundo" como uma suposição *a priori*, porque o que verdadeiramente lhe importava afirmar desse modo era a existência da tal passagem de mar ao Oceano Índico da qual dependia, como sabemos, a prova da sua primeira e fundamental crença: a de haver chegado na sua primeira viagem ao extremo oriente da Ilha da Terra.

Mas não se entende bem, então, como tomou o almirante uma decisão que o levava a enfrentar as objeções e perigos inerentes à idéia que abraçou. Isto nos leva, precisamente, ao segundo ponto que suscitamos no início deste item, a saber: a razão pela qual insistiu em localizar o Paraíso Terrestre nessa terra que lhe parecia

ser um novo e inédito mundo. Também parece difícil encontrar neste caso a resposta. Lembre-se que o Paraíso Terrestre, por definição, era parte do "mundo", isto é, daquela província cósmica que Deus, em sua bondade, havia designado ao homem para que nela vivesse. Visto desta maneira, embora se possa dizer que a independência geográfica da terra firme austral a convertia num "novo mundo", o fato de nela estar alojado o Paraíso Terrestre anulava esse conceito para convertê-la, em troca, no primeiro e mais antigo mundo, de sorte que, definitivamente, se Colombo separava fisicamente os dois orbes, conseguia manter a sua união moral, de que dependem a condição e a qualidade para que sejam mundos.

Em suma, o "novo mundo" intuído por Colombo não era propriamente isso, mas parte do mesmo e único mundo de sempre. Não postulava, pois, o pluralismo cuja possibilidade havia sido admitida pelos pagãos com todas as suas conseqüências. Se o almirante se arriscou a apoiar-se nessa inaceitável e herética noção, foi porque acreditava que somente assim se poderia salvar a crença, cuja verdade se propusera a provar. Mas é claro que esta indireta maneira de sustentar a existência da passagem que conduziria as naves espanholas às riquezas da Índia, como ele pensava, não podia convencer ninguém e que, por conseqüência, seus esforços nesse sentido foram em vão. O que verdadeiramente tem de interessante a hipótese de Colombo é que, pela primeira vez, o processo se aproximou de um desenlace crítico da antiga maneira de conceber o mundo. No entanto, a crise ainda não era iminente, porque as idéias de Colombo careciam de toda a probabilidade de serem aceitas, por duas razões decisivas. A primeira, porque a teoria cosmográfica elaborada por Colombo para justificar a existência do Paraíso Terrestre nas regiões recém-achadas mostrava ser um verdadeiro disparate científico;[71] a segunda e mais importante, porque a idéia de separar as duas massas de terra, o que implicava admitir um "novo mundo", não era necessária para explicar

71. Pedro Mártir, *Décadas*, Dec. I, liv. 6 em diante.

satisfatoriamente os fatos revelados até então pela experiência, segundo vamos ver a seguir. Conspirou-se a crise que já se anunciava. Examinemos as razões que a sustentaram.

XVI

As notícias do achado da Terra de Paria, chegadas à Espanha em 1499, despertaram um grande interesse em reconhecer mais amplamente essas regiões e deram novo impulso e nova orientação para a empresa. A Coroa autorizou, e se realizaram em rápida sucessão, as conhecidas viagens de Ojeda (maio de 1499 a setembro de 1500); Guerra e Niño (junho de 1499 a abril de 1500); Yáñez Pinzón (dezembro de 1499 a setembro de 1500); Lepe (dezembro de 1499 a outubro (?) de 1500); Vélez de Mendoza (dezembro de 1499 a julho de 1500) e Rodrigo de Bastidas (outubro de 1500 a setembro de 1502).[72]

O conjunto dessas explorações revelou a existência do enorme litoral que hoje se conhece como a costa atlântica setentrional da América do Sul, desde o Golfo de Darién (formado pelas costas do Panamá e da Colômbia) até o cabo extremo oriental do Brasil. Bem, como os novos achados não se prolongaram além desses extremos, não se estabeleceu, por uma parte, a continuidade e a conexão dessas costas com as da terra setentrional reconhecida em anos anteriores nem se estabeleceu, por outra parte, em que direção poderia se estender a costa além do cabo extremo em que se havia chegado. Estas indeterminações provocaram uma situação ambígua que convém registrar.

A idéia de Colombo no sentido de que existia uma grande massa de terra que penetrava pelo hemisfério austral ficou estabelecida fora de qualquer dúvida. Como não se sabia, empiricamente,

72. Veja-se José Toribio Medina, *El descubrimiento del Océano Pacífico; Vasco Núñez de Balboa*, 1913-20, para um relato dessas viagens. Para a de Ojeda, que é "a segunda navegação de Vespúcio", consultar Levillier, *América la bien llamada*, I, pp. 107-14 e 123-34.

que estaria unida à massa de terra firme setentrional, a possibilidade de que houvesse uma passagem marítima para o Oceano Índico no trecho ainda inexplorado permanecia em aberto. A hipótese de Colombo a respeito de um "novo mundo" separado do *orbis terrarum* não podia, pois, ser descartada. Mas o importante era que, ao contrário do que pensou Colombo, essa não era a única alternativa para se acreditar na existência da passagem para o Oceano Índico, que havia sido empregada por Marco Polo no seu regresso à Europa. Como também não se sabia em que sentido se estendia a costa além do cabo extremo ocidental explorado, era possível supor que dobrasse em direção ao poente e que, portanto, esse cabo seria o extremo meridional de uma grande península asiática, aquela que Marco Polo teria circunavegado. Em outras palavras, pensou-se que esse grande e novo litoral não era o de um estranho "novo mundo", separado e distinto da Ilha da Terra, mas o da Ásia.[73] Concretamente dizendo, era o daquela grande península adicional que haviam desenhado Martín Behaim no seu globo e Henrico Martellus no seu planisfério (Fig. 3).

Em resumo, as explorações realizadas entre 1499 e 1502 mostraram que as idéias de Behaim e de Martellus podiam ser corretas, de sorte que surgiu o dilema que registraremos a seguir.

De um lado, temos a hipótese segundo a qual se supõe que a massa de terra firme no hemisfério Norte é o extremo oriental da Ilha da Terra ou *orbis terrarum* e que a massa que penetra pelo hemisfério Sul é um outro orbe, um "novo mundo". A condição dessa hipótese é, pois, que a passagem marítima para o Oceano Índico fosse a da separação entre ambas as massas de terra firme.

73. As cartas de Vespúcio de 18 de julho de 1500, de 4 de junho de 1501 e de 4 de setembro de 1504 demonstram que seu autor pensou que as duas primeiras viagens que fez (Solís?, 1497-8 e Ojeda, 1499-1500) haviam sido ao longo dos litorais da Ásia. O mesmo conceito prevaleceu na viagem de Vicente Yáñez Pinzón (1499-1500). Veja-se a respeito Pedro Mártir, *Décadas*, Dec. I, liv. 9. O mesmo autor em *Década* I, liv. 6, informa brevemente sobre as duas opiniões que existiam a respeito da terra firme achada por Colombo na sua terceira viagem. Diz: "os que a investigaram depois com maior diligência em razão de seus interesses, querem que seja o continente índio, e não Cuba, como pensa o Almirante."

Esta é a hipótese de Colombo, com a versão, segundo a qual, o almirante insistia em postular que a Terra de Cuba se identificasse com a terra firme da Ásia.

Temos, do outro lado, a hipótese que consiste em supor que as duas massas de terra firme são contínuas e que se identificam com o litoral extremo oriental do *orbis terrarum* e, concretamente, como os da sua grande península asiática, diferente do Quersoneso Áureo. Para esta segunda hipótese, a condição era a de que ao sul dessa única massa de terra firme se acharia a famosa passagem para o Oceano Índico, empregada por Marco Polo.

A cartografia da época documenta de maneira curiosa e interessante esse dilema. Realmente, temos do ano de 1500 o justamente famoso mapa manuscrito de Juan de la Cosa, em que se pode ver a expressão gráfica do dilema.[74] Neste documento, o cartógrafo apresenta como costa contínua tudo o que está compreendido desde os reconhecimentos setentrionais das expedições inglesas até o cabo extremo oriental daquilo que hoje se conhece como Brasil. Mas, de um lado, a partir desse cabo se configura uma costa hipotética que se estende diretamente para o oeste, expressando a idéia e a esperança, acrescentamos, de que essas terras austrais constituíam a penetração mais meridional da Ásia. No entanto, e por outro lado, Juan de la Cosa interrompeu o desenho do litoral com uma imagem de São Cristóvão, padroeiro dos navegantes, mas também de Colombo, precisamente no lugar onde, segundo este, estaria a passagem para o Oceano Índico. Desse modo, assim parece, o cartógrafo quis registrar ou, pelo menos, insinuar a outra hipótese ou possibilidade. (Fig. 5)

74. O original deste mapa encontra-se no Museu Naval de Madri. Referências: Harrisse, *The Discovery of North America*. Londres e Paris, 1892. Reproduzido em Nordenskiöld, *Periplus*, 149, Lâminas XLIII e XLIV.

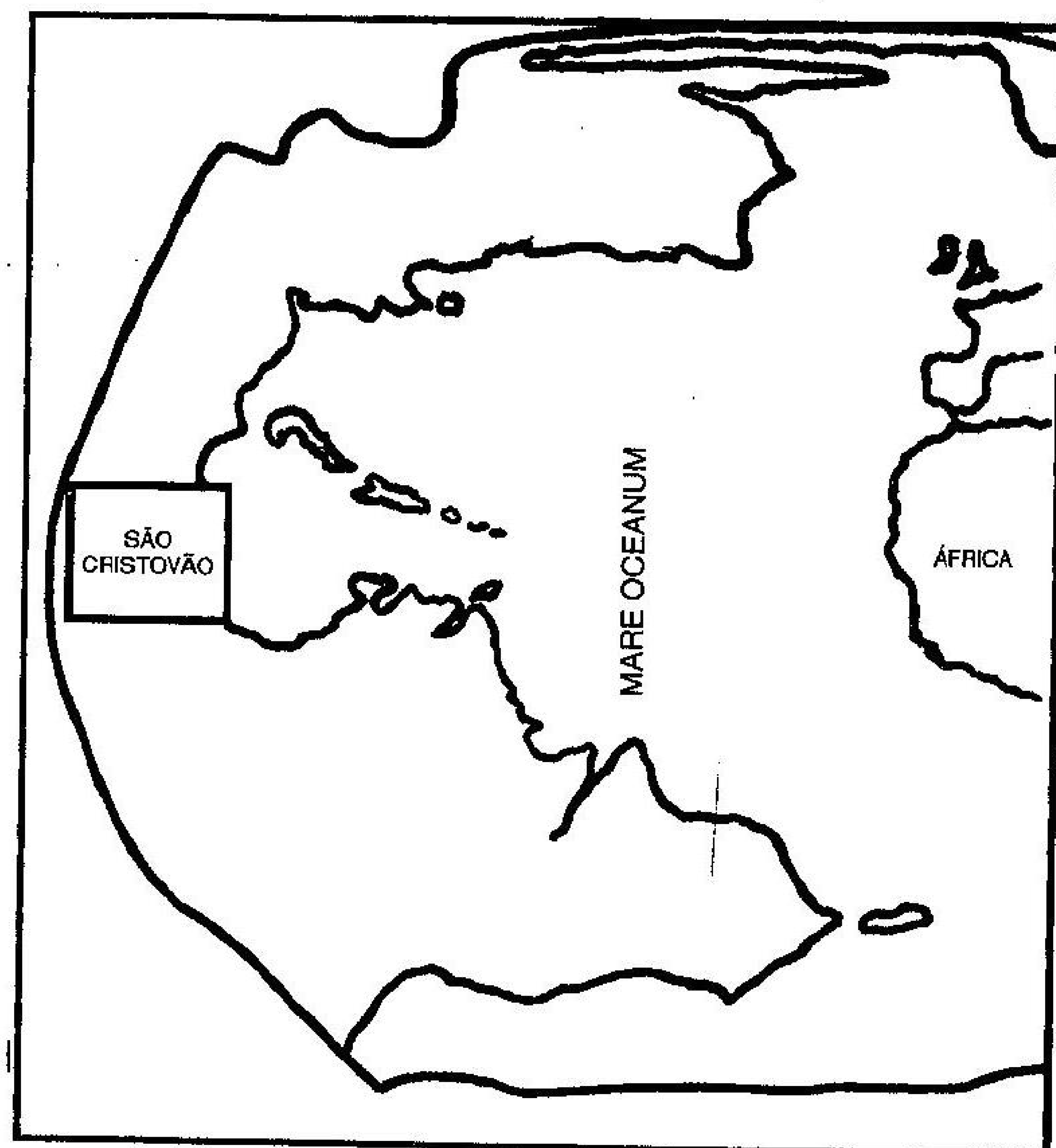


FIGURA 5. Esquema da parte ocidental do planisfério manuscrito de Juan de la Cosa, 1500. Ilustra a hipótese que identifica as terras recentemente achadas com a península asiática.

XVII

O sentido ou ser das terras que tinham sido achadas desde que Colombo realizou sua primeira viagem continuava dependendo da localização da passagem para o Oceano Índico. Mas agora a localização dessa passagem oferecia duas possibilidades. Conseqüentemente houve duas viagens cujos resultados deveriam resolver o dilema. Referimo-nos à chamada terceira navegação de Américo Vespúcio (viagem portuguesa, maio de 1501 a setembro de 1502) e à quarta e última viagem do almirante (maio de 1502 a novembro de 1504).

Este e o item seguinte são dedicados ao estudo dessas duas expedições que, embora independentes, constituem um único e grandioso acontecimento nos anais da história da Cultura do Ocidente. Como tal queremos apresentá-las aqui, não só porque assim o exige a lógica do processo, mas também porque, desse modo, Colombo e Vespúcio aparecem como os colaboradores que em realidade foram, e não como os rivais que uma mal aconselhada paixão pretendeu fazer deles. E além do mais, querem também reparar a injustiça histórica que foi cometida com ambos: com o primeiro, ao atribuir-lhe o suposto "descobrimento da América" que não realizou, nem poderia ter realizado; com o segundo, ao responsabilizá-lo pela suposta auto-atribuição dessa inexistente façanha.

Comecemos por tomar ciência dos propósitos que motivaram ambas as expedições e, primeiro, daquela em que Vespúcio tomou parte.[75]

A frota zarpou de Lisboa em meados de maio de 1501 com destino às regiões subequatoriais recentemente achadas. Vespúcio capitaneava um dos navios e, pelo que se sabe, a armada seguia sob o comando de Gonçalo Coelho. Em princípios de junho,

75. Esta viagem de Vespúcio, como tudo o que fez, motivou longas e apaixonadas discussões eruditas que, para nós, se revestem de importância secundária. Decisivo em nosso problema não são os itinerários e outros detalhes dessa natureza, mas os conceitos que aparecem nos escritos do navegante.

chegaram a Cabo Verde, na costa ocidental da África, encontrando ali dois navios da frota de Álvares Cabral que vinham de regresso da Índia. Vespúcio recolheu informações a respeito dessa viagem e as transmitiu a Lorenço de Médici, em carta datada de 4 de junho de 1501. Deste documento e de uma epístola anterior, é possível inferir os propósitos de Vespúcio.[76] Na exploração que realizou sob o comando de Ojeda (1499-1500), pretendeu-se, como disse Vespúcio, "*dar la vuelta a un cabo de tierra, que Tolomeu llama Cattegara, el cual está unido al Gran Golfo*",[77] isto é, que naquela ocasião se quis alcançar o extremo sul da penetração mais meridional da Ásia para passar, por ali, ao Sino Magno formado pelas águas do Oceano Índico.[78] Não se conseguiu tão desejado objetivo mas agora, nesta nova viagem, pretendia-se tentá-lo de novo. Vespúcio não o diz de uma maneira expressa, mas a análise da carta autoriza essa inferência, pois, de outro modo, não se entende sua afirmação expressa de que abrigava a esperança de visitar, nesta viagem, as regiões que Álvares Cabral havia reconhecido na sua recente navegação para a Índia.[79]

Em suma, no que diz respeito pessoalmente a Vespúcio, o objetivo da viagem consistia em navegar até as costas subequatoriais, reconhecidas durante a exploração que fez sob o comando de Ojeda, e que considerava serem dos litorais asiáticos. Conseguido esse primeiro objetivo, pretendia prosseguir a viagem costeira em busca do lugar onde pudesse passar para o Oceano Índico. Localizada essa passagem, desejava continuar a navegação em busca

76. Carta de Cabo Verde, 4 de junho de 1501, e Carta a Lorenzo di Pier Francesco de Medici, Sevilha, 18 de julho de 1500. Referências: Levillier, *América la bien llamada*, II, 278-81 e 275-8. Texto com tradução para o castelhano e para o inglês: Vespúcio, Cartas, 126-41; 283-9 e 94-125; 271-83.
77. O texto citado diz: "*perche mia intenzione era di vedere si potevo volgere uno cavo di terra, che Ptolomeo nomina in Cavo di Cattegara, che e giunto con il sino Magno.*" *Carta* de 18 de julho de 1500. Vespúcio, Cartas, 98.
78. O "Sino Magno" a que se refere Vespúcio é o nome que se dava ao golfo que separava o Quersoneso Áureo da suposta península adicional, em cuja existência Vespúcio acreditava.
79. "*E io tengo speranza in questa mia navigazione rivedere, e correre gran parte del sopradetto, e discoprire molto piu.*" Carta de Cabo Verde. Vespúcio, *Cartas*, 136.

da Índia e chegar até Lisboa através do Cabo da Boa Esperança, completando assim, pela primeira vez na história, a circunavegação do globo. Não lhe faltava razão, pois dizia na carta que comentamos que o alimentava a "*esperanza de cobrar fama imperecedera, si logra regresar a salvo de este viaje*".[80]

Vejamos agora quais foram os projetos que motivaram Colombo. Sabe-se que no dia 26 de fevereiro de 1502, quando a armada em que seguia Vespúcio percorria a costa atlântica acreditando ser uma península asiática, Colombo apresentou um memorial solicitando a autorização e os meios para empreender nova viagem. O documento se perdeu, mas o objetivo da exploração pode ser inferido pela resposta dos reis, pelas instruções que a acompanhavam e por uma carta subscrita pelos monarcas sem o nome do destinatário, mas dirigida àquele que fora o capitão de uma frota portuguesa recém enviada à Índia pela rota do oriente.[81] Dessas peças documentais, deduz-se que a expedição tinha propósitos completamente semelhantes àqueles que motivaram a de Vespúcio. A alusão a um percurso que seria muito extenso, a afirmação de que o roteiro não passaria pela Ilha Espanhola, a permissão para levar a bordo intérpretes árabes e, sobretudo, a carta destinada ao capitão português acusam, sem dar lugar a dúvidas, que o destino da exploração era alcançar as regiões da Índia, já reconhecidas pelos portugueses, sendo lícito supor-se que também se abrigaria a esperança de que o almirante regressasse à Espanha pela via do Cabo da Boa Esperança.[82] Mas é claro que, para realizar

80. "*... Spero venire in fama lungo secolo, se io torno con salute di questo viaggio.*" Carta de Cabo Verde. Vespúcio, Cartas, 128.
81. A Carta autorizando a viagem, o documento de instruções e a Carta para o capitão da armada portuguesa, em Navarrete, *Colección*, I, 277-82. Os três documentos estão datados de Valência de la Torre, a 14 de março de 1502.
82. Na Carta de autorização da viagem, os reis proibiram o almirante de passar pela Espanhola, dando como razão que o roteiro da viagem era outro. Como sabemos, Colombo desobedeceu esta ordem, alegando a necessidade de trocar um dos seus navios. É provável que tivesse o desejo de falar com Bastidas, que se encontrava então em São Domingos, para informar-se até que ponto esse navegador havia levado a exploração. Oviedo afirma que Colombo "tinha informações de que o capitão Rodrigo de Bastidas havia descoberto até o golfo de Urabá, que fica a 9,5° (nove

projeto tão ambicioso, a meta imediata de Colombo consistia, como a de Vespúcio, em encontrar a passagem para o Oceano Índico, só que a buscaria em outras latitudes. Lembre-se que, segundo as idéias que Colombo elaborou ao regresso da sua terceira viagem, essa passagem deveria estar na separação marítima entre a Ilha da Terra e o "novo mundo", onde supunham que estava o Paraíso Terrestre, e por esse rumo, de fato, os reis determinaram que ele fosse buscá-la.[83]

Eis aqui os objetivos das duas viagens destinadas a resolver o grande dilema, de cuja solução depende a verdade do ser que se vinha atribuindo às novas terras. Muito mais importante, pois de sua solução dependia a validade da maneira tradicional cristã de entender o mundo com tudo o que isso significava. Se Colombo alcançasse o seu propósito, ficaria provada a existência real do outro mundo e a crise subseqüente seria inevitável; se Vespúcio realizasse o seu, não haveria lugar para alarme algum. O cenário está pronto. Agora é de se ver como vai se desenvolver, na sua dupla trama, esta espetacular comédia, nunca tão bem chamada, dos equívocos.

XVIII

Em princípios de agosto de 1501, depois de uma penosa travessia, a armada portuguesa em que seguia Vespúcio alcançou

graus e meio), e a ponta de Caribana, que está na boca daquele golfo". *Historia*, Primeira Parte, liv. III, cap. 9.

A referência de que se tratava de uma viagem muito longa encontra-se nas *Instrucciones*: "*porquel tiempo de agora es mui bueno para navegar, y según es largo el viaje que, Dios queriendo, habeis de ir todo el tiempo de aquí adelante, es bien menester antes que vuelva la fortuna del invierno.*" Navarrete, *Colección*, I, 279.

Por último, a permissão para levar intérpretes de língua árabe está na Carta de autorização da viagem: "*A lo que decis que querriades llevar uno o dos que sepán arábigo parescenos bien, con tal de que por ello no os detengais.*" Navarrete, *Colección*, I, 277-8.

Segundo Morison, o provável destinatário da Carta dirigida ao capitão português era Vasco da Gama, na oportunidade em sua segunda viagem para a Índia. *Admiral of the Ocean Sea*, II, 316.

83. Diego de Porras, Navarrete, *Colección*, I, 284. Fernando Colombo, *Vida*, cap. 88, e Oviedo, *Historia*, Primeira Parte, III, cap. 9, documentam a busca da passagem como meta imediata da viagem.

a costa do que hoje chamamos Brasil.[84] Convencidos os navegantes de se acharem sobre o litoral asiático, iniciaram a exploração costeira em direção ao sul seja para reconhecer aqueles territórios que estariam sob o domínio de Portugal, seja para buscar o cabo extremo que permitiria o acesso ao Oceano Índico. Verificando que a costa se prolongava em direção ao sul, além do que se havia suposto, a frota chegou ao ponto onde terminava a jurisdição de Portugal e começava a castelhana, de acordo com a partilha e o Tratado de Tordesilhas. Legalmente ali teria que se suspender o reconhecimento, mas se tornava insensato abandonar a exploração, pois calculavam que a costa não se prolongasse muito mais. Com esta esperança, decidiu-se continuar a exploração, mas sob o amparo de um expediente que, em todo caso, servia para salvar as aparências. A exploração se despojou do seu caráter oficial,[85] de maneira que, a partir desse momento, adquiria o caráter de uma viagem de trânsito e, a fim de evitar suscetibilidades, resolveu-se confiar o comando provisório da armada a Vespúcio. Assim foi como se explicou a sua intervenção direta nessa parte da viagem. Seja o que quer que tenha sido, o importante é que não acharam a tão desejada passagem, mas se constatou, em compensação, que aquela costa se prolongava sem fim até as regiões tempestuosas vizinhas ao círculo antártico.[86] Esta circunstância mostrou-se sobremaneira desconcertante em vista das noções anteriores que haviam motivado os projetos da exploração e era preciso tentar algum ajuste para explicar o novo dado. Com este enigma na bagagem, a frota

84. Para a reconstrução pormenorizada do itinerário da terceira viagem de Vespúcio, Levillier, *América la bien llamada*, II, 322-37.

85. Isso explica que a partir desse momento os textos não descrevem o itinerário como até então. Levillier distribui os dias em que a armada esteve sob o comando de Vespúcio, ao menos nominalmente, digo eu, da seguinte maneira: 20 dias até a chegada ao rio Jordão (hoje Rio da Prata); 10 dias gastos na exploração da sua embocadura, os demais no restante do percurso para o sul.

86. De acordo com Levillier, Vespúcio levou a exploração até a Patagônia, em 46° ou 47° de latitude sul. Quando os navegantes chegaram ao rio Jordão, devem ter acreditado que, por fim, haviam dado com o extremo da península e, por conseguinte, com a passagem para o Índico. Isso explica o tempo que gastaram explorando essa embocadura.

regressou a Lisboa nos primeiros dias de setembro de 1502. Deixemos Vespúcio com a preocupação de resolvê-lo para irmos ao alcance de Colombo que, mais ou menos nessa data, lutava contra a inclemência de um mar adverso.

Colombo iniciou a travessia oceânica no dia 26 de maio de 1502, partindo da Ilha de Ferro, nas Canárias.[87] Por motivos que parecem justificados, não obedeceu às instruções dos reis e se dirigiu à Ilha Espanhola em busca da Vila de São Domingos. Esta mudança de itinerário modificou a rota originalmente projetada: agora deveriam navegar a partir de São Domingos não em busca da Terra de Paria que ficava a sudeste, mas a procura da costa da terra firme asiática que ficava a ocidente e que, como sabemos, Colombo imaginava como um prolongamento do litoral de Cuba. Uma vez avistada a terra firme, o projeto era costeá-la em busca da passagem do mar que, segundo ele, a separava daquele "*nuevo mundo*", que havia encontrado em sua viagem anterior.

Na execução desse plano, a frota chegou a uma costa que se estendia do oriente para o ocidente, o litoral Atlântico da hoje República de Honduras, e dali se iniciou a busca. Foi preciso, antes de tudo, realizar a navegação costeira em direção ao oriente, com a esperança de achar logo o cabo onde a costa dobrasse em direção ao sul e conduzisse a frota ao extremo do que se supunha ser uma península. Este trecho da navegação foi penosíssimo mas, no dia 14 de setembro, finalmente encontrou-se o cabo que, não sem motivo, Colombo denominou Cabo Graças a Deus, nome que ainda conserva. A costa se estendia diretamente ao sul; o almirante já se encontrava na região ainda inexplorada e, portanto, no trecho em que se deveria achar o lugar por onde, de acordo com as suas noções, Marco Polo teria alcançado o Oceano Índico.

Não é o caso aqui de relatar os pormenores da exploração. Basta lembrar que, na medida em que avançava, a relutante ausência da passagem era compensada pela confirmação de serem

87. Para a reconstrução do itinerário da quarta viagem de Colombo, veja-se Morison, *Admiral of the Ocean Sea*, II, caps. 44-50.

asiáticos aqueles territórios, confirmação tão indubitável que, quando Colombo teve notícias de minas de ouro não muito distantes, sentiu-se autorizado a concluir que eram as de Ciamba, região do Quersoneso Áureo, que Marco Polo situava como uma província no extremo meridional dessa península.[88] Com esta segurança, que prometia o próximo e inevitável encontro da desejada passagem para o Oceano Índico, a frota veio dar a uma entrada de mar que parecia ser o começo do que tanto se buscava. Isto aconteceu no dia 6 de outubro. Onze dias mais tarde, certificaram-se concretamente do engano: aquela entrada era apenas uma baía e a alucinada esperança esfumou-se para sempre.

A triste realidade trouxe consigo, no entanto, um consolo: constatou Colombo que se achava, não certamente na vizinhança de um estreito de mar que lhe permitisse alcançar o Oceano Índico, mas sim sobre a costa de um estreito de terra, istmo estreito que, como uma muralha, separava a frota daquele oceano. Disseram-lhe os nativos, e Colombo assim acreditou, que do outro lado, a apenas nove jornadas através das montanhas, encontrava-se uma opulenta província chamada Ciguare, rica em ouro, jóias e especiarias, onde havia mercadores e senhores de poderosos exércitos e armadas, distante dez dias de navegação do rio Ganges.[89]

Tão extraordinária notícia convenceu o almirante de que seria em vão buscar a passagem de mar nestas latitudes, tanto mais que a costa inclinava-se para o oriente, na direção da terra de Paria, indicando assim até ela uma possível continuidade. Mesmo antes de deixar a Espanha, Colombo já havia suspeitado de que isso poderia acontecer, segundo comprova uma carta de Pedro Mártir.[90]

88. "*Yo, que, como dije, había llegado muchas veces a la muerte, allí supe de las minas de oro de la provincia de Ciamba, que yo buscaba.*" Colombo, *Lettera Rarissima*, 7 de julho de 1503, Navarrete, *Colección*, I, 298. Ciamba é a Conchinchina da geografia de Marco Polo.
89. Colombo, *Lettera Rarissima*. Navarrete, *Colección*, I, 299.
90. Pedro Mártir, Carta ao Cardeal Bernardino de Carvajal. *Epistolario*, 168. Datada de 5 de outubro de 1496, mas evidentemente de data posterior ao regresso de Colombo em outubro de 1500. Disse Pedro Mártir que Colombo "*supone que estas regiones* (Paria) *están contiguas y pegadas a Cuba, de manera que ambas sean el propio continente de la India Gangética*".

Isso esclarece porque Colombo abandonou tão prontamente a busca da passagem marítima e porque deu tão fácil crédito à informação que lhe forneceram os nativos a respeito da existência de um istmo. Em todo caso, os resultados dessa exploração o obrigavam, como também aconteceu a Vespúcio, a modificar o esquema geográfico que lhe havia servido de base.

Podemos concluir que, do ponto de vista dos propósitos que motivaram as duas viagens, ambas foram um completo fracasso, mas um fracasso que teve, no entanto, a conseqüência de tornar possível uma inesperada e decisiva revelação. Para mostrar como isto pôde acontecer, é preciso que tenhamos conhecimento prévio das idéias que Colombo e Vespúcio formularam, cada um por sua vez, a partir de suas respectivas experiências. Examinemos primeiro a hipótese do almirante.

XIX

Para determinar qual terá sido o pensamento de Colombo, depois de sua quarta e última viagem, em relação ao problema que nos interessa, é preciso recorrer à estranha carta que, da Jamaica, dirigiu a Fernando e a Isabel, no dia 7 de julho de 1503, a chamada *Lettera Rarissima.*[91]

Desde o início, o que surpreende neste documento é o silêncio total que o almirante mantém a respeito da busca da passagem do mar ao Oceano Índico que, como sabemos, foi o objetivo principal da viagem. Isto se deve às informações que recolheu, referentes à existência de um istmo que separava aquele Oceano do Atlântico, que alteraram radicalmente as suas noções anteriores. Realmente, do conteúdo da *Lettera Rarissima* deduz-se com clareza que a notícia

91. Com este título Jacobo Moreli publicou a carta em 1810. Em 1505, havia sido impressa em Veneza, em tradução latina. A carta deve ter chegado à Espanha, no mais tardar, em fins de junho de 1504. Texto em Navarrete, *Colección*, I, 296-313. Trata-se de um estranho documento que revela a confusão mental do almirante, vítima, na oportunidade, de sua abalada saúde. Veja-se a alucinação que teve nesta viagem e que relata em cores tão patéticas.

aquele istmo obrigou-o a abandonar definitivamente a sua suposição a respeito da existência de uma terra firme austral, independente e separada do *orbis terrarum* para aceitar, em troca, a idéia da união, a tudo considerando como os litorais da Ásia. Em outras palavras, o fracasso a respeito da localização da passagem marítima convenceu o almirante a aceitar como verdadeira a tese da península adicional da Ásia, de maneira que acabou pensando que os litorais das duas massas de terra firme, localizadas em ambos os hemisférios, eram contínuos, mas sempre na crença de que Cuba não era uma ilha, mas que formava parte da terra firme.[92] Um dos croquis do mapa desenhado por Bartolomeu Colombo,[93] a propósito da viagem e à margem de uma cópia da *Lettera Rarissima*, é o testemunho cartográfico que expressa a nova hipótese do almirante. (Fig. 6)

Vejamos agora o que Vespúcio pensou sobre a inesperada comprovação de que a terra firme que havia explorado se prolongava interminavelmente até o polo antártico. É óbvio que essa circunstância tornava impossível sustentar a anterior identificação desses litorais com os da suposta península adicional da Ásia porque, se fosse o contrário, não se podia explicar o acesso marítimo empregado por Marco Polo para alcançar o Oceano Índico. Era forçoso concluir que se tratava de uma terra firme, separada do *orbis terrarum* pelo mar. O que era então essa terra? No espírito de Vespúcio deveria imperar o desconcerto, de que se encontram vestígios nas primeiras cartas que escreveu depois do

92. Na *Lettera Rarissima*, Colombo expressamente insiste na sua idéia de que Cuba é a província chinesa Mangi. Navarrete, *Colección*, I, 304. Em outra passagem, I, 307, afirma que encontrou "*la gente de que escribe Papa Pío*". Refere-se à *Cosmographia seu historia rerum ubique gestarum locorum descriptio* de Aeneas Silvio. Segundo Morison, *Admiral of the Ocean Sea*, II, 342, Colombo refere-se aos antigos cibas. Na mesma Carta, Colombo diz que Salomão e David extraíram ouro das minas de Veragua, fundamentando-se nas autoridades das Escrituras (*Paralipómenos y Reyes*) e no *De antiquitatibus* de Josefo, VIII, 6, 4.

93. Os croquis originais foram desenhados por Bartolomeu Colombo à margem de uma cópia da *Lettera Rarissima*. Veja-se F. R. von Wieser "*Die Karte des Bartolomeo Colombo über die vierte Reise des Admirals.*" Reimpressão de *Mitt. des Inst. für Österreichische Geschichtsforschung*. Innsbruck, 1893.

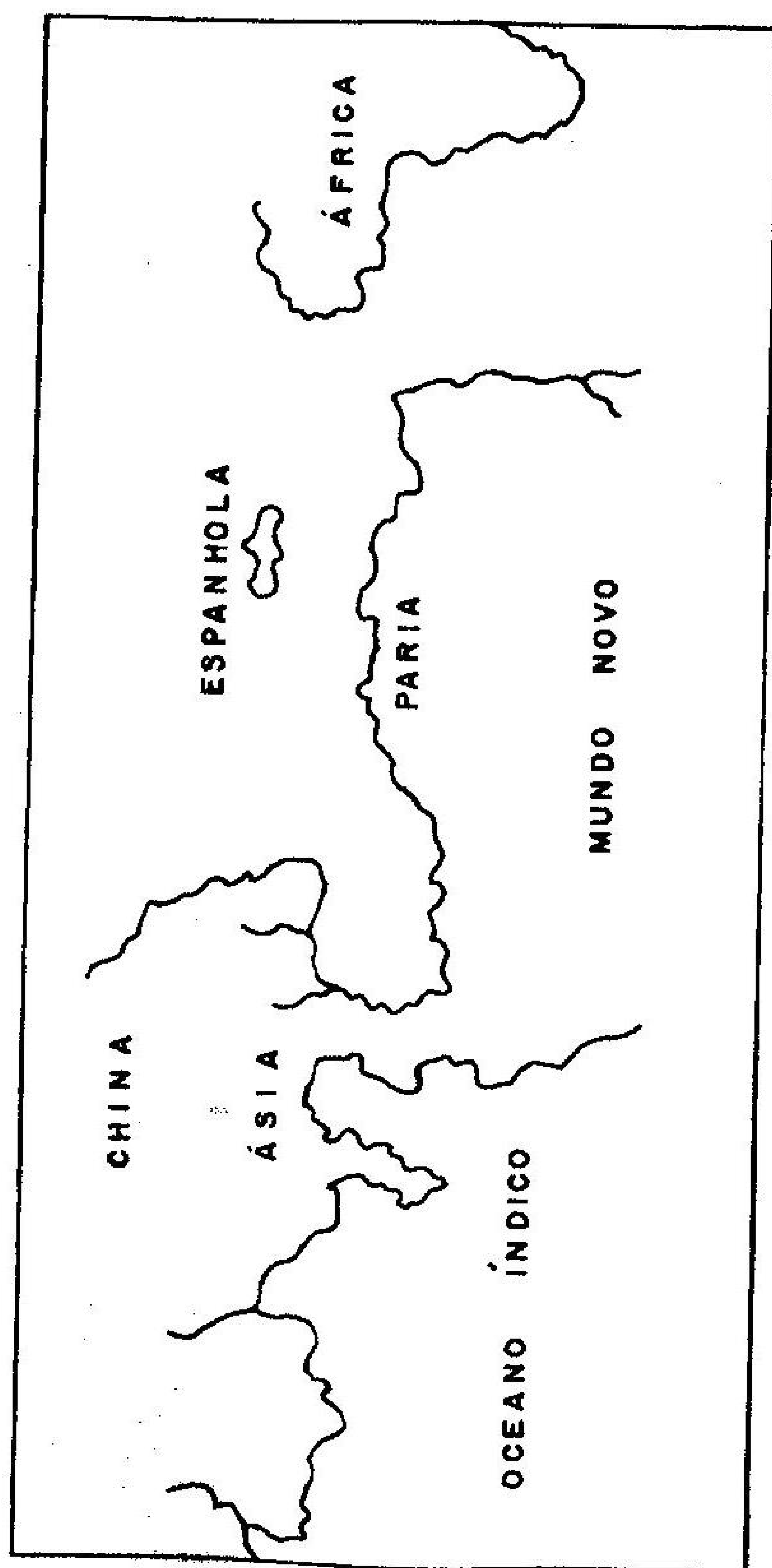


FIGURA 6. Esquema da composição dos croquis de Bartolomeu Colombo, 1503-1506. Ilustra as idéias geográficas de Cristóvão Colombo.

regresso da viagem. De fato, na carta dirigida a Lorenço de Médici para dar-lhe conhecimento da exploração,[94] mostra-se moderado e reticente, atitudes que foram explicadas unicamente pelo temor que lhe inspirava o rei de Portugal. Pode ser, mas o certo é que quase nada disse a respeito da questão que aqui nos interessa. Afirma que a terra explorada é de dimensões continentais; que a armada percorreu suas costas até próximo dos cinqüenta graus de latitude sul; que observou e tomou nota dos movimentos dos corpos celestes visíveis naquele hemisfério e de outras coisas que lhe pareceram dignas de registro, porque tinha o projeto de escrever um livro com o relato de suas viagens; e, por último, que a armada penetrou até a "*región de los antípodas*", pois o percurso abarcou "*una cuarta parte del mundo*".[95] Isso é tudo. Está claro que se Vespúcio tinha nesse momento alguma idéia mais precisa, não a expressou, mas nos parece que a carta revela, antes, as incertezas do seu íntimo.

De fins de 1503 ou princípios de 1504, temos outra carta de Vespúcio que também nada esclarece, pois é um documento escrito na defesa de alguns conceitos afirmados na anterior.[96] Não se pode dizer o mesmo, no entanto, da seguinte na ordem cronológica, a famosa carta chamada *Mundus Novus*, cujo texto vamos considerar a seguir.[97]

Disse Vespúcio, numa passagem que se tornou célebre,[98] que é lícito designar como "novo mundo", as regiões que visitou

94. Carta de 1502, enviada de Lisboa a Lorenzo di Pier Francesco de Medici, Vespúcio, *Cartas*, 142-53.
95. Esta expressão não se refere à idéia de um quarto continente; significa que a navegação compreendeu 90° de latitude terrestre, ou seja, 40° de Lisboa até o equador e 50° até o limite da exploração.
96. Carta fragmentária relativa à terceira viagem. 1502, Vespúcio, *Cartas*, 154-69.
97. Carta chamada "El Nuevo Mundo". 1503 ? Vespúcio, *Cartas*, 170-95.
98. O texto completo é o seguinte: "*Alli passati zorni assai amplamente te scrissi della mia retornata de quelli novi paese, i quali et cum l'armata et cum le spese et comandamento de questo serenissimo re de Portogallo havemo cercato et retrovato: i quali Novo Mondo chiamare nesta licito, perche apresso de i mazori nostri niuna de quelli e stata hauta cognitione, et a tutti quelli che aldiranno sera novissime cose, imperoche questo la oppinione de li nostri antiqui excede, conciosia che de quelli la mayor parte dica ultra la Linea equinotiale et verso el mezo zorno non esser continente, ma el mare solamente, el*

durante a viagem por duas razões. A primeira, porque ninguém antes soube que existiam; a segunda, porque é opinião comum que o hemisfério Sul estava ocupado somente pelo Oceano. Bem, parece claro que esses dois motivos justificam qualificar as regiões a que se refere Vespúcio como algo "novo" no sentido de recém achadas e não previstas. Mas, por que há de ser lícito considerá-las como um "mundo"?

Vespúcio responde de uma maneira indireta quando acrescenta, em continuação, que se é certo que alguns admitiam a possibilidade da existência de semelhante terra no hemisfério Sul, também negaram com muitas razões que fosse habitável, opinião que agora a experiência desmente, pois a terra que ele visitou está habitada por "*más multitud de pueblos y animales que nuestra Europa, o Asia o bien África*", disse. Desse esclarecimento resulta, primeiro, que ele concebe inequivocamente as terras que explorou como uma entidade geográfica diferente do *orbis terrarum*, pois de uma maneira expressa as distingue das três partes que tradicionalmente o integravam. Mas, segundo, que a existência de semelhante entidade não era tão imprevisível como afirmou a princípio, já que admite que alguns reconheciam essa possibilidade. Assim vemos que, para Vespúcio a verdadeira novidade do caso está em que se trata de umas terras austrais habitáveis e de fato habitadas e, por isso, são não só algo novo no sentido de que eram desconhecidas, mas que constituem exatamente um "mundo" novo.

O pensamento de Vespúcio é muito claro se estiver referido ao horizonte cultural que lhe empresta sua significação. Para ele como para qualquer contemporâneo seu, a palavra "mundo"

qual Atalantico hanno chimato; e si qualche uno de quelle continente li essere hanno afirmato, quella esser terra habitabile per molte rasione hamno negato ma questa sie opinione esser falsa et a la verita ogni modo contraria, questa mia ultima navigatione he dechirato, conciosia che in quelle parte meridionala el continente io habia retrovato de piu frequenti populi et animali habitato de la nostra Europa o vero Asia o vero Affrica, et ancora l'aere più temperato et ameno che in que banda altra regione da nui cognosciute, como de sotto intenderai, dove brevemente solamente de le cose i capi scrivemo et le cose più degne de annotatione et de memoria, le quale da mi o vero viste o vero audite in questo novo mondo foreno, como de sotto seranno manifestate." Levillier, *Cartas de Vespúcio*, 170-2.

referia-se, já sabemos, ao *orbis terrarum*, unicamente à Ilha da Terra, ou seja, àquela porção do globo que compreendia Europa, Ásia e África e que havia sido destinada por Deus ao homem, para que nela vivesse com exclusão de qualquer outra parte. Assim, é que se a ele pareceu lícito designar as regiões recém exploradas como um "novo mundo" é porque as imaginou, como já as havia imaginado antes hipoteticamente Cristóvão Colombo, como um dos tais *orbis alterius* admitidos pelos pagãos, mas não aceitos pelos autores cristãos, pois podiam implicar uma inaceitável e herética pluralidade de mundos. Contrariamente a tudo quanto se vem afirmando e repetindo, não se deve ver na hipótese de Vespúcio uma genial e surpreendente intuição da América, conforme se tem pretendido entender. O que aconteceu foi que Vespúcio, atento à possibilidade empírica de continuar explicando como asiáticas as terras que explorou e tendo verificado, portanto, que estava na presença de uma entidade geográfica desconhecida, recorreu a um conceito antes empregado pelo almirante em conjuntura semelhante e que, como ele, também abandonará por ser uma solução inaceitável, como veremos em momento oportuno.

Esta maneira de compreender a intervenção de Vespúcio, expurga-a desse ar apocalíptico e quase milagroso com que se costuma apresentar[99] e que, não sem motivo, torna tão suspeita aos olhos preconceituosos daqueles que insistem em ver em tudo aquilo que se refere a Vespúcio a maléfica intenção de furtar a Colombo os lauréis de sua fama. Isso não quer dizer que a sua idéia não implica um decisivo passo no desenvolvimento do processo, como se verificará adiante, quando se comparar com a hipótese paralela que Colombo havia formulado nos preparativos de sua terceira viagem.

Antes de nos ocuparmos de tão importante tema, é interessante assinalar o curioso paradoxo em que veio dar a tentativa de resolver o dilema suscitado pela busca da passagem para o Oceano Índico.

99. Veja-se a respeito e como exemplo, as exaltadas frases do meu admirado amigo Roberto Levillier em sua *América la bien llamada*, II, pp. 334-5.

De fato, agora vê-se que o fracasso de ambas as viagens acabou provocando uma inversão diametral, pois, assim como Colombo se viu obrigado a aceitar a tese que havia servido a Vespúcio como base da sua exploração, tese que postulava a existência de uma península adicional da Ásia, este também se viu forçado a aceitar a tese desprezada por Colombo, que supunha a existência de um novo mundo. Colombo iniciou a sua viagem com o propósito de comprovar sua hipótese da existência de dois "mundos" e voltou com a idéia de que tudo era um só e o mesmo mundo; Vespúcio iniciou sua viagem com o projeto de comprovar que tudo era um só e o mesmo mundo e voltou com a idéia de que havia dois. O processo, ao que parece, permaneceu encerrado num círculo vicioso, sem saída. No entanto...

XX

Em história, como manifestação que é da vida, não se sabe hoje qual é o dinamismo que torna impossível, excetuando a morte, que seus processos se afoguem em dúvidas. Por isso, em história, só os conceitos de erro, de contradição e de fracasso têm vigência verdadeira. Tudo é movimento e torna-se maravilhoso comprovar que uma situação que parece insolúvel é, em realidade, um novo e vigoroso ponto de partida para alguma meta imprevisível. Assim, contra toda a aparência, aquela inversão de termos na qual não se percebe alteração essencial a respeito da posição anterior, foi apenas a abertura pela qual o processo pôde tomar um novo e inusitado rumo. Vejamos como isto se operou.

A idéia que Vespúcio teve a respeito da existência do novo mundo parece-se tanto com aquela que Colombo havia tido que, vistas de fora, são quase idênticas. De fato, o almirante não só proclamou que havia encontrado uma imprevisível e extensa terra austral, diferente e separada do *orbis terrarum*, ignorada pelos antigos e desconhecida dos contemporâneos, como também a imaginou como um novo mundo. Uma cuidadosa reflexão permite descobrir, entretanto, que entre as duas hipóteses há uma diferença fundamental, alicerçada nos diferentes motivos que, respectivamente, levaram seus autores a formulá-las. Consideremos, primeiro, o caso de Colombo.

Colombo pensou que havia achado uma massa de terra firme austral, separada da massa de terra firme setentrional, não porque houvesse comprovado empiricamente, mas porque assim o exigia sua idéia anterior de que esta última era o extremo oriental asiático da Ilha da Terra. Em outras palavras, concebeu a existência de um novo mundo, obrigado pela exigência de resguardar a verdade da sua hipótese anterior. Vemos, então, que a explicação do novo dado empírico (a existência de uma massa de terra firme austral) estava condicionada pela prévia idéia de que as terras achadas nas viagens anteriores pertenciam à Ásia. Trata-se, pois, de uma hipótese com fundamento *a priori*. Por isso, quando Colombo verificou, na quarta viagem, que não era necessário postular a separação das duas massas de terra firme para resguardar a sua idéia de que a massa setentrional era a Ásia (admitindo a tese da península adicional), sem dificuldades abandonou a sua hipótese da existência de um novo mundo.

É possível concluir, então, que a hipótese do almirante, dada a sua motivação, não pode colocar em crise a prévia idéia que lhe deu vida, ou dito de outra maneira, que o fato de haver encontrado uma massa de terra firme num lugar não previsto, não conseguiu impor-se como a revelação possível, pois Colombo acreditou poder explicá-la dentro do quadro da imagem tradicional do mundo.

Voltemos agora nossos olhos para a hipótese de Vespúcio: ele imaginou que havia explorado os litorais de uma massa de terra firme austral, separada da massa de terra firme setentrional, porque isto foi comprovado empiricamente, já que era impossível continuar supondo que aquela massa pertencesse à Ásia, apesar de ser essa a sua idéia original. Vespúcio, diferentemente de Colombo, concebeu a existência de um novo mundo, apesar e ao contrário da sua hipótese anterior. Vemos que a explicação do novo dado

empírico – a existência de uma massa de terra firme austral – não está condicionada, como aconteceu a Colombo, pela prévia idéia de que as terras achadas antes pertenciam à Ásia, mas que é independente da verdade ou da falsidade dessa idéia. Trata-se de uma hipótese com fundamento *a posteriori*. Assim, a necessidade empírica que levou Vespúcio a supor que a massa de terra firme explorada não podia ser asiática não significou nada a respeito da massa de terra firme setentrional. Isto quer dizer que, em princípio, a separação ou não dessas duas massas de terra firme por um braço de mar, será indiferente para a validade da idéia de que as terras exploradas por ele não sejam asiáticas porque, em qualquer caso, não haverá necessidade de abandoná-la.

Dito de outra maneira, se existe uma separação marítima entre as duas massas de terra, conforme imaginou Vespúcio, torna-se *necessário* admitir, como ele próprio admitiu, que a massa meridional é uma entidade geográfica diferente da Ilha da Terra e torna *possível* supor a mesma coisa a respeito da massa setentrional. Se, no entanto, não existe essa separação marítima, será *necessário* então admitir que ambas as massas constituem uma entidade geográfica diferente da Ilha da Terra. Como esta última era a hipótese mais ousada, nada tem de surpreendente que ele se tenha definido pela primeira, como tampouco é surpreendente que mais tarde, segundo veremos, já não tenha insistido nela.

Podemos concluir que a hipótese de Vespúcio contém em si a possibilidade de transcender a premissa fundamental – a suposta excessiva dimensão da Ilha da Terra – que vinha obrigando a identificar as terras achadas com litorais asiáticos, pois cancelou, como necessário, o pressuposto – a passagem para o Oceano Índico – do qual dependia a validade dessa identificação. Ninguém contesta a decisiva importância desta conclusão, porque assim se compreende que a exploração realizada por ele *conseguiu converter-se na instância empírica que abriu a possibilidade de explicar a existência das terras encontradas no Oceano de uma maneira diferente daquela determinada pela colocação inicial*. Em suma, se nos ativermos aos termos concretos da tese de Vespúcio, não se pode dizer que esta

superou a tese anterior de Colombo, porque ao conceberem a massa de terra firme austral como um "novo mundo", ambos permaneceram dentro do marco das concepções e das premissas tradicionais. Mas se nos ativermos às implicações da tese de Vespúcio, então deve-se dizer o contrário, porque ao conceber a massa de terra firme austral como um "novo mundo", abriu a possibilidade, que a tese de Colombo não continha, de imaginar a totalidade das terras achadas de um modo que ultrapassa o marco das concepções e premissas tradicionais.

Aqui nos despedimos de Colombo como do herói que, conduzindo as hostes à vitória, cai no meio do caminho, pois, se é certo que as suas idéias sobreviveram em muitos dos seus partidários, não é menos certo que o caminho com promessa histórica foi aquele que Vespúcio abriu. Vamos analisar em seguida como se atualizou a nova possibilidade.

XXI

A velha teoria da Ilha da Terra, como único lugar destinado ao homem para seu domicílio cósmico, está a ponto de entrar em definitiva crise e bancarrota. As probabilidades de salvá-la são, em verdade, escassas. Será tentado, no entanto, um último e desesperado esforço. Passemos a examiná-lo.

De acordo com a hipótese de Vespúcio, a situação é a seguinte: temos no hemisfério Norte uma extensa costa identificada como pertencente ao extremo oriental do *orbis terrarum*, ou mais concretamente, como o litoral atlântico da Ásia; e temos, no hemisfério oposto, separada da anterior, outra costa que, se estendendo em direção ao Pólo Sul, ficava rotulada como pertencente a um "novo mundo". Os mapas de Contarini (1506) e de Ruysch (1507 ou 1508) (Fig. 7) expressam graficamente esta tese.[100]

100. Contarini, Giovanni Matteo, Mapa gravado por Francesco Roselli, Florença (?) 1506. Referências: J. A. de Villiers, *A Map of the World designed by Gio. Matteo Contarini*, Londres, 1924. Reproduzido na citada obra de Villiers.

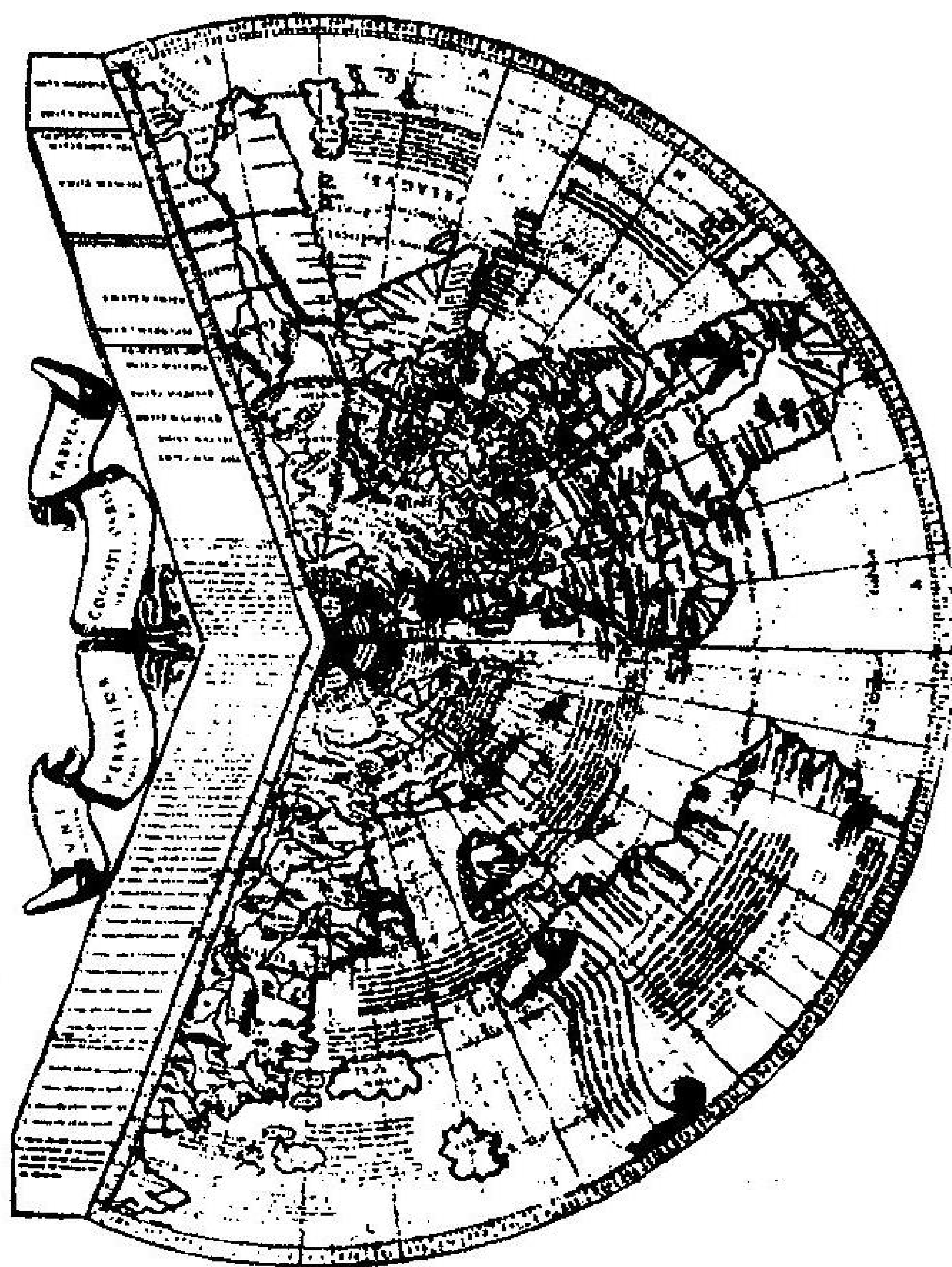


FIGURA 7. Joannes Ruysch, *Universalior cognit Orbis. Tabula...* Em Ptolomeu, *Geographia*, Roma, 1508. As terras austrais recentemente achadas aparecem como um *orbis alterius*.

Bem, já constatamos que esta solução não era aceitável porque implicava uma pluralidade de mundos, mas também acabamos de esclarecer que não era a única solução possível para dar conta dos resultados da exploração em que Vespúcio tomou parte. Efetivamente, vimos que uma vez admitido como *necessário* que os litorais da massa de terra austral não podiam continuar a ser entendidos como asiáticos, já era *possível* supor a mesma coisa a respeito da massa de terra setentrional, sendo que nessa possilidade é que residia, exatamente, a enorme diferença entre as hipóteses paralelas de Vespúcio e Colombo. Foi assim que surgiu a idéia de que essa terra setentrional bem poderia ser outra grande ilha, igualmente até então desconhecida dos antigos e comparável àquela que Vespúcio, na falta imediata de um outro conceito, havia considerado lícito imaginar como um novo mundo.

Esta tese das duas grandes ilhas oceânicas, que viria substituir a inaceitável hipótese de um "novo mundo", encontrou sua expressão numa série de mapas desenhados por volta de 1502. Referimo-nos aos mapas manuscritos conhecidos por King-Hamy-Huntington, por Kuntsmann II, por Nicoló Caneiro (Fig. 8) e por Alberto Cantino.[101] Nestes documentos cartográficos, apesar das

---

Ruysch, Joannes. *Universalior cogniti Orbis Tabula...* 1507 ou 1508. Referências: Harrisse, *The Discovery of North America*. Londres e Paris, 1892, p. 449-53. Reproduzido: (em sua terceira etapa) Nordenskiöld, *Facsimile-Atlas*, lâmina XXXII.

101. *Carta King-Hamy-Huntington*. Mapa manuscrito. Anônimo; c. 1502. Referências: J.T.E., "Notice sur une mappemonde portugaise anonyme de 1502", em *Buletin de Geographie Historique et Descriptive*, 1886. Paris, 1887. Nº 4. Reproduzido: Nordenskiöld, *Periplus*, lâmina XLV.

Kuntsmann II. Munique—Português. Mapa manuscrito. C. 1502 anônimo. Referências: Kuntsmann, *Atlas zur Entdeckungsgeschichte Amerikas*. Munique, 1859. Levillier supõe (Vespúcio, *Cartas*, 91) que este mapa é um desenho de Vespúcio.

Caneiro Januensis, Nicoló de. Mapa manuscrito. C. 1502. Referências: E.L.Stevenson, *Marine World Chart of Nicolo de Caneiro Januensis 1502 (circa). A criticae study with Facsimile. Issued under the joint Auspices of the American Geographical Society and the Hispanic Society of America*. N. York, 1908. Reproduzido nessa mesma obra.

Cantino, Alberto. *Carta da navigar per le Isole nouamente tr. in le parte de l'India.* Mapa manuscrito. C. 1502. Anônimo. O mapa foi presenteado por Alberto Cantino ao Duque de Ferrara. Referências: Nordenskiöld, *Periplus*, 149-50; E.L. Stevenson, *Maps illustrating early Discovery and Exploration in America 1502-1530 reproduced by Photography from the Original Manuscripts*. New Brunswick, N. Jersey, 1903. Reproduzido nesta última obra. Nº 1.

diferenças de detalhe,[102] a novíssima idéia de que a massa de terra setentrional constituía também uma entidade independente do *orbis terrarum* aparece clara e vigorosamente expressa. Ao mesmo tempo, é mantida a suposição de sua separação da massa meridional, mas de uma maneira tão notória e exagerada que o conjunto das novas terras não se impõe como uma única entidade em contraste com a enorme massa da Ilha da Terra, ao contrário, tem o aspecto de duas grandes ilhas situadas a ocidente da Europa,[103] sem que fique sugerida ainda a imagem do oceano que agora chamamos de Pacífico. (Fig. 8)

O sentido desta nova maneira de explicar a existência de todas as terras que haviam sido achadas desde 1492 é que, dessa forma, tentava-se salvar a concepção unitária do mundo exigida pelo dogma da unidade fundamental do gênero humano, ameaçado pela hipótese de Vespúcio, pois a tese das duas grandes ilhas oceânicas mantinha, pelo menos em aparência, a imagem geográfica tradicional do mundo.

A tentativa, entretanto, não era satisfatória. Embora essas duas grandes e estreitas ilhas[104] estivessem habitadas, sua existência oferecia, fossem ou não concebidas como um "mundo novo", as mesmas objeções religiosas e evangélicas que haviam levado os tratadistas cristãos a repudiar a idéia pagã de outros possíveis mundos, diferentes daquele abrigado na Ilha da Terra. Assim, a única coisa que se conseguia com a tese das duas ilhas era recusa verbal de uma explicação que, expressamente, ameaçava o conceito

102. Uma diferença notável é que o *Kuntsmann II* unicamente traça o desenho dos litorais das novas terras, sem se atrever a completá-los imaginariamente, como acontece nos três mapas.
103. Esta idéia está confirmada pelo título do mapa de Cantino (vide nota 101), que expressamente se refere às novas terras como ilhas. A mesma idéia aparece no título que o primitivo editor italiano deu à Carta de Vespúcio de 4 de setembro de 1504, sem que isso signifique que este tenha sido o pensamento de Vespúcio. (Vide nota 105).
104. A idéia, neste momento ainda predominante, de que tinha que ser pequena a superfície da terra não submersa em relação à do mar, levava a supor que as ilhas seriam estreitas como, efetivamente, aparecem nos mapas citados.

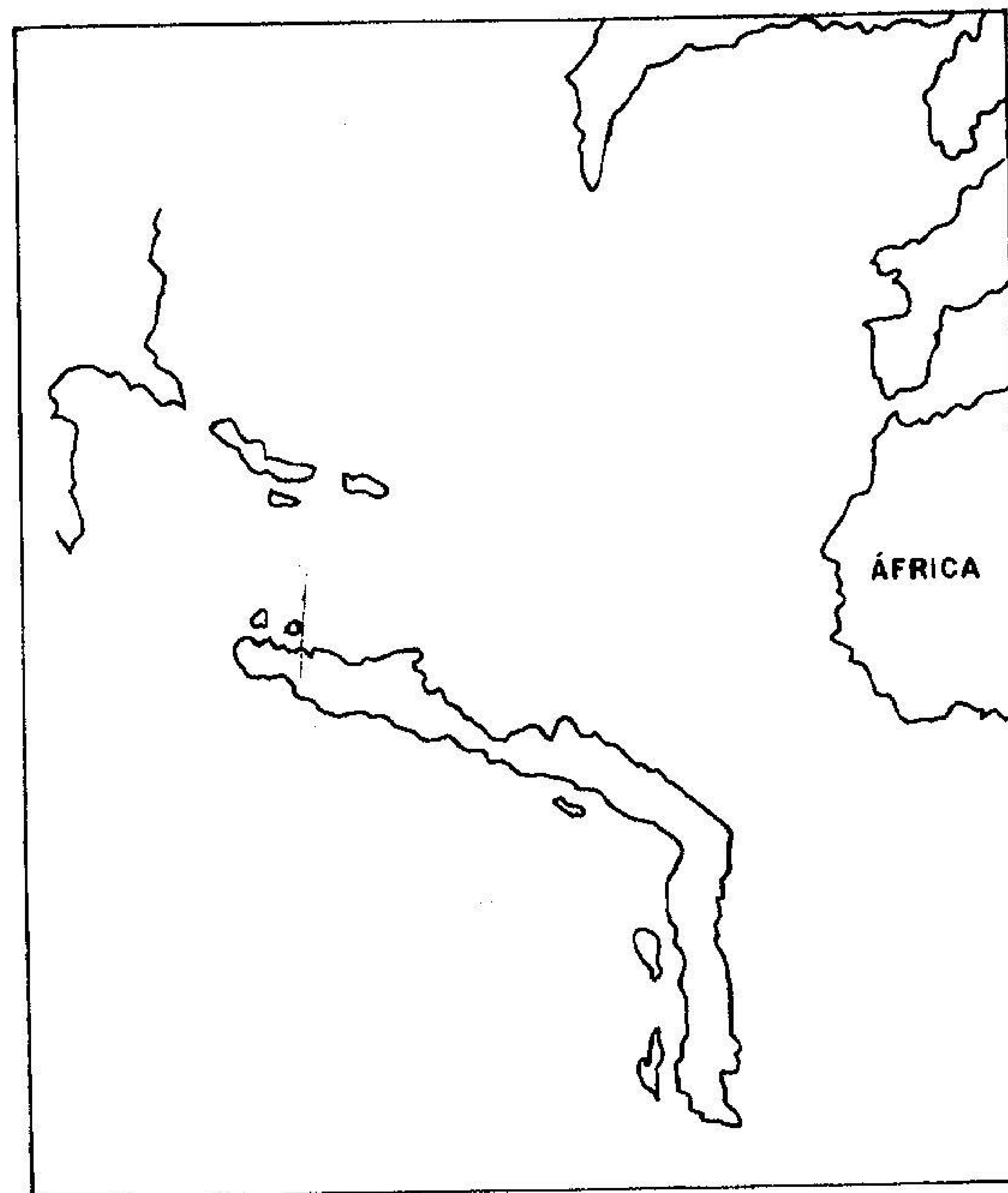


FIGURA 8. Esquema da porção ocidental do Mapa de Nicolo Caneiro Januesis, *ca.* 1502. As terras recentemente achadas aparecem como duas grandes ilhas no Oceano.

fundamental da unidade do mundo, ao recorrer a uma imagem geográfica que, na aparência, apenas corrigia a imagem tradicional acrescentando-lhe duas ilhas que em nada a alteravam substancialmente.

As considerações anteriores nos permitem entender a fundo os motivos que levaram os autores dos mapas que acabamos de mencionar a aceitar e exagerar a suposta separação entre as duas massas de terra que haviam sido achadas, pois na medida em que se exagerava essa separação, nessa mesma medida se atribuía importância a essas terras, como uma entidade geográfica comparável ao *orbis terrarum*. Visto que este expediente não solucionava na essência o problema, conforme acabamos de explicar, e visto que a experiência acumulada na exploração de Vespúcio oferecia a possibilidade real da outra alternativa, a saber, a união das duas massas de terra, não havia nenhum impedimento para que não fosse aproveitada. Nisso consiste o próximo passo do processo, que vamos estudar a seguir.

Em suma, a tese de imaginar as novas terras simplesmente como duas ilhas oceânicas foi uma primeira tentativa de explicá-las como entidades geográficas independentes, sem a necessidade de recorrer à noção tradicional, mas inaceitável para o Cristianismo, da pluralidade de mundos. Se é certo que essa tentativa foi insuficiente, nem por isso foi em vão; ao contrário e graças a ela, as novas terras, inicialmente imaginadas como uma parte da Ilha da Terra, desprenderam-se totalmente dela. Trata-se, pois, do momento crítico em que surge a necessidade de lhes atribuir um sentido próprio, um ser específico que as individualize. Por ora, no entanto, ainda não se trata da América.

XXII

Para verificar de que maneira se deu o próximo passo no processo, é necessário recorrer a outro texto famoso de Vespúcio, sua carta datada de Lisboa, no dia 4 de setembro de 1504, conhecida como a *Lettera* ou, em sua versão latina, como as *Quatuor Americi Vesputti navigationes.*[105]

O que primeiro chama a atenção é que neste documento se apresenta o conjunto das explorações sem alusão à circunstância de que, por algum tempo, as novas terras tenham sido consideradas como parte da Ásia. É que o autor simplesmente quis oferecer ao seu destinatário o panorama geral de suas viagens à luz de suas últimas conjecturas. Mas o verdadeiramente surpreendente é que já não emprega o conceito de "novo mundo", que propôs em carta anterior, como a maneira correta de conceber a massa de terra austral, cujos litorais havia percorrido. Tratemos de verificar, então, como Vespúcio agora entende as novas terras, pois elas não aparecem nem como parte do orbis terrarum nem como um desses outros orbes hipoteticamente admitidos pela ciência clássica.

Vespúcio afirma no preâmbulo que escreve de "*cosas no mencionadas ni por los antiguos ni por los modernos escritores*".[106] Esclarece, mais adiante, que seu desejo é o de transmitir o que viu "*en diversas regiones del mundo*" nas viagens que empreendeu com o objetivo de "*descubrir nuevas tierras*".[107] Esta maneira de se referir ao motivo de suas explorações como "novas terras" que formam parte "do mundo" repete-se ao longo da carta,[108] e revela uma imprecisão e uma indefinição significativas. Mas isso não é tudo: no início do relato da primeira viagem, apresentada como uma empresa descobridora de "*nuevas tierras hacia el occidente*", diz que se acharam "*mucha tierra firme e infinitas islas, muchas de ellas*

105. *Lettera de Amerigo Vespuci delle isole nuovamente trovate in quatro suoi viaggi*. Lisboa, 4 de setembro de 1504. Vespúcio, *Cartas*, 200-67; referências e nota editorial, 77-86 e 198-9. Veja-se também Levillier, *América la bien llamada*, I, 268-78; 361-6 e II, 288-94. Neste estudo, não fazemos referência à quarta navegação de Vespúcio porque foi uma viagem em que fracassaram os seus propósitos. Para um relato desta viagem, veja-se o estudo de Levillier em Vespúcio, *Cartas*, 46-52. Alguns colocam em dúvida a existência desta navegação. *Mostra Vespuciana. Catálogo*. Florença, 1955, lâminas VI e VII.
106. Vespúcio, *Cartas*, 201.
107. *Ibid.* 201.
108. *Ibid.* 203, 233, 251 e 259.

habitadas, de las quales los antiguos escritores no hacen mención", porque, acrescenta Vespúcio, *"creo que de ellas* (a terra firme e as ilhas) *no tuvieran noticia; que si bien me recuerdo, en alguno he leído que consideraban que este mar oceano era mar sin gente"*.[109] Já vimos que Vespúcio repete o argumento que aduziu em sua carta anterior para justificar como lícita a designação de mundo novo, mas agora não insiste nesse conceito nem se refere tão somente ao hemisfério austral (como na carta anterior) pois está falando das terras achadas a ocidente da Europa.

Em outras passagens,[110] a *Lettera* oferece dados de localização geográfica, mas em nenhum momento aparece a tentativa de definir ou de identificar as regiões de que trata, salvo no caso de uma das primeiras ilhas achadas por Colombo, provavelmente a Espanhola, que Vespúcio pensa ser a Antilha,[111] indício de que não considera como parte da Ásia a terra firme adjacente.

É de significativa importância, de outra parte, um dos primeiros parágrafos relativos à segunda viagem, porque nele Vespúcio nos dá a entender que havia se decidido em favor da tese da continuidade das duas massas de terra firme,[112] de onde é possível inferir-se que imaginava o conjunto das novas terras como uma unidade geográfica, uma grande barreira que corria de norte a sul ao longo dos dois hemisférios e que estava atravessada no Oceano no caminho da Europa à Ásia pela rota do ocidente.

Por último, a *Lettera* é prolixa em interessantíssimos dados e informações a respeito da riqueza das novas terras, sua flora, sua fauna e seus habitantes. Este aspecto do documento ultrapassa nossos interesses imediatos, salvo quando indica que, em nenhum momento, nada há que se possa interpretar no sentido de que

109. *Ibid.* 204-5.
110. *Ibid.* 205 e 233.
111. *Ibid.* 246.
112. *"En cuarenta y cuatro días llegamos a una tierra, que juzgamos era tierra firme y continuación de la más arriba mencionada."* Refere-se à que acharam na primeira viagem. Vespúcio, *Cartas*, 233.

Vespúcio pense que tais terras sejam asiáticas. Ao contrário, o autor traça um quadro de regiões inéditas, assombrosas e estranhas.

Da análise anterior é possível deduzirem-se duas afirmações fundamentais.

Primeira, que na *Lettera* temos o documento onde pela primeira vez o conjunto das terras achadas é concebido como uma única entidade geográfica, separada e diferente da Ilha da Terra.

Segunda, que na *Lettera*, entretanto, existe uma indeterminação a respeito do ser dessa entidade pois, ao mesmo tempo que Vespúcio abandonou o conceito de "novo mundo", nada propôs para substituí-lo. Vespúcio deve ter compreendido, pois, que se tratava de um conceito inadmissível pelo pluralismo de mundos que implicava, mas não pôde ou não quis, arriscar-se a propor o que seria adequado, dada sua nova visão das coisas.[113]

Podemos concluir, então, que na *Lettera* atualizou-se a crise que ocorreu pela primeira vez quando Colombo se viu obrigado, contra todos os seus desejos, a reconhecer que uma parte das terras achadas por ele não podia ser entendida como pertencentes ao *orbis terrarum*. Mas agora a velha imagem medieval teve que ser substituída diante das exigências dos dados empíricos e, dada a incapacidade de serem admitidos por meio de uma explicação satisfatória, surge a necessidade de se atribuir um sentido próprio a essa entidade que está ali reclamando o seu reconhecimento e um ser específico que a individualize. Vespúcio não se deu conta desta necessária implicação nem tentou fazer frente àquela necessidade. Quando isto acontecer, a América terá sido inventada.

113. Até os maiores conhecedores de Vespúcio admitem um significado ideológico maior à epístola *Mundus Novus* do que à *Lettera*, como reveladora de um novo ente geográfico. É que se associa indevidamente o conceito de "novo mundo", proposto na carta, ao de novo mundo que faz referência à América. Devido a este equívoco deixa-se sem explicação o fato de Vespúcio não ter insistido naquela designação na *Lettera*, desconhecendo-se ao mesmo tempo a mais decisiva contribuição dele ao processo ontológico americano.

XXIII

Temos agora à vista uma gigantesca barreira[114] atravessada de norte a sul no espaço que separa os extremos ocidentais e orientais da Ilha da Terra; o problema consiste em determinar que sentido ou ser será atribuído a esse imprevisto e imprevisível ente que havia brotado no Oceano. Para esclarecer esta incógnita, devemos ter ciência do conteúdo de dois famosíssimos documentos, a saber: o célebre texto intitulado *Cosmographiae Introductio*, publicado em 1507 pela Academia de Saint-Dié,[115] que incluiu a *Lettera* de Vespúcio em tradução latina, e a não menos célebre e espetacular carta geográfica destinada a ilustrá-lo, o mapa-múndi de Waldeseemüller, também de 1507[116]. (Fig. 9a)

Na *Cosmographiae Introductio* diz-se: a) que, tradicionalmente, o orbe ou a Ilha da Terra em que se abrigava o mundo, era dividido em três partes: Europa, Ásia e África; b) que em vista de recentes

114. Esta noção das novas terras como uma barreira entre a Europa e a Ásia, as fez parecer como um estorvo para realizar o velho e alucinante desejo de estabelecer um fácil contato com as riquezas do Extremo Oriente. Sentimento semelhante foi decisivo para precipitar o processo ontológico que estamos reconstruindo, que agiu como catalizador ao forçar a atenção sobre o estorvo como algo irritante que, por isso, reclama o reconhecimento da sua identidade. Isto ajuda a entender porque foi nesse momento que surgiu um interesse pelas novas terras, mas já não como uma possível e uma decepcionante Ásia; ajuda a entender também porque apareceu nesse momento um menosprezo por elas e por sua natureza, que deu lugar a esse denso fenômeno histórico que já qualifiquei de "calúnia da América" (veja-se meu livro Fundamentos de la historia de América, México, 1942, pp. 110 e seguintes); ajuda a entender porque, por último, a hipótese da unidade das novas terras, como um ente geográfico diferente e separado da Ilha da Terra, obteve um triunfo tão prematuro, em vista da sua tardia demonstração empírica, a saber: a exploração de Vito Bering no século XVIII.

115. *Cosmographiae Introductio. Cum quibusdam geometrial ac astronomiae principiis ad eam rem necesariis. In super quatuor Americi Vespucii navigationes. Universalis cosmographiae descriptio tam in solido quam plano eis etiam insertis quae Ptholomeo ignota a nuperis reperta Sunt.*

116. Waldsseemüller, Martin. *Universalis Cosmographia secundum Ptholomaei Traditionem et Americi Vespucii aliorumque lustrationes.* St. Dié ou Estrasburgo, 1507.
Referências: Jos. Fischer e Franz von Wieser, *The Oldest Map with the name America of the Year 1507 and the Carta Marina of the Year 1516 by M. Waldsseemüller. (Ilacomilus).* Innsbruck, 1903. Reproduzido pelos mesmos autores em *Die Weltkarten Waldsseemüllers*, Innsbruck, 1903.

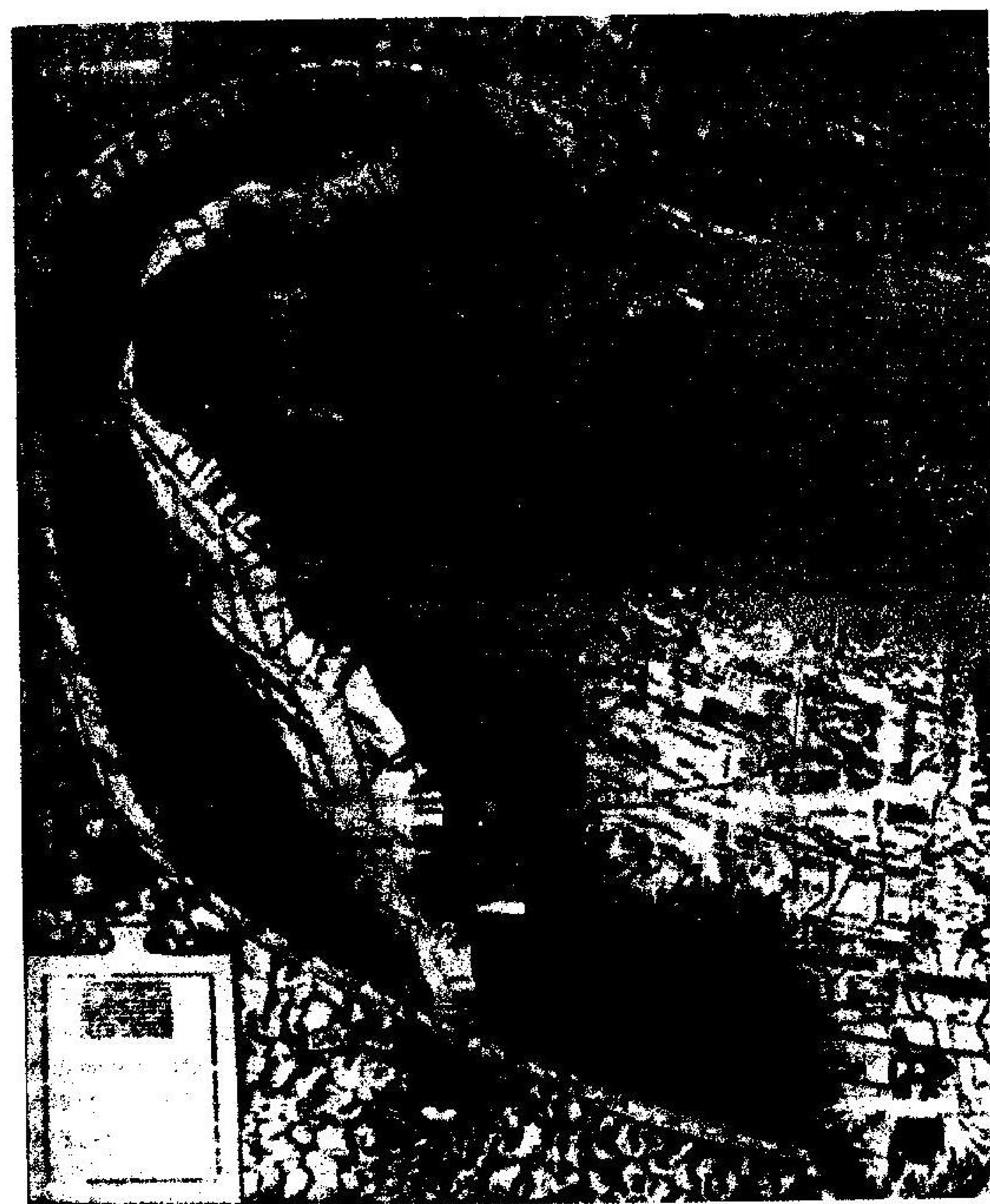


FIGURA 9a. Planisfério de Martin Waldseemüller. *Universalis Cosmographia secundum Ptolomaei traditionem et Americi Vespucii aliorumque lustrationes*, 1507. As terras recentemente achadas como a quarta parte do mundo. (O continente americano com um estreito de mar entre as massas setentrional e meridional de terra.)

explorações, apareceu uma "quarta parte"; c) que, como foi imaginada[117] por Vespúcio, não parece existir nenhum motivo justo que impeça que se a denomine Terra de Américo, ou melhor, América, pois Europa e Ásia têm nomes femininos; d) esclarece-se que essa "quarta parte" é uma ilha, diferentemente das outras três partes que são "continentes", isto é, terras não separadas pelo mar, mas vizinhas e contínuas.[118]

O mapa de Waldseemüller (Fig. 9b) ilustra graficamente os conceitos anteriores mas, para nós, sua verdadeira importância não é tanto que seja o primeiro documento cartográfico que ostenta o nome de América,[119] mas que comprova que as novas terras são concebidas como uma única entidade geográfica *independentemente de que exista ou não um estreito de mar entre as massas setentrional e meridional da gigantesca ilha.* Efetivamente, o fato de que o cartó-

117. O texto original é o seguinte: "*...et alia quarta pars per Americu Vesputiu inventa este...*" Esta foi a frase que deu sentido à idéia, segundo a qual, Vespúcio teria atribuído a si mesmo a fama que unicamente pertence a Colombo, embora não faltem aqueles que, com maior razão, reconhecem que não se pode tornar o navegador florentino responsável pelo que escreveram os autores da *Cosmographiae Introductio*. Mas, num e noutro caso, o ponto frágil desta interpretação é que supõe em ambos ou uma inexplicável ignorância a respeito do que fez Colombo ou uma injustificada má fé. Parece-nos que se trata de um falso problema, devido à falta de compreensão do verdadeiro sentido da frase. De fato, pode-se entender a referida frase de duas maneiras, segundo se entenda, por sua vez, o verbo "*invenio*" nela empregado. Se se traduz pelo verbo "descobrir", como é habitual, o problema surge; se, entretanto, se traduz, como também é possível, pelo verbo "conceber", no sentido de discorrer ou compreender, então, não só desaparecem as dificuldades, mas também se esclarece o motivo que tiveram os autores da *Cosmographiae Introductio* para considerar justo que a "quarta parte" do mundo levasse o nome de Américo, pois assim se reconhece que foi ele quem concebeu a sua existência, como de fato, foi. Esta interpretação parece ficar indiretamente confirmada pelo fato de que no mapa de Waldseemüller, de 1507, está admitida numa das suas inscrições que toda a costa setentrional da que hoje chamamos América do Sul, foi achada a mando dos reis de Castela.

118. "*...et sunt tres prime partes cótinentes/quarta es insula.*" Constata-se que o termo "continentes" está empregado sem distinção do termo "ilha", na sua acepção latina, para significar que uma coisa está próxima da outra, está junto ou é contígua a ela.

119. O nome América aparece, como todos sabem, na parte meridional da nova ilha. Esta circunstância fez pensar que o nome se refere unicamente a essa porção; mas se nos ativermos ao texto da *Cosmographiae Introductio*, que não estabelece nenhuma distinção a respeito, deve-se crer que o cartógrafo quis amparar, com esse nome, a totalidade das terras recentemente achadas.

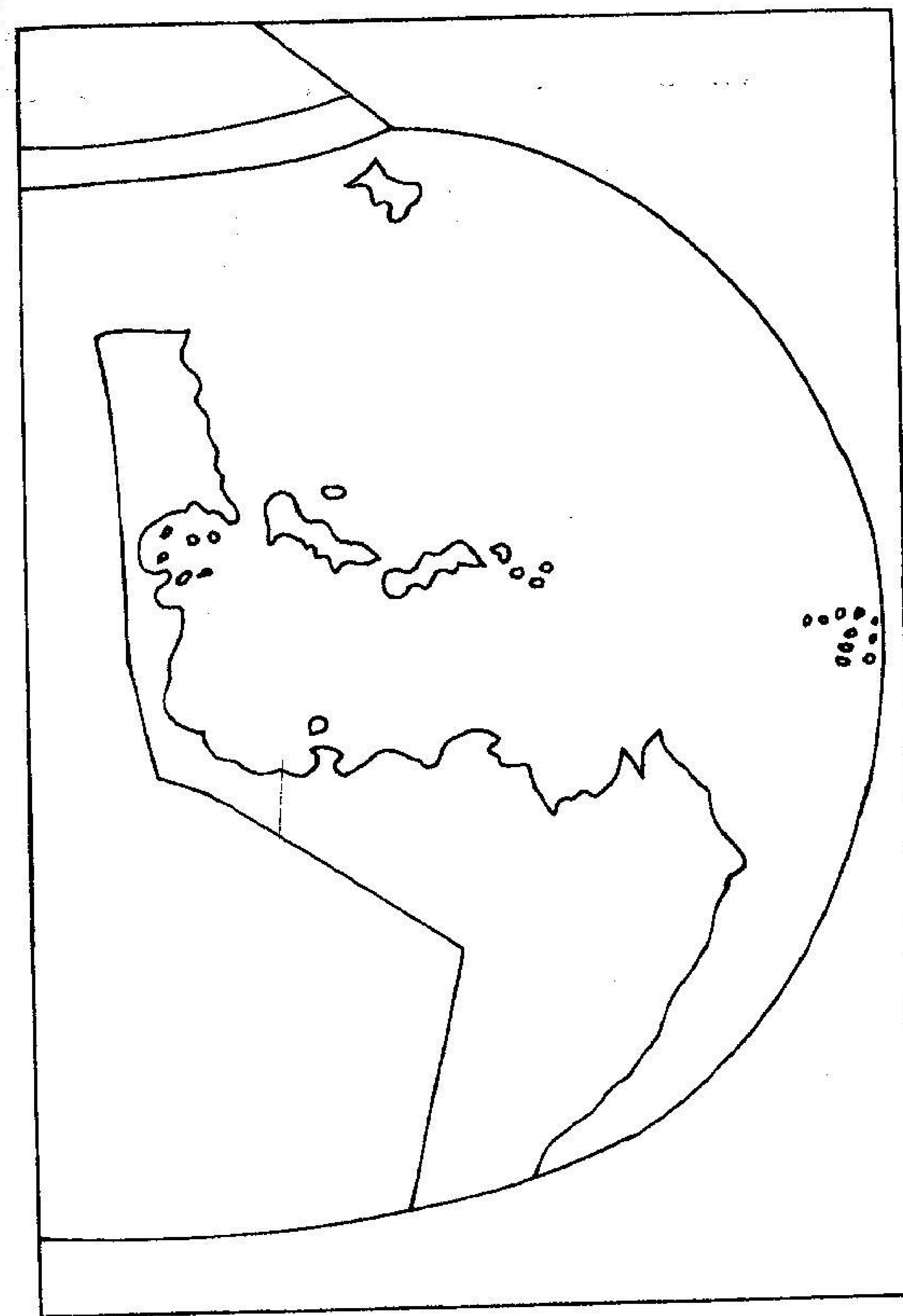


FIGURA 9b. Esquema da secção superior do mesmo planisfério. (Mostra o continente americano sem solução de continuidade.)

grafo tenha admitido ambas as possibilidades revela que agora já se trata de uma simples alternativa de interesse para o geógrafo, sem dúvida, mas carente de importância do ponto de vista da concepção unitária das novas terras.[120]

Se considerarmos esta tese dentro da seqüência do processo, constata-se de imediato que, quaisquer que sejam as suas implicações geográficas e ontológicas, atinge-se com ela um ponto culminante. Realmente, verificamos que não só se reconhece a independência das novas terras em relação ao *orbis terrarum* sendo, portanto, concebidas como uma entidade diferente e separada dele, mas também que – e isto é decisivo e novo – se atribui à referida entidade um ser específico e um nome próprio que a individualize. Mal ou bem, mas antes bem do que mal, esse nome foi o de América que, desse modo, por fim, fez-se visível.[121]

Podemos concluir que conseguimos reconstruir passo a passo e na sua integridade, o processo mediante o qual a América foi inventada. Agora já a temos diante de nós, já sabemos como ocorreu o seu aparecimento no seio da cultura e da história, não certamente como o resultado da súbita revelação de um descobrimento que tivesse exibido, de um golpe, um suposto ser misteriosamente abrigado, desde sempre e para sempre, nas terras que Colombo achou, mas como o resultado de um complexo processo ideológico que acabou, através de uma série de tentativas e hipóteses, por atribuir-lhes um sentido peculiar e próprio: o sentido do ser da "quarta parte" do mundo.

120. No desenho do mapa propriamente dito aparece o estreito de mar que se supunha pudesse existir aproximadamente à altura dos 10° de latitude norte; mas no desenho de um dos pequenos hemisférios inseridos na parte superior da carta, os litorais se prolongam de norte a sul sem solução de continuidade e oferecendo, em linhas gerais, uma extraordinária semelhança com a figura do continente americano tal como a conhecemos. O desenho do pequeno hemisfério foi amplamente divulgado na reprodução que dele fez Joannes Stobnicza na sua *Introductio in Ptholomei Cosmographiam*. Cracóvia, 1512. Referências: Nordenskiöld, *Periplus*, p.151. Reprodução: Nordenskiöld, *Facsimile-Atlas*, lâmina XXXIV.

121. A este respeito, é pertinente lembrar uma aguda observação de Nietzsche, quando diz: "a originalidade consiste em ver alguma coisa à qual ainda não se pode dar um nome, apesar de já estar à vista de todos. Conforme as pessoas se organizam, o nome é o que torna a coisa visível. As pessoas originais têm sido também, em sua maioria, as que dão nomes às coisas". (*La Gaya Ciencia*)

Com a conclusão anterior, alcançamos a meta final deste trabalho. Isso não quer dizer que aqui termina a reflexão, porque se é certo que agora já sabemos a maneira pela qual apareceu a América no cenário da história universal, não sabemos ainda qual é a estrutura do ser que, sob esse nome, foi atribuído às novas terras. É óbvio que haver mostrado de que maneira e por que motivos essas terras foram entendidas como a "quarta parte" do mundo, da mesma maneira e à semelhança da Europa, Ásia e África, não basta para revelar aquela incógnita. Abre-se, assim, perante nós a possibilidade de uma nova reflexão que, tomando como ponto de partida os resultados a que temos chegado, nos mostre em que consiste o ser da América e que nos entregue, portanto, a chave do significado da sua história e do seu destino. Semelhante reflexão excede, entretanto, os limites deste livro, de sorte que, com a ressalva de tentá-la em outra oportunidade, vamos nos restringir a expor, a seguir, as que podem ser consideradas suas articulações essenciais.